DANIELLE FRANCO DE OLIVEIRA

ESTUDO PRELIMINAR SOBRE CONDUTAS AGRESSIVAS EM CRIANÇAS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CURITIBA

Orientador: Egídio José Romanelli

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

Lisboa

2012

DANIELLE FRANCO DE OLIVEIRA

ESTUDO PRELIMINAR SOBRE CONDUTAS AGRESSIVAS EM CRIANÇAS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE CURITIBA

Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação no curso de Mestrado em Educação, Desenvolvimento e Políticas Educativas, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Professor Doutor Egídio José Romanelli
Co-Orientador: Professor Doutor Óscar Conceição de Sousa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

Lisboa

2012

Dedico esse trabalho para o meu filho Rafael,
que diariamente me lembra da beleza da maternidade e
do significado do amor incondicional!
E para minha família,
meu universo, meu mundo!!

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a Deus pela vida, força e perseverança para a realização deste trabalho.

Agradeço a minha família que me motivou nos momentos difíceis e em especial ao meu esposo Hélcio que compreensivelmente me auxiliou nas extensas e intensas horas de estudos.

A minha querida Mãe Maria Edna que apoiou e participou de debates e revisões dos assuntos referentes aos temas abordados nesta pesquisa.

A minha prima Kelly que pacientemente auxiliou na busca bibliográfica e também com os mecanismos técnicos da informática.

Ao professor Dr. Egídio José Romanelli pela paciência, dedicação, críticas construtivas, apoio e maravilhosos conselhos. Obrigada por fazer dos nossos encontros de orientação momentos tão enriquecedores que contribuíram para minha vida profissional e pessoal.

Ao Professor Dr. Oscar pela atenção e carinho durante todo o processo desse estudo.

Ao Professor Dr. Anthónio Teodoro pelo apoio e pela oportunidade de acesso e finalização do curso.

A toda Equipe da Escola Municipal Professor Dario Persiano de Castro Vellozo com a qual já convivi e essa participação foi fundamental para a definição do tema objeto deste estudo e que carinhosamente oportunizou para que tudo fosse possível. Também a todas as famílias que forneceram as informações necessárias e significativas que complementaram e enriqueceram esta pesquisa.

A Equipe Céu Encantado pela dedicação e mensagens de otimismo. Conviver com vocês é fazer da vida uma poesia. As amigas de jornada Juliana Freitas, Leilane, Jô, que me ensinam que todos os limites podem ser ultrapassados e todas as dificuldades superadas!

A amiga Agda que com suas mensagens de apoio me estimularam a dar prosseguimento a esse estudo não permitindo desistir pelo caminho e pelo amparo nos momentos difíceis!

Lembrando de toda a trajetória percorrida reforça-me a crença de que realmente existem anjos em nossas vidas...!!!

RESUMO

Este estudo procura analisar a problemática da agressividade em contexto escolar e responder às questões: o que leva as crianças a apresentarem condutas agressivas? Qual a práxis de pais e professores diante de tais condutas agressivas? Dadas as múltiplas interpretações sobre o tema agressividade, pode se considerar que o componente agressivo está presente em todas as pessoas como mecanismo de auto-preservação e está ligada à personalidade que se constitui segundo Weil (1988) pela inteligência, temperamento e caráter. Por outro lado, as relações sociais controlam as condutas e os sentimentos das pessoas. Considerando o comportamento agressivo em crianças de 6 a 10 anos, pode-se perceber que a família e a escola contribuem para a aprendizagem social e é nesses ambientes que se estabelecem as mais variadas experiências. A participação dos pais e dos professores mostrou que a agressividade e a violência são comportamentos presentes nas relações entre os escolares, devido à ausência de regras claras, de diálogo e de afeto, fatores importantes para convivência. Observou-se também a dificuldade dos pais e professores em lidar com situações de conflitos, o que demonstra pouca compreensão sobre o assunto e de como orientar a criança com conduta agressiva. Assim como se verificou a falta de diálogo entre a família e a escola, ambientes tão significativos na educação da criança.

Palavras-Chave: Comportamento agressivo. Criança agressiva. Agressividade no ambiente escolar e família**.**

ABSTRACT

This study seeks to investigate the aggressiveness problematic in a school context and to answer the questions: what leads children to show aggressive conducts? What is the praxis of parents and teachers faced with such aggressive conducts? Given the multiple interpretations of the aggressiveness theme, can be considered that the aggressive component is present in all people as a mechanism of self-preservation and it is linked to the personality which is constituted, according to Weil (1998) by intelligence, temperament and character. On the other hand, the relationships control the conducts and people feelings. Considering the aggressive behavior in children between six and ten years old, it can be realized that the family and the school contribute to social learning and it is in these environments that settle the most diverse experiences.The participation of parents and teachers, showed that the aggressiveness and the violence are behaviors present in the relations between school people, due to the absence of clear rules, dialogue and affection, all important factors for companionship. It was also noticed the difficulty of parents and teachers in dealing with conflict situations, what demonstrates little understanding about the subject and how to guide the child with aggressive conduct. As well as it was noticed the absence of dialogue between the family and school, environments so significatives in the child education.

Key-words: Aggressive behavior, aggressive child, aggressiveness in school environment and family.

LISTA DE ABREVIATURAS

C.E.I. – Centro de Educação Integral

C. T. – Conselho Tutelar

D.C.M. - Diretrizes Curriculares Municipais

E.C.A. – Estatuto da Criança e do Adolescente

L.D.B. – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

M.E.C. – Ministério da Educação

P.C.Ns. – Parâmetros Curriculares Nacionais

P.M.C. – Prefeitura Municipal de Curitiba

P.N.E. – Plano Nacional de Educação

P.P. – Proposta Pedagógica

S.M.E. – Secretaria Municipal de Educação

ÍNDICE GERAL

1. INTRODUÇÃO.....10
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....14
2.1 ENSINO FUNDAMENTAL BRASILEIRO.....15
2.1.1 Ensino Fundamental No Município De Curitiba.....20
2.1.2 A Escola: Professor Dario de Castro Persiano Vellozo.....23
2.2 COMPORTAMENTO AGRESSIVO NA INFÂNCIA, NA FAMÍLIA E NA ESCOLA.....25
2.2.1- Relação Do Ambiente Familiar e a Criança.....32
2.2.2- Infância e Agressividade no Contexto Social.....36
2.2.3- A Agressividade no Ambiente Escolar.....39
2.2.3.1- Bullying- Algumas Considerações.....42
3. PROBLEMÁTICA.....44
3.1 OBJETIVO GERAL.....46
3.1.1 Objetivos Específicos.....46
3.2 HIPÓTESES.....46
4. METODOLOGIA.....48
4.1 TIPO DE PESQUISA.....49
4.2 SUJEITOS.....52
4.2.1 Perfil da Escola.....52
4.2.2 Perfil da Comunidade Familiar.....55
4.3 INSTRUMENTOS.....62
4.4 PROCEDIMENTOS.....62
5. ANÁLISE DOS DADOS.....65
5.1 QUESTIONÁRIO A – PROFESSORES.....66
5.2 QUESTIONÁRIO B – PAIS 74
6. DISCUSSÃO.....87
7. CONCLUSÕES.....92
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....97
9. APÊNDICES.....I
10. ANEXOS.....IX

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Tipo de Moradia.....56
Gráfico 2 – Casa.....57
Gráfico 3 – Condições das ruas.....57
Gráfico 4 – Sistema de esgoto.....58
Gráfico 5 – Convênio médico.....58
Gráfico 6 – Situação conjugal.....59
Gráfico 7 – Desemprego na família.....59
Gráfico 8 – Dependência química.....60
Gráfico 9 – Bolsa Escola.....61
Gráfico 10 – Tempo de atuação do professor no Ensino Fundamental.....67
Gráfico 11– Atividades desenvolvidas pelo professor e de maio interesse dos alunos.....68
Gráfico 12– A agressividade está relacionada ao temperamento da criança.....70
Gráfico 13– Momento de maior manifestação de atitudes agressivas na Escola.....71
Gráfico 14 – Afetividade do professor frente ao comportamento agressivo do aluno.....72
Gráfico 15 – Identificação dos entrevistados.....74
Gráfico 16 – Faixa Etária dos Entrevistados.....75
Gráfico 17 – Cuidados com a criança quando os pais estão em horário de trabalho.....76
Gráfico 18 – Tempo de convivência dos pais e filhos 76
Gráfico 19 – Momentos de lazer entre pais e filho.....77
Gráfico 20 – Comportamento agressivo.....78
Gráfico 21 – Participação da criança em discussões familiares.....79
Gráfico 22 – Atitudes dos pais em relação a desobediência do filho.....80
Gráfico 23 – Agressividade e a personalidade da criança.....81
Gráfico 24 – Quando a criança é mais agressiva.....82
Gráfico 25– O que influencia o comportamento agressivo.....83
Gráfico 26 – Pais convocados pela escola.....84
Gráfico 27 – Atitude dos pais em relação a agressividade do filho na escola.....85

1. INTRODUÇÃO

O essencial é o mesmo para todos. É aquilo que não pode não ser, aquilo que dá sentido à minha vida – na dupla acepção do termo, significado e direção –, ou seja, amizade, lealdade, religiosidade, sexualidade, felicidade, fraternidade, honestidade. Precisamos de sentido para o que fazemos enquanto não morremos, para que a vida não seja vazia e desperdiçada...

Mario Sergio Cortella

O interesse para essa investigação surgiu das observações realizadas durante o trabalho pedagógico com crianças dos primeiros anos do Ensino Fundamental em escola pública, no contato com os pais e alguns familiares, que repetidas vezes queixam-se de brigas, surras e ameaças que seu filho sofre ou causa no âmbito escolar.

Por outro lado, entre os professores e inspetores existe a crescente sensação de impotência frente às atitudes de agressividade dos alunos, como: indisciplina, desrespeito, desobediência, atos antissociais, sendo estes, cada vez mais comuns no cotidiano escolar.

Entende-se que a escola é um espaço de extrema importância na vida social da criança e cenário de muitas adversidades e conflitos, de trocas de experiências, de valores, onde se vivenciam as relações interpessoais.

Porém, observa-se que o comportamento social entre os escolares vem se caracterizando por brincadeiras, apelidos destrutivos e maldosos, palavrões e por uma série de atitudes prejudiciais, não apenas para quem as pratica como para quem é envolvido em tais situações.

Nesse momento tão especial da infância, provocar, machucar, agredir o outro é quase uma prática comum nas escolas, demonstrando gradativamente a ausência de afeto. No processo educativo como refere Chalita (2008), o afeto pode "mudar comportamentos e gerar aprendizagens" (p. 50). É a afetividade que harmoniza a convivência, aproxima as pessoas, os professores dos seus alunos, os pais dos seus filhos e assim sucessivamente.

Nesse sentido, essa pesquisa analisa o comportamento das crianças em sua rotina escolar, considerando também o ambiente familiar em que vive.

Nessa perspectiva acredita-se em trabalho consistente envolvendo escola e família. Essa parceria pode oferecer inúmeros benefícios, como o respeito mútuo que minimiza o comportamento agressivo.

Parafraseando Chalita (2008), pode-se afirmar que cada pessoa tem uma história de vida e esta não se desenvolve cognitivamente nem afetivamente sem estar inserida em um grupo. Ações agressivas e destrutivas são estimuladas de acordo com o contexto de cada um.

Assim a pesquisa pretende discutir como a agressividade pode se tornar um comportamento violento e também buscar subsídios para que o ambiente familiar e escolar possa atuar lado a lado no combate às atitudes hostis.

No ambiente escolar professores e alunos vivenciam conflitos diariamente. Discussões verbais e violência física são ações que ocorrem entre os alunos, confundidas muitas vezes pelos mesmos profissionais como atos indisciplinares. Deste modo, com o

objetivo de estudar a prática da violência na escola, por alguns pesquisadores denominado bullying, realizou-se pesquisa bibliográfica sobre o assunto.

Caracterizado por educadores como um fenômeno, o bullying é uma das práticas mais cruéis de violência praticada principalmente nas escolas, pois é intencional, podendo ser tanto física como verbal contra a mesma pessoa, porém, repetidamente.

Assim investiga-se esse tema entre os escolares que freqüentam a Escola Municipal Professor Dario Persiano de Castro Vellozo, situada no bairro da Cidade Industrial de Curitiba, na qual se observam situações conflituosas.

Pretende-se estudar essa forma de comportamento agressivo entre alunos de 06 e 10 anos de idade, buscando em estudos já realizados, auxílio para possíveis soluções, devido à complexidade das atitudes, que modificam os relacionamentos no ambiente escolar, muitas das vezes por desconhecimento das informações sobre o assunto.

Essa pesquisa tornou-se possível, devido ao apoio da Equipe Pedagógica Escolar, permitindo consulta prévia ao livro de registros diários da Escola sobre a vida escolar dos alunos que apresentam conduta agressiva.

Daí a importância em perguntar se professores, inspetores, direção, setor pedagógico e outras pessoas que atuam no ambiente escolar estão preocupados e mesmo habilitados a lidar com tal questão de alta complexidade comportamental.

Contudo, a prática pedagógica na escola apresenta diferentes situações, pois, ela deve acompanhar e orientar o trabalho didático e a aprendizagem dos alunos, visto que a tríade aluno - professor - conteúdo pode não se mostrar eficiente no que se refere à educar para a convivência em sociedade.

Por outro lado, inúmeras questões surgem ao abordar o tema comportamento agressivo, principalmente quais são esses comportamentos e quais são suas possíveis causas.

Deste modo, com a intenção de elucidar tais questões este trabalho de pesquisa está dividido em dez partes. O texto é composto por Introdução, Enquadramento Teórico, Problemática, Metodologia, Análise de Dados, Discussão, Conclusões, Referências Bibliográficas, Apêndices e Anexos.

Na Introdução apresentam-se os motivos que levaram à escolha do tema.

O Enquadramento Teórico apresenta a pesquisa teórica em dois momentos. No primeiro, contemplam-se três fases: a primeira fará uma reflexão sobre o Ensino Fundamental no Brasil e no município de Curitiba, local onde está situada a Escola objeto deste estudo; a

segunda refere-se ao ambiente escolar onde se processaram as entrevistas e descreve sua origem, projeto político pedagógico e seu entorno.

No segundo momento, a pesquisa teórica é sobre o Comportamento Agressivo – busca-se compreender as idéias de vários autores das ciências humanas sobre o tema agressividade. Neste capítulo pretende-se entender a relação da criança agressiva em seu ambiente social dividindo-se em quatro partes: na primeira, destaca-se a família como ambiente fundamental para o desenvolvimento infantil e aprendizagem social, a ausência do diálogo, as modificações estruturais que ocorreram nos últimos anos; na segunda aborda-se a infância e a agressividade no contexto social e sua influência em seu desenvolvimento; a terceira parte destaca o papel da escola frente à conduta anti-social entre escolares, e a quarta conceitua o comportamento bullying.

A Metodologia refere-se às opções metodológicas utilizadas, enfatizando a utilização do questionário como recurso para coleta de dados. Contemplam-se os sujeitos pesquisados, os instrumentos e procedimentos utilizados.

Na Análise de Dados apresenta-se os gráficos e as respostas individuais coletadas dos entrevistados enfatizando a importância do núcleo familiar e da escola na a aprendizagem social da criança.

Nas Conclusões desta pesquisa apresentam-se algumas respostas sobre o comportamento agressivo em crianças de 6 a10 anos de idades, reflexões sobre todo o processo e sobre a discussão dos resultados analisados.

Para a realização deste trabalho está referendada a consulta bibliográfica utilizada.

2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Necessários homens, necessários livros, necessárias escolas! A violência não edifica; destrói! O homem sem idéias gerais, não organiza, esfacela! Sem a renúncia de si mesmo, impossível bem servir a família, a pátria, a humanidade. O homem que se faz homocêntrico bane as possibilidades altruísticas.

Professor Dario Persiano de Castro Velloso

2.1 ENSINO FUNDAMENTAL BRASILEIRO

Ao analisar a legislação educacional brasileira constata-se a evolução da escolaridade obrigatória e a qualidade de ensino: "O estado garantirá ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria" (Brasil, Constituição, 1988, art. 208, I.).

Em 1961, o ensino obrigatório era composto por quatro anos de escolaridade, de acordo com a Lei número 4.024. Em 1970, essa obrigatoriedade foi ampliada para seis anos e em 1971 com a Lei número 5.692 determinou-se a extensão para oito anos.

Em 20 de dezembro de 1996, o governo federal sanciona a lei número 9.394, das Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Indicando para um ensino obrigatório de nove anos de duração, a iniciar-se aos seis anos de idade, o que, por sua vez, tornou-se meta da educação nacional pela Lei no 10.172/2001, que aprovou o Plano Nacional de Educação (PNE).

A LDB norteia o Ensino Fundamental Brasileiro e tem como finalidade "desenvolver o educando, assegurar-lhe formação indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores" (1996, Art. 22). Essa Lei destaca a importância da escola no processo educacional, dando-lhe autonomia e incentivo para sua organização e aplicação pedagógica.

Finalmente, em 6 de fevereiro de 2006, a Lei no 11.274, altera a redação da LDB e institui o ensino fundamental de nove anos de duração com a inclusão das crianças de seis anos de idade.

> Art. 32: o ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social (Brasil, 2006, Art. 32).

O Ensino Fundamental brasileiro é de responsabilidade dos Estados e Municípios e a eles cabe definir "formas de colaboração na oferta do ensino fundamental, as quais devem

assegurar a distribuição proporcional das responsabilidades, de acordo com a população a ser atendida e os recursos financeiros disponíveis em cada uma dessas esferas do Poder Público" (Brasil, LDB, 1996 Art.10º, II).

O Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação homologa em 1998 a resolução que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o Ensino Fundamental. As Diretrizes formam um conjunto de princípios, fundamentos e procedimentos da educação básica que orientam as escolas brasileiras nos sistemas de ensino, na organização, desenvolvimento e avaliação das propostas pedagógicas.

> Art. 3º. São as seguintes as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental: I - As escolas deverão estabelecer como norteadores de suas ações pedagógicas: a) os princípios éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum; b) os princípios dos Direitos e Deveres da Cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática; c) os princípios estéticos da sensibilidade, da criatividade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais (Brasil, DCN, Resolução CNE/CBE 02/1998).

Essa resolução, também garante a igualdade de acesso para os alunos a uma base comum, que visa estabelecer qualidade pedagógica na diversidade e na relação entre a educação fundamental e a vida cidadã. São estudados temas como a saúde, a sexualidade, a vida familiar e social, o meio ambiente, o trabalho, a ciência e a tecnologia, a cultura, as linguagens.

Também se contemplam as áreas de conhecimento: Língua Portuguesa, para população indígena e migrante (língua Materna), Matemática, Ciências, Geografia, História, Língua Estrangeira, Educação Artística, Educação Física, Educação Religiosa. Deste modo, as escolas devem observar as DCN e os dispositivos legais ao elaborar a sua Proposta Pedagógica (PP).

Com a aprovação da Lei no 11.274/2006, ocorre a inclusão de um número maior de crianças no sistema educacional brasileiro, especialmente aquelas pertencentes aos setores populares, uma vez que as crianças de seis anos de idade das classes média e alta já se encontram, majoritariamente, incorporadas ao sistema de ensino – na pré-escola ou na primeira série do ensino fundamental.

De acordo com a legislação, o ensino brasileiro apresenta-se em quatro graus distintos:

Educação Infantil. Destina-se a crianças menores de seis anos. São os denominados Maternais, Jardim de Infância ou Pré-Escola.

Ensino de 1º grau ou fundamental. Tem duração de nove anos letivos e é obrigatório dos seis aos quatorze anos. Deve ter um mínimo de oitocentas horas anuais de atividades.

Ensino de 2º grau ou Ensino Médio com duração de três anos e Ensino de 3º grau ou Ensino Superior com duzentos dias de trabalho acadêmico efetivo.

A L.D.B. garante a continuidade dos estudos para aquelas pessoas que não puderam concluir seus estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria, conforme está descrito no Art. 37º.

A ampliação do ensino fundamental para nove anos objetiva a qualificação do ensino e da aprendizagem da alfabetização, pois a criança terá mais tempo para se apropriar desses conteúdos.

Ao compreender-se a realidade como caracterizada pelas constantes transformações educacionais torna-se necessário encontrar métodos adequados na educação, para que o conhecimento se integre a essas mudanças.

Em 1997, o Ministério da Educação (M.E.C.) publicou os Parâmetros Curriculares Nacionais (P.C.Ns.) baseados no texto constitucional, fornecendo subsídios teóricos e metodológicos a serem estudados e interpretados pelas equipes pedagógicas das escolas. OS PCNs são orientações e referências para cada etapa do ensino fundamental e do ensino médio. Este documento propõe uma educação comprometida com a cidadania a considerar:

> Dignidade da pessoa humana: Implica respeito aos direitos humanos, repúdio à discriminação de qualquer tipo, acesso a condições de vida digna, respeito mútuo nas relações interpessoais, públicas e privadas. Igualdade de direitos: Refere-se à necessidade de garantir a todos a mesma dignidade e possibilidade de exercício de cidadania. Para tanto há que se considerar o princípio da eqüidade, isto é, que existem diferenças (étnicas, culturais, regionais, de gênero, etárias, religiosas, etc.) e desigualdades (socioeconômicas) que necessitam ser levadas em conta para que a igualdade seja efetivamente alcançada. Participação: Como princípio democrático, traz a noção de cidadania ativa, isto é, da complementaridade entre a representação política tradicional e a participação popular no espaço público, compreendendo que não se trata de uma sociedade homogênea e sim marcada por diferenças de classe, étnicas, religiosas, etc. Co-responsabilidade pela vida social: Implica partilhar com os poderes públicos e diferentes grupos sociais, organizados ou não, a responsabilidade pelos destinos da vida coletiva. É, nesse sentido, responsabilidade de todos a construção e a ampliação da democracia no Brasil (Brasil, Secretaria do Ensino Fundamental, 1997, p. 20).

Essa nova redefinição de como abordar os conteúdos sugeridos pelos P.C.Ns. têm como finalidade construir uma referência curricular nacional para o ensino fundamental, que possa ser discutida e que possa ser flexível em todas as propostas regionais nos Estados brasileiros, dando subsídios ao trabalho pedagógico, levando em consideração a diversidade cultural de cada região do país.

Além dos conhecimentos tradicionais que estruturam o trabalho escolar: Matemática, Língua Portuguesa, Ciências Naturais, História, Geografia, Arte, Educação Física, Língua Estrangeira, os P.C.Ns. oportunizam discussão sobre algumas questões sociais: Meio Ambiente, Pluralidade Cultural, Ética, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo, considerados como temas essenciais para o exercício da cidadania. Foram denominados Temas Transversais que apresenta como finalidade o critério:

> que os alunos possam desenvolver a capacidade de posicionar-se diante das questões que interferem na vida coletiva, superar a indiferença, intervir de forma responsável. Assim, os temas eleitos, em seu conjunto, devem possibilitar uma visão ampla e consistente da realidade brasileira e sua inserção no mundo, além de desenvolver um trabalho educativo que possibilite uma participação social dos alunos (Brasil, Secretaria do Ensino Fundamental, 1997, p. 20).

Sendo assim, os pressupostos teóricos devem estabelecer uma estrutura que comungue com a realidade do conhecimento escolar, visto que cada escola caracteriza-se de acordo com a cultura local.

Em toda estrutura e organização do ensino brasileiro incentiva-se a educação voltada ao diálogo, à sustentabilidade, ás relações sociais. É o que determinam a Constituição, a L.D.B. e os Parâmetros Curriculares.

Em 2001 é sancionada a Lei Número 10.172 que aprova o Plano Nacional de Educação (P.N.E.), com duração de dez anos. O P.N.E. é um documento que estabelece tudo aquilo que o país precisa fazer para que a educação atinja níveis desejáveis de investimentos, qualidade, quantidade de vagas nas escolas e universidades, entre outros.

Constata-se que na "vigência dessa Lei, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão, com base no Plano Nacional de Educação, elaborar planos decenais correspondentes" (Brasil, 2001, Art. 2). Logo, o plano tem como principais objetivos: a elevação do nível de escolaridade da população, melhoria da qualidade de ensino, redução das desigualdades sociais e regionais referentes ao acesso e permanência na educação pública e democratização da gestão no ensino público.

Porém, a Educação Brasileira tem ainda muitos desafios a superar como erradicar o analfabetismo, a evasão escolar, as desigualdades regionais, o baixo aproveitamento escolar, a defasagem idade/ano, a repetência e também se faz necessário uma tomada de posição em relação ao comportamento social entre os escolares.

Para Moraes, os "diagnósticos da realidade educacional fragmentam o todo, privilegiam as partes, setorizam os problemas, intervêm numa realidade apenas parcial e desconsideram as relações com totalidade" (1997, p. 14).

Previsto nos Temas Transversais como o ensino e aprendizagem de valores, as relações sociais implicam eleger valores que se aprendem na escola. "Os valores orientam as ações e possibilitam fazer juízo crítico sobre o que se toma como objeto de análise" (Brasil, Secretaria do Ensino Fundamental, 1997, p. 33).

Para Paulo Freire:

> Formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e de aprender com o diferente, não permitir que o nosso mal estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusá-lo do que não fez são obrigações a cujo cumprimento devemos humilde mas perseverantemente nos dedicar. É... importante que os estudantes percebam as diferenças de compreensão dos fatos (...) (1996, p. 18).

Para o autor uma das tarefas mais importantes da prática docente "é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda em assumir-se" *(*Freire, 1996, p.46).

Deste modo, para o mesmo autor a "solidariedade social e política de que precisamos para construir a sociedade menos feia e menos arestosa, em que podemos ser mais nós mesmos, tem na formação democrática uma prática de real importância" (p. 47).

É pertinente salientar que o caráter socializante da escola precisa ser revisto no currículo nacional, pois a violência que permeia as escolas de todo o país viola regras, transgride normas, gerando sérios conflitos.

Como destaca Paulo Freire:

> Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição (...) (1983, p. 51).

2.1.1 Ensino Fundamental no Município de Curitiba

A Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases (L.D.B.), Capitulo II, Artigo 23, estipula que "a educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar".

A Secretaria Municipal de Educação (S.M.E.) solicita a implantação dos Ciclos de aprendizagem de 1ª a 8ª séries e em 12 de novembro de 1999 essa solicitação é aprovada pelo PARECER Nº487/99.

Essa mudança ocorreu em decorrência da reflexão iniciada em 1996 sobre o processo ensino-aprendizagem, diante da necessidade de reorganizar o tempo escolar em decorrência do baixo desempenho escolar apresentado pelos alunos do Ensino Fundamental.

O ensino fundamental na Prefeitura Municipal de Curitiba (P.M.C.) está organizado em quatro ciclos, sendo cada ciclo dividido em duas etapas:

Ciclo 1 - 1ª e 2ª etapa – (Educação Infantil, 1ª e 2ª séries)

Ciclo 2 - 1ª e 2ª etapa - (3ª e 4ª séries)

Ciclo 3 - 1ª e 2ª etapa – (5ª e 6ª séries)

Ciclo 4 - 1ª e 2ª etapa – (7ª e 8ª séries)

Agora com os noves anos do ensino, os ciclos caraterizam-se da seguinte forma:

Ciclo 1 – 1º , 2º e 3º anos

Ciclo 2 – 4º e 5º anos

Ciclo 3 – 6º e 7º anos

Ciclo 4 – 8º e 9º anos

De acordo com o projeto da SME para a reorganização das séries em Ciclos, a avaliação é realizada em processo formativo e contínuo, de caráter participativo e dinamizador do processo de aquisição do conhecimento pelo aluno.

Esta avaliação visa ao acompanhamento das aquisições sucessivas que o aluno faz ao longo do processo educativo, considerando seus avanços e conquistas, permitindo o estabelecimento de relações entre as ações didáticas e as estratégias de aprendizagem e possibilitando indicativos para a superação das dificuldades ocorridas durante o processo ensino-aprendizagem.

Desta forma os alunos serão avaliados podendo ou não ter progressão para outro ciclo mediante o acompanhamento diário das atividades propostas pelo plano curricular. Esta avaliação é exercida pelos professores, pedagogos e conselho de classe. Também se leva em consideração a freqüência.

Em 2005, a fim de melhorar a qualidade de ensino, a SME após discussões, pesquisas, reflexões, participações ativas dos Centros de Educação Infantil e escolas, reavaliou e adaptou as Diretrizes Curriculares para o Município (D.C.M.) norteadas sobre três princípios: a Educação para o Desenvolvimento Sustentável, a Educação pela Filosofia, a Gestão Democrática.

> Pretende-se assim priorizar o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, garantindo o acesso e a permanência desses na escola, evitando a evasão e o abandono escolar; a ampliação do percentual de progressão dos estudantes ao final de cada ciclo do Ensino Fundamental; a redução da taxa de analfabetismo, ampliando o aumento da escolaridade da população; a adequação dos padrões de infra-estrutura de todas as unidades educacionais e a promoção de ações que garantam a autonomia financeira, administrativa e pedagógica das escolas da Rede Municipal do Ensino (RME) de Curitiba (Curitiba, S.M.E., 2006. vol. 01, p.11).

As Diretrizes Curriculares Municipais buscam orientar a prática pedagógica dando subsídios teóricos e foram editadas em quatro volumes: Volume 1 – Princípios e Fundamentos; Volume 2 – Educação Infantil; Volume 3 – Ensino Fundamental; Volume 4 – Educação Especial e Inclusiva, Educação Integral, Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Desses volumes originaram-se em 2006 os Cadernos Pedagógicos. Esses Cadernos são manuais de sugestões de atividades práticas a serem trabalhadas pelos professores em sala de aula no Ensino fundamental e Infantil.

Distribuídos em áreas do conhecimento estão subdivididos em onze volumes para o Ensino Fundamental: Geografia, Ensino Religioso, Matemática, Educação Física, História, Alfabetização, Língua Estrangeira Moderna, Língua Portuguesa, Ciências, Artes e Critérios de Avaliação da Aprendizagem Escolar. A Educação Infantil recebeu os cadernos: Linguagens, Infância: Tempos e Direitos, Referências para Estudo e Planejamento e Rotina. O 1º Ano do Ensino Fundamental foi referenciado com uma edição especial: o Caderno 9 anos (baseado no documento enviado pelo M.E.C.):

> Retomando as idéias iniciais deste texto, é preciso, ainda, que haja, de forma criteriosa, com base em estudos, debates e entendimentos, a reorganização das propostas pedagógicas das secretarias de educação e dos projetos pedagógicos das escolas, de modo que assegurem o pleno desenvolvimento das crianças em seus aspectos físico, psicológico, intelectual, social e cognitivo, tendo em vista alcançar os objetivos do ensino fundamental, sem restringir a aprendizagem das crianças de seis anos de idade à exclusividade da alfabetização no primeiro ano do ensino fundamental de nove anos, mas sim ampliando as possibilidades de aprendizagem (Curitiba, S. M. E., 2007, vol. 09, p. 09).

A SME oferta capacitações para professores e pedagogos treinando-os na utilização dos recursos sugeridos pelos Cadernos Pedagógicos.

Como outras cidades brasileiras, Curitiba enfrenta uma série de dificuldades educacionais, principalmente em escolas situadas em regiões periféricas, como o analfabetismo, evasão escolar, baixo rendimento escolar.

A S.M.E. na tentativa de solucionar tais problemas, oferta programas e projetos educacionais, sendo um deles a Comunidade Escola. Este programa oferece à comunidade local, acesso ao conhecimento, valorizando as escolas municipais. Ou seja, na prática as escolas são abertas às famílias e às crianças da região para participarem de atividades alternativas nos finais de semanas, estruturadas em cinco eixos conforme as sugestões das Diretrizes Curriculares Municipais:

> Esporte e lazer; saúde; educação inclusiva e cidadania; cultura; e empreendedorismo – são planejadas por um comitê local a partir das demandas da comunidade. Esse comitê deve ser composto por vários segmentos da sociedade, entre os quais representantes das famílias, dos estudantes, dos professores, dos empresários e dos membros da comunidade, e ainda de agentes sociais da Prefeitura Municipal de Curitiba (Curitiba, S. M.. E., 2006, vol. 01, p. 19).

Outro fator importante a destacar neste município é a educação voltada à sustentabilidade, como a preservação do meio ambiente como por exemplos: o controle do consumo de água, a reciclagem de materiais reaproveitados (plástico, alumínios, papel, entre outros). Desta forma muitas escolas têm em seu projeto político pedagógico aulas, ou projetos de conscientização ambiental.

De modo geral, o município de Curitiba prevê uma educação voltada para os princípios éticos da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum.

Também os direitos e deveres da cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática; e os princípios estéticos da sensibilidade, da criticidade e da diversidade de manifestações artísticas e culturais, conforme documentado nas Diretrizes Curriculares Municipais, Resolução 02 da Lei de 7 de abril de 1998.

2.1.2 A Escola: Professor Dario Persiano de Castro Vellozo

A Escola Municipal Professor Dario Persiano de Castro Vellozo recebeu este nome em homenagem ao educador, pensador e poeta do simbolismo brasileiro nascido em 26 de novembro de 1869 no Rio de Janeiro. Professor atuou no Colégio Paranaense, hoje Colégio Estadual do Paraná, nas áreas de História, Sociologia, Moral e Cívica. Entre seus feitos está a fundação do Centro de Letras do Paraná e da Revista ”O Cenáculo”. Faleceu em Curitiba no dia 28 de setembro de 1937.

Fundada em 1993, a escola iniciou suas atividades compartilhando a mesma área com a Escola de Educação Especial Ali Bark. Nesta época o prédio da escola ainda estava em construção, por este motivo funcionava no espaço físico de C.E.I. – Centro de Educação Integral, o qual comportava seis salas de aula. Em meados de 1995 a referida escola transferiu-se para outro local. A partir desta data foi incorporado ao patrimônio o prédio antes ocupado pela escola especial.

Esse espaço passou por reformas e adaptações e a escola cresceu gradativamente, sendo que atualmente conta com quatorze turmas no período da manhã, treze turmas no período da tarde e duas turmas que atendem a Educação de Jovens e Adultos, no período noturno.

Devido à grande procura por vagas e atendendo a solicitações da comunidade, a escola nunca funcionou como C.E.I. (Centro de Educação Integral). Conforme o Decreto nº 504, publicado em Diário Oficial de 10 de setembro de 1999, a escola que era denominada até então de C.E.I. passou a ser chamada de Escola Municipal.

Até o ano de 1998, a organização de ensino era pelo regime seriado e em 1999, optou-se pela organização de ensino por ciclos de aprendizagem com base na Lei 9.394/96, Capitulo II, Artigo 23.

Para Saviani (1998, p.43), "o exercício da interdisciplinaridade e da educação emancipadora nos seus diversos aspectos, o compromisso político-pessoal e coletivo, é a principal mola propulsora".

Em 2009 houve a implementação do contra-turno, ofertando vagas para o período integral conforme Parecer n.º 201/92, aprovado em 04 de setembro de 1992, pelo Conselho Estadual de Educação.

A organização contempla em um dos períodos (matutino ou vespertino) atividades esportivas e culturais e no período contrário os alunos freqüentam as salas de aula em que são matriculados. Nesse sentido, os alunos freqüentam a escola em tempo Integral.

A Proposta Pedagógica (P.P.) da Escola tem como foco oportunizar ao aluno a construção de uma visão integrada da realidade em sua totalidade, isto é, na sua dimensão social (cultural e econômica), psíquica (intelectual e emocional) e biológica (condições físicas).

Para que o aluno se desenvolva integralmente são necessárias ações que flexibilizem e revitalizem os tempos e espaços didáticos, permitindo maior aprofundamento dos processos de aprendizagem conforme sugere o PARECER Nº 487/99 APROVADO EM 12/11/99.

O processo de organização Pedagógica da Escola, de acordo com a P.P tem como tarefa envolver todos os membros da comunidade escolar no compromisso de articular coletivamente mudanças necessárias para que haja no ambiente confiança e decisões partilhadas para efetivação de um projeto educativo consciente e que vise a qualidade do ensino e favoreça a compreensão e a intervenção nos fenômenos sociais, naturais e culturais, possibilitando o exercício da cidadania.

A escola para Saviani "(...) há de ser criadora o suficiente para além de transmitir os conhecimentos científicos, dotar aluno da capacidade de buscar informações, segundo as exigências de sua atividade principal e de acordo com as necessidades do desenvolvimento individual e social" (1998, p. 52).

Também, a P.P. enfatiza a importância da escola e dos professores desenvolverem um trabalho coletivo com objetivo de mediar o contexto social, o currículo e os alunos, no sentido de possibilitar-lhes a reflexão necessária para aquisição de elementos que os leve a agir com autonomia e responsabilidade.

2.2 COMPORTAMENTO AGRESSIVO NA INFÂNCIA, NA FAMÍLIA E NA ESCOLA

> As emoções, portanto, são importantes para a racionalidade. Na dança entre sentimento e pensamento, a faculdade emocional guia nossas decisões a cada momento, trabalhando de mãos dadas com a mente racional e capacitando – ou incapacitando – o próprio pensamento. Do mesmo modo, o cérebro pensante desempenha uma função de administrador de nossas emoções – a não ser naqueles momentos em que elas lhe escapam ao controle e o cérebro emocional corre solto.
>
> Goleman (1995, p. 42)

Partindo da premissa que as relações humanas têm profunda influência na formação de uma pessoa desde sua concepção até o fim da sua jornada, interferindo diretamente na personalidade e no comportamento de cada um, pode-se crer que viver em sociedade requer disciplina, atenção, obrigações, para que se possam estabelecer condições favoráveis de convivência com o próximo. Esses fatores estão ligados a valores, os quais se aprendem desde muito cedo e são transmitidos pela família, escola, crença religiosa e leis que regem toda a comunidade e sociedade.

A história registra, no entanto, a dificuldade que os homens encontraram em estabelecer a paz e a convivência entre si. A herança rudimentar marcada pela barbárie e pela instituição do "olho por olho, dente por dente" persiste em condutas que exprimem uma hereditariedade que ao longo dos séculos lentamente tenta-se controlar.

Estudos e pesquisas tentam compreender o comportamento agressivo, uma vez que o componente agressivo da conduta humana se estende por toda a espécie e alguns teóricos o definem como instinto.

Train (1977) apresenta a agressividade como "a energia acumulada a tal ponto que explode. É altamente volátil, espontânea e perigosa por sua imprevisibilidade" (p. 15). E continua: "advém de uma tendência inata para crescer e dominar o mundo ao nosso redor. Pode ser percebida como uma característica de todas as formas de vida" (p. 34).

No sentido natural a agressividade no homem compreende-se como um mecanismo instintivo de defesa e ataque favorável à luta pela sobrevivência como a caça, as conquistas, a

competição com o outro, predominando o controle do ambiente e a evolução da espécie, principalmente na fase primária da evolução humana.

Nesse sentindo faz-se necessário atentar para a opinião de Storr (1970) sobre a agressividade:

> existe um mecanismo psicológico que, quando estimulado, dá origem tanto a sentimentos objetivos de ira como também de mudanças físicas que preparam o corpo para a luta. Esse mecanismo é facilmente disparado e, como outras respostas emocionais, é estereotipado e, nesse sentido, instintivo (p. 26).

Para o mesmo autor a agressividade é um impulso natural do homem que tem como função a conservação do indivíduo.

Montagu (1978) também comunga dos mesmos pensamentos de Storr em relação à agressividade, como sendo inata e fruto da adaptação biológica comum nos animais e nos homens e classifica-a de acordo com o estímulo que a provoca:

> Predatória: provocada pela presença de uma presa natural; Antipredatória: provocada pela presença de um predador; Territorial: como defesa de uma região contra um intruso; De domínio: provocada pelo desafio no grupo ou a seu desejo de possuir um objeto; Maternal: provocada pela proximidade de algum agente ameaçador a prole de determinada fêmea; Desmame (...); Disciplinar (...); Sexual: provocada pelas fêmeas com objeto de acasalar-se (...); Ligada ao Sexo: provocada pelo competidor macho (...); Produzida pelo Medo: (...) ou pela presença de um agente ameaçador; Irritável: provocada pela presença de qualquer organismo ou objeto atacável; Instrumental qualquer mudança no meio ambiente como conseqüência dos tipos de agressividade acima descritos (...) (p.19).

Para Lorenz (1979), a agressividade é um comportamento genético potencial em qualquer organismo que pode ser ativado por um estímulo desencadeador. O autor cita três funções do comportamento agressivo do homem primitivo: “a repartição de seres vivos semelhantes no espaço vital disponível, a seleção efetuada pelos combates entre rivais e a defesa da prole” (p. 54). A conservação da espécie exigiu que o homem manifestasse ação agressiva, pois, o ambiente natural é um lugar onde ameaças e hostilidades são presentes e precisam ser vencidas para preservar a espécie.

O mesmo autor destaca que quanto mais evolui a espécie humana maior e mais significativa é a experiência individual e a aprendizagem, de modo que o autor define essa evolução como coexistência social, para ele: “a coexistência social exerce uma pressão à

seleção levando a um melhor desenvolvimento da faculdade de aprender, pois esta aproveita, nos animais sociais, não apenas ao indivíduo, mas também à comunidade" (p. 57).

Para Montagu (1978), a organização cultural do homem como responsável pela vontade de dominar, de alterar o processo evolutivo e o comportamento das pessoas como a criação de ferramentas, as normas de união entre homens e mulheres, as regras do grupo social e a cooperatividade intensificou sua capacidade de aprender. O autor continua:

> O desenvolvimento da aprendizagem e da inteligência teve tanto valor seletivo para a evolução dos seres humanos, e gerou a característica própria da espécie, que distingue os seres humanos de todas as outras criaturas vivas, ou seja, sua grande educabilidade (p. 75).

E também afirma que:

> quaisquer que sejam os potenciais genéticos para o comportamento agressivo com que o indivíduo nasce, quaisquer que sejam as tendências biológicas o meio social é capaz de condicionar de tal forma o indivíduo que ele ou ela é capaz de desenvolver-se como uma pessoa fundamentalmente não agressiva (p. 277).

Pode-se dizer que a agressividade é determinada pela filogênese e pelo meio cultural do homem, no qual se formam os laços sociais que constroem a base da sociedade humana, conforme afirma Lorenz (1979):

> os laços pessoais formaram-se pela primeira vez numa altura da evolução em que a solidariedade de dois ou vários indivíduos se tornou necessária para cumprir qualquer tarefa útil à conservação da espécie... . Sem dúvida o laço do amor foi originado em muitos casos a partir da agressão intra-específica e, em vários casos conhecidos, pela ritualização de uma agressão ou de uma ameaça reorientadas. Como os ritos nascidos deste modo estão ligados à pessoa do companheiro e mais tarde se transformam numa necessidade enquanto atos instintivos independentes, eles tornam a presença do parceiro absolutamente necessária e fazem dele o *animal que tem mais valor de lar* (p. 226).

Assim, entende-se que viver em sociedade é cumprir exigências funcionais que organizam a interação de um determinado grupo. Lorenz sintetiza que "as normas de comportamento representam para cada ser humano normal motivações e são por ele sentidas como valores..." (1979, p. 258).

Deste modo, encara-se a violência e a agressividade como um conjunto de ações que causam a ruptura destas normas sociais. Tais ações são caracterizadas por explosões de atos

enlouquecidos, marginalidade, brutalidades físicas (espancamentos, assassinatos), entre tantos outros que a mídia registra com freqüência, comportamentos estes que nenhuma pessoa admite praticar. No entanto, marcam gerações, que manipulam as famílias e se infiltram nas escolas traduzindo-se nas mais diversas formas de condutas e atitudes hostis.

Essas ações são classificadas por Fante (2005) do seguinte modo:

> Quanto aos graus: Violência Simples ou Pontual: um ou mais agressores atacam esporadicamente uma vítima, motivados por um desentendimento que acaba gerando conflitos; Violência Complexa ou Freqüente: um ou mais agressores atacam habitual e repetidamente uma mesma vítima, sem motivo evidente. Quanto à forma: Violência Direta: contra pessoas, interpessoal; Violência Indireta: contra utensílios, bens ou patrimônios. Violência Implícita, velada; Violência "Explícita, identificada. Tipo de violência: Violência física e sexual; Violência verbal. Violência psicológica. Violência fatal. Quanto ao nível: mais discentes; mais docentes; menos funcionários, menos pais, menos instituições. Quanto às dimensões: Violência no interior da escola (relações interpessoais, furtos, tráficos de armas, drogas). Violência no entorno da escola (idem). Violência da Escola (intimidação; disciplinarização dos corpos e das mentes, todos de ensino, relação comunidade escolar e desesperança quanto ao papel da escola). Quanto às determinantes: Fatores biológicos, pessoais, familiares, sociais, cognitivos, ambientais (p. 159).

Continua a autora:

> (...) o comportamento agressivo surge como resultado de uma elaboração afetivo-cognitiva fruto das experiências vivenciadas pelo indivíduo, que se torna motivadora de processos inconscientes capazes de atribuição de valores e ressignificação de conteúdos à realidade originando condutas e sentimentos que uma vez estimulados, alimentam e sustentam a conduta agressiva, fugindo muitas vezes do controle voluntário do indivíduo, por ter sido condicionado a utilizá-la como forma de satisfação dos seus desejos de realização pessoal (p. 167).

Considerando que a criança faz parte de um processo evolutivo desde o seu nascimento e ao longo de sua vida independente, sua ação em relação ao mundo é determinada pela experiência como: as ações físicas, mentais, traços da personalidade, do comportamento e dos laços pessoais que se formam durante a sua caminhada. Compreende-se que o comportamento agressivo poder ser aprendido, como também, controlado.

Deste modo, a família e a escola são ambientes constituídos por pessoas e a agressividade, falta de limites, indisciplina e violência, são ações comuns no cotidiano e interferem de forma negativa em todo o contexto desses ambientes.

Para Goleman (1995), a arte de viver em sociedade se aprende desde pequeno e nesse mesmo período surgem às capacidades de controlar suas emoções a raiva, aflição, impulsos e excitação.

Vigotsky (1988) enfatiza a idéia que a criança progride mediante "estágios de desenvolvimento". Inicialmente pelas percepções e impulsos naturais "a criança começa sua caminhada como uma "criatura orgânica" e é necessário que ocorra um prolongado desenvolvimento cultural para que essa fraca ligação primária com o mundo venha a se estabelecer firmemente" (p. 40).

Assim, o autor destaca a importância do papel da linguagem no desenvolvimento da criança: "antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala. Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento (...)" (Vygotsky 1968, p. 27). Continua o autor que desta forma, "a fala como tal torna-se parte essencial do desenvolvimento cognitivo" (p.31).

Para ele, o primeiro contato da criança com novas atividades, informações, resolução de problemas deve ter a participação de um adulto e essa relação deve ser focada no diálogo é deste modo acontece a aprendizagem social.

Romanelli (2010) explica que:

> A linguagem tem função de representação simbólica do mundo,sendo um meio de comunicação essencial para a interação social. Desse modo pode-se dizer que a linguagem é aprendida pela interação e se torna, por sua vez, instrumento de interação. Assim, ela possibilita a transmissão, a recepção e a compreensão de idéias entre os homens (p.61).

Goleman (1995) descreve como sendo nesse mesmo período da infância que surgem sinais de empatia na criança, considerada por ele a base da solidariedade: "a bela arte de relacionar-se com os outros – exige o amadurecimento de duas outras aptidões emocionais: o autocontrole e a empatia" (p. 126). Continua o autor: "Essas aptidões sociais nos permitem moldar um relacionamento, mobilizar e inspirar os outros, vicejar em relações íntimas, convencer e influenciar, deixar os outros à vontade" (p.126). Para ele as aptidões evoluem durante a vida.

Train (1977) explica que entre cinco - seis anos de idade a criança reagirá com atitudes agressivas se sentir que está sendo ameaçada. Porém, crianças com menos de cinco anos "muitas vezes têm crises de birra, destroem seus pertences, brigam e tomam coisas que pertencem a outras. São desobedientes, mentem e provocam o outro (...)" (p.40).

Conforme escreve Piaget (1996) é nessa fase da infância que a criança inicia sua educação moral para que esta possa se estabelecer faz-se necessário a disciplina através das normas, as quais só são possíveis quando existem relações entre as pessoas, "são as relações que se constituem entre a criança e o adulto ou entre ela e seus semelhantes que a levarão a tomar consciência do dever e a colocar acima de seu eu essa realidade normativa na qual a moral consiste" (p. 03).

Para o autor as crianças interpretam a educação moral de acordo com a admiração e autoridade das pessoas mais velhas, como pais e professores. Essa referência que a criança desenvolve em relação às pessoas faz surgir o sentimento de respeito.

A partir do estágio das operações concretas, fase compreendida por Piaget (1996), dos sete aos doze anos, as reais trocas intelectuais começam a ser permanentes e a reciprocidade nas relações constituídas, dando início à consolidação da socialização. Para o autor a personalidade constitui o produto mais refinado da socialização.

Pervin e John (2004, p. 23) definem a personalidade como sendo "aquelas características da pessoa que explicam padrões consistentes de sentimentos, pensamentos e comportamentos". Para compreender a formação da personalidade, os autores apontam cinco áreas:

> (1) Estrutura- as unidades básicas ou os blocos constitutivos da personalidade. (2) Processo – os aspectos dinâmicos da personalidade incluindo os motivos. (3) Crescimento e Desenvolvimento – como nos desenvolvemos, formando a pessoa única que cada um de nós é. (4) Psicopatologia – a natureza e as causas do funcionamento desordenado da personalidade. (5) Mudança – como as pessoas mudam e por que elas, às vezes, resistem à mudança ou são incapazes de mudar (2004, p. 24).

Assim, o estudo da personalidade concentra-se em entender como as pessoas são. Os autores sintetizam que a personalidade é "determinada por muitos fatores que interagem, incluindo forças genéticas, culturais, de classe social e de família. A hereditariedade estabelece os limites na amplitude de desenvolvimento de características (...), as características são determinadas por forças ambientais" (p. 31).

Para Silva (2010) a personalidade possui traços que "definem, em grande parte dos nossos interesses, gostos, nossas aversões, reações perante os acontecimentos da vida e, sobretudo, o modo como nos relacionamos com as pessoas" (p. 73).

Weil (1961) destaca três fatores significativos da personalidade: "funções intelectuais, temperamento e caráter" (p. 20). Para o autor esses três fatores são extremamente

importantes para se ter êxito na vida. Segundo o autor, o temperamento descreve como as crianças aceitam, toleram e manifestam suas experiências. Este é constituído de muitos fatores como: retraimento, iniciativa, persistência, humor e afeta diretamente as relações.

Embora definido como sinônimo de temperamento, e tendo duplo significado, o caráter merece atenção, por sua característica fundamental que é a moral. O dicionário assim define o caráter: "4. Os traços psicológicos, as qualidades. O modo de ser, sentir e agir de um indivíduo, um grupo, um povo. 5. Gênio, humor, temperamento. 6. Firmeza de atitudes" (Ferreira, 2001, p. 131).

Weil (1961) afirma que "o caráter de uma pessoa é resultante da ação do meio ambiente sobre o temperamento" (p. 24). O autor destaca que "por muito tempo se pensou que as pessoas "nasciam" ciumentas, autoritárias, sociáveis, tímidas ou introvertidas; existem certas predisposições ou tendências fisiológicas e hereditárias. No entanto, a educação que recebemos modifica ou reforça o nosso temperamento" (p. 41).

Quando se trata de comportamento agressivo, o temperamento provoca diferentes reações como menciona Weil (1961): "ou a criança passa a imitar os pais e bater também nos colegas, amigos (...) ou então caem numa timidez extrema, numa inibição tal que ficam com medo de qualquer adulto" (p. 49).

De acordo com Silva (2010) o temperamento é hereditário, portanto, faz parte da herança biológica que herdamos dos nossos pais e parentes. A autora explica como esse material genético integra as funções cerebrais:

> A biologia do cérebro inclui toda a sua bioquímica (especialmente seus neurotransmissores), sua geografia (os microambientes e áreas com funcionamentos diferenciados) e também sua temporalidade, ou seja, a velocidade com que as diversas regiões do cérebro trocam informações entre si. Toda essa estrutura possibilita a produção de respostas funcionais e tratamentos psicológicos ou medicamentosos (p. 73).

Assim como Weil (1961), a autora acredita que nascemos pré-determinados na maneira de agirmos e pensarmos. No entanto, ela destaca: "De acordo com as vivências, o cérebro reage ao ambiente externo e, nessa interação (cérebro-meio ambiente), toda a sua biologia pode ser alterada de forma positiva ou negativa" (p.74).

Nessa perspectiva, dado o conjunto de informações sobre a agressividade, procurar-se-á verificar as diferentes causas de agressão no comportamento infantil na família e na escola e no meio social.

2.2.1 A Relação do Ambiente Familiar e a Criança

A família é uma das instituições mais antigas de nossa sociedade. Em cada momento histórico da humanidade a família estruturou-se de maneiras diferentes, obedecendo às mudanças de modelos culturais de cada época.

Segundo Szymanski (2002), o grupo familiar é composto por pessoas que escolhem viver juntas por razões afetivas e assumem um compromisso de cuidado das crianças, adolescentes e adultos e esta constituição difere de acordo com cada cultura ou classe social. A autora destaca:

> Ao se pensar na família hoje, deve-se considerar as mudanças que ocorrem em nossa sociedade, como estão se construindo as novas relações humanas e de que forma as pessoas estão cuidando de suas vidas familiares (...). As mudanças que ocorrem no mundo afetam a dinâmica familiar como um todo e de forma particular, cada família conforme sua composição, história e pertencimento social (p.121).

Oliveira (2004) em estudo sobre família define que esta é um grupo social básico, criado por vínculos de parentesco ou matrimônio, presente em todas as sociedades, que proporciona a seus membros proteção, companhia, segurança e sociabilização. Entretanto, a família moderna tem variado no que diz respeito a sua forma mais tradicional - família nuclear (dois adultos com filhos), bem como nas suas funções, composição, ciclo de vida e nos papéis da mãe e do pai.

Essas variações ocorreram na composição da família brasileira e podem ser entendidas como decorrentes de muitos fatores como as mudanças de hábitos e costumes relacionados, por exemplo, à emancipação da mulher; redução do número de filhos, aumento da concepção em idade precoce gerando gravidez entre adolescentes, avanços dos meios de comunicação em massa e situação econômica.

Deste modo, todo membro de uma família é afetado pelos outros membros, independente da distância ou do tempo de convivência e essas interações não acontecem de forma isolada, o que significa que carregamos traços adquiridos pelos padrões familiares.

Pode-se dizer que a família é o ambiente social onde a criança tem o seu primeiro contato com as pessoas. E serão as dinâmicas adotadas por esse ambiente que conduzirão os comportamentos.

Fante (2005) afirma que:

> É no ambiente familiar que a criança aprende ou deveria aprender a relacionar-se com as pessoas, respeitar e valorizar as diferenças individuais, desenvolver a empatia e adotar métodos não violentos de lidar com seus próprios sentimentos e emoções, com os conflitos surgidos nas relações interpessoais (p. 174).

Aprende-se a ser pai ou mãe ao mesmo tempo em que se aprende a ser filho. Esse elo é construído sem ensaios e uma única vez. Os laços afetivos que envolvem a família são fundamentais para o processo de desenvolvimento da criança nos aspectos: físico, moral e psicológico. Cabe a ela definir limites, dar proteção e exercer a autoridade sem autoritarismo.

O ambiente familiar traz culturalmente enraizado em sua dinâmica, os castigos, cintadas, chineladas, palmadas assim como ameaçar ou bater com varas, como forma de disciplinar e exigir obediência dos filhos.

De acordo com Novo Código Civil Brasileiro foi acrescentado ao Estatuto da Criança (Brasil, E.C.A., 1990, Art. 18) que estabelece:

> A criança e o adolescente têm direito a não serem submetidos a qualquer forma de punição corporal, mediante a adoção de castigos moderados ou imoderados, sob a alegação de quaisquer propósitos, no lar, na escola, em instituição de atendimento público ou privado ou em locais públicos.

E o Art. 1634 do novo Código Civil, passa a ter a seguinte redação: "Compete aos pais, quanto à pessoa dos filhos menores: VII. Exigir, sem o uso de força física, moderada ou imoderada, que lhes prestem obediência, respeito e os serviços próprios de sua idade e condição".

O modelo de impor limites e disciplinar por meio do autoritarismo, da repressão, do medo e da agressividade física está longe de educar a criança a ser uma pessoa emocionalmente feliz. Da palmada para castigos, privações, surras é o primeiro passo e o Código Penal pune quem age desse modo. No entanto, a agressão verbal (não prevista no novo Código Civil) comum em muitas dinâmicas de educação familiar transmite o descontrole e mensagem de fracasso.

Como orienta Train (1977): “você pode gritar com a criança eternamente e a única coisa que conseguirá é ensiná-la como berrar. As ações falam mais que as palavras” (p. 173). Entretanto, os xingamentos, berros, coagem a criança no mesmo tempo que contribuem para visão de si mesma.

Segundo Fante (2005) alguns fatores contribuem para a manifestação da agressividade na família como os maus tratos, práticas educativas excessivamente punitivas, a desestruturação familiar como a falta de entendimento entre os cônjuges e seus filhos e a falta de tempo para com eles.

Para a autora:

> O modelo educativo familiar será sempre o grande referencial na vida de cada indivíduo. Se for positivo, o indivíduo desenvolverá autocompreensão, auto-aceitação, auto-estima, autoconfiança e capacidade de auto-superação na vida. Do contrário, terá o seu desenvolvimento psicossocial e sócio educacional prejudicado, tornando-se exposto a todo tipo de comportamento violento e de influência negativa, por falta de referências e de segurança social (p. 184).

Taille (1998) destaca que as normas e regras da família e da sociedade são necessárias, porém, a educação moral deve ser compreendida como princípios a ser ensinados. Para o autor: "os limites quando necessários devem incidir sobre as crianças, não sobre os sentimentos" (p. 60).

Nesse sentido, observa-se que fazer as vontades das crianças ou usar de autoritarismo não as ajuda a aprender e entender os valores morais. Faz-se necessário o bom senso e participação da família. De acordo com Taille (1998) o respeito é fundamental para uma boa educação moral, pois: "se a criança não encontra pessoas que exerçam sobre ela alguma forma de autoridade, não desenvolverá esse sentimento necessário à moral" (p. 92).

Nessa perspectiva, Winnicott (1987) lembra que:

> Não é apenas o alimento ou o teto que conta, e nem mesmo o lazer proporcionado, embora sejam bastante importantes, mas mesmo que sejam em abundância, o essencial estará faltando se os próprios pais, ou pais adotivos, ou os guardiões da criança não forem pessoas que assumam a responsabilidade pelo seu desenvolvimento (p. 56).

As atitudes básicas que temperam as relações e estruturam toda a união entre as pessoas não são percebidas como sendo importantes como o carinho, afeto, amor e participação.

Daí surgem os rompimentos dos laços da estrutura familiar, no desgaste causado pelo estresse do dia-a-dia, pois, se as pessoas formam uma família pela afinidade afetiva, esta requer cuidados e atenção que o dinheiro não supre e por isso famílias muitas vezes são

desestruturadas. Percebe-se que a ausência do pai ou da mãe na vida de seus filhos, é suprida com presentes ou objetos de valor com a finalidade de amenizar o sentimento de culpa.

De outro modo, as famílias de baixa renda tendem a lidar com outras situações como o desemprego, má alimentação, infra-estrutura física debilitada (habitação precária), analfabetismo, insegurança social, entre outros. Em conclusão de sua pesquisa sobre família Oliveira (2004) considera que a exclusão social não é o único causador da dissolução familiar, dos maus-tratos ou da violência. Para a pesquisadora a desestruturação é causada pela ausência de maternagem (relação entre mãe e filho), pois a vontade de criar um filho é independente da vontade de gerá-lo e independente da situação econômica.

Enfim a criança necessita de carinho, proteção e atenções. Ela busca confiança no ambiente familiar, estabilidade.

A significação da vida depende do experimentar e das experiências ocorridas na infância – do cuidado materno, do colo e do envolvimento parental, que mostre segurança a ela. As crianças gritam, esperneiam, fazem birras, na tentativa de testarem até onde seus pais vão ouvi-las, como diz Winnicott: "(...) com toda a certeza, os tapetes vão ficar sujos, as paredes terão que receber papel de parede novo e às vezes uma vidraça será quebrada, mas de alguma forma o lar se mantém coeso (...)" (1999, p. 85).

Se o lar não consegue suportar o ataque e a transgressão da criança como postula Winnicott, ou quando ocorre o rompimento deste lar, no que se refere a desentendimentos entre os pais, "de repente, suas idéias e seus impulsos progressivos tornam-se inseguros" (1999, p. 86).

Deste modo, Goleman (1995) destaca que a família "é onde iniciamos a aprendizagem emocional; (...) aprendemos como nos sentir em relação a nós mesmos e como os outros vão reagir a nossos sentimentos, aprendemos a avaliar nossos sentimentos (...)" (p. 204). Para ele o modo como os pais lidam com seus sentimentos e como tratam seus filhos e os ensinam seja de modo rígido, com empatia e compreensão ou indiferença tem importantes conseqüências para a vida da criança e nas relações com outras pessoas.

Para Paulo Freire (1983) não há educação sem amor. Ele afirma que "o amor é uma comunicação íntima entre duas pessoas que se respeitam. Cada um tem o outro como sujeito do seu amor. Não se trata de se apropriar-se do outro" (p. 29).

2.2.2 Infância e Agressividade no Contexto Social

Ao longo dos tempos as descobertas e conquistas da ciência tornaram possível uma melhor compreensão sobre os primeiros anos de vida do homem. Esse caminho evolutivo sofreu diversas interpretações de acordo com cada época, como a sociedade em seu momento histórico considerou e caracterizou o significado de ser criança e as mudanças que ocorrem na fase infantil.

Os fundamentos, a importância e valores que se compreende hoje surgiram a partir do século XVIII, onde a criança passou a ser vista como centro das atenções no meio familiar.

A família por sua vez, tinha para com seus filhos pouco afeto. A ela cabia a função de gerar. Essa falta de interesse se explica, pois o nascimento de filho significa também lutar pela sua sobrevivência. A alta taxa de mortalidade infantil de acordo com Àries (1981) mostra o descaso para com a infância. A criança sobrevivente em boas condições convivia no mundo dos adultos e era tratada como um adulto em "miniatura", portanto, as atitudes para com elas eram as mesmas utilizadas para com os mais velhos, principalmente tratando-se da conduta moral, como descreve a autora: "Os adultos se permitiam tudo diante delas; linguagem grosseira, ações e situações escabrosas. Elas ouviam e viam tudo" (p. 128).

A partir dos séculos XVII e XVIII, uma medida considerada moderna para a época foi estabelecida para com a criança, o compromisso de preservar sua moralidade.

Essa idéia de moralidade é reforçada pelo movimento clerical, na reforma da igreja e da estruturação da escola, mudando a visão e a compreensão sobre a infância.

No Brasil colonial, os jesuítas reproduziram a preocupação para com a infância trazida da Europa, baseada na moral e na política. A historiadora Mary Del Priore (1991) relata o papel da Igreja Católica nesse período tendo como característica na relação com a infância, uma educação voltada ao amor, conquistada pela disciplina, por castigos e autoritarismo.

Nessa época, a catequização das populações indígenas através do medo, a opressão durante a escravidão, a exploração sexual e a pobreza da grande maioria da população que compunham o Brasil Imperial, dificultaram ainda mais as relações entre adultos e crianças, trazendo um alto índice de abandono das mesmas, na maioria frutos de relações forçadas ou pela falta de condições de sustento.

Essas crianças eram depositadas no que se conhecia como Roda dos Expostos. Priore (1991) descreve:

> A Roda dos Expostos foi uma instituição que existiu e foi trazida para o Brasil no séc. XVIII. Os governantes as criaram com o objetivo de salvar a vida dos recém–nascidos abandonados para encaminhá-los depois para trabalhos produtivos e forçados. Foi uma das iniciativas sociais de orientar a população pobre no sentido de transformá-la em classe trabalhadora (...) (p. 99).

Essa prática deteriorou ainda mais o sentido de valor dado à criança. A autora continua:

> (...) a prática ilegal e quase aberta do abandono e o fatalismo com que era aceita a mortalidade infantil revelavam certa indiferença ao valor da criança até o início do século XIX quando as escolas começaram descobrí-la e a classe médica passou a insistir na necessidade da criação dos filhos pelas mães, pois, cada criança achada (depois abandonada), era uma criança perdida (p. 99).

Com o fim da mão de obra escrava e a chegada da indústria e com objetivo de aumentar a renda da família, as crianças eram submetidas ao trabalho. A mesma autora afirma:

> Duramente relacionada à pobreza da família operária, correspondendo plenamente aos interesses do empresariado porque permite acentuar ainda mais a exploração da mão de obra, o trabalho do menor generaliza-se a partir do final do século XIX em meio de condições de trabalho realmente deploráveis. Ao menor criança e adolescente, são atribuídas as mais diversas funções independentemente do perigo muitas vezes inerentes destas ou da idade insuficiente daquele e de sua inexperiência profissional, sem que sejam observadas as condições mínimas de segurança (p. 119).

Observa-se que os processos de mudanças em relação à atenção centrada na criança foram demorados e estenderam-se até o século XIX. Por muito tempo a criança foi esquecida e menosprezada.

Secularmente, a agressão, a violência e a omissão fazem parte da realidade infantil. Portanto, as raízes do comportamento agressivo estão fincadas na infância, sendo o modelo de identificação familiar o elemento fundamental para a sua compreensão e para definir os destinos da agressividade.

Mas não se pode deixar de ressaltar a importância da família e da formação da escola nesse momento histórico. Pois, como diz o historiador Áries (1981, p. 277): "escola e família tiraram juntas as crianças do mundo dos adultos".

Percebe-se que a família, a escola e o governo, historicamente caminharam favorecendo a criança. Graças aos avanços das ciências como a medicina, a biologia, a psicologia, cresceram o interesse e as preocupações sobre o comportamento e ações humanas desde a infância.

Assim, houve a necessidade do governo tomar medidas políticas que protegessem e preservasse a criança marginalizada, resultado da alta taxa de abandono, pobreza e da precariedade das instituições ditas sociais. Para Priore (1991):

> Foi com a indicação de 1978, como ano Internacional da criança que a história da criança no Brasil e de sua repressão começou a ser pesquisada. Isso levou à formação de diversas associações que articularam-se a outras na defesa dos direitos da criança e que acabaram influenciando o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 (p.147).

O Estatuto da Criança e do Adolescente protege integralmente os direitos fundamentais dos menores, estabelecendo que:

> Art. 4º. É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à educação, ao esporte, ao lazer, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (Brasil, E.C.A., 1990, p. 01).

Parafraseando Guareschi (2009), tudo em uma sociedade educa: a escola, a educação religiosa, o local de trabalho entre outros, de modo que todas essas referências influenciam as pessoas em seu modo de agir com os outros e compreende-se que para viver em sociedade requer-se mais do que dividir espaços como moradia, sala-de-aula, lugares públicos com outras pessoas, requer estabelecer relações dignas de convivência que nem sempre são tranqüilas. Para o autor (2009) "ninguém de nós caiu pronto do céu, ou é geração espontânea. Nós somos, o que nossos pais, nossos amigos, a escola, a igreja e os meios de comunicação, etc fizeram de nós" (p. 18).

Considera-se a mídia como um dos modelos que influenciam a personalidade infantil. A violência com que os programas de televisão, internet e alguns jogos eletrônicos

mostram, interferem no comportamento das crianças, que em muitos lares os tem como babás. Parolin (2009) destaca que:

> o surgimento dos grupos de referência para adolescentes, e até mesmo para as crianças, são a demonstração desse vazio, que acaba sendo preenchido por personagens de TV, que se transformam em ídolos transitórios (...) e tantos outros fenômenos sociais, que mesmo sendo temporários, deixam suas marcas na juventude (p. 10).

Nesse sentido, Bandura (1969) descreve que o problema da agressão ocorre pela observação de modelos, como comportamentos agressivos exibidos por adultos (pais, professores ou outros adultos). As crianças imitam o comportamento do adulto. Logo o ambiente social em que a criança está inserida pode favorecer um comportamento agressivo.

Costa (2004) em estudo sobre o comportamento agressivo afirma que a socialização transmitida pela família e escola está acima das regras, das proibições como recurso coercitivo de impor limites o que por sua vez, poderá neutralizar ações agressivas.

Para Parolin (2009) "viver em sociedade, entender os dias de hoje, respeitar as diferenças, compreender a diversidade e viver em parceria são habilidades essenciais para o cidadão de hoje" (p. 10).

2.2.3 A Agressividade no Ambiente Escolar

Considera-se violência escolar toda a ação que trás danos físicos, morais a uma pessoa, como explica Abramovay (2004). Nessa perspectiva, o autor descreve os atos de violência escolar de acordo com a "sua natureza: de "roubos, violência sexual, ferimentos, crimes, etc., atos de incivilidade: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito e violência institucional e simbólica: nas relações de poder" (p. 30).

Portanto, agressividade e violência são problemas presentes na escola e muitas das suas manifestações são diagnosticadas como atos indisciplinares, que por sua vez é alvo de preocupação entre professores (Giglio, in Aquino, 1999, p. 186). De acordo com muitos modelos educacionais, tenta-se controlar tais atos com advertências verbais e pequenas punições. Como refere Guimarães (in Aquino 1999, p. 185):

> a indisciplina escolar confunde-se com a indisciplina social disseminada, a desagregação completa dos valores que mantêm uma sociedade pactuada em torno das leis e regulamentos. Falar alto, rir, brincar, entrar e sair de lugares sem permissão, questionar uma decisão são os exemplares mais comuns de indisciplina dos alunos (...). Fala-se de indisciplina dos alunos como quebra de regras ou de modelos de condutas que não foram escritos e atuam de forma naturalizada.

Para Sampaio (in Duarte 2002, p.128), "o grande problema não é o controle da indisciplina, mas é a construção da disciplina, e a construção da disciplina se faz através de dinâmica relacional". O autor destaca que: "não é possível construir uma escola para todos, se não percebermos a diferença entre as pessoas." (p. 142)

Nesse sentido, Giglio (in Aquino, 1999), argumenta que:

> Nossas escolas precisam ser mais do que um lugar para aprender conteúdos de certas disciplinas; devem ser espaços para a construção da cidadania de alunos, professores, administradores, pais e comunidade. Juntos somos capazes de aprender formas para tratar com responsabilidade dos problemas e, assim, nos reformularmos como educadores, investigando nossas próprias práticas e, se com estas estamos garantindo a valorização da dignidade e da vida de todos (p. 188).

Educar a criança para conviver em sociedade, para os valores humanos para cidadania é ainda a maior tarefa. Fante (2005):

> A escola precisa ensinar a criança desde a mais tenra idade, a educar suas emoções, a lidar com seus medos, conflitos e frustrações, dores e perdas, com sua ansiedade e agressividade, canalizando-os para ações produtivas que resultem em benefícios sociais e para novas formas de relações capazes de produzir empatia, pois, agindo assim, favorecerá a criança aumentando sua probabilidade de tornar-se um adulto equilibrado e feliz (p. 195).

Para tanto, Parolin (2009) considera a sala de aula como importante espaço que favorece as mais diversas possibilidades de aprendizagens. E cabe ao professor a maior parte dessa tarefa, pois, ao entrar na sala de aula leva consigo seus sentimentos, anseios, angústias e suas imperfeições.

Deste modo, a relação entre professores e alunos deve permitir constantes reflexões. Pois, como alega Fante (2005) os profissionais da educação sentem dificuldades em lidar com situações de conflitos dos alunos e aponta que os professores devem ser preparados além de ensinar os conteúdos curriculares, a educar a emoção dos alunos.

Professores frágeis emocionalmente muitas vezes reagem com agressividade e autoritarismo para conter ou controlar determinada situação ou mostram-se omissos, muitas vezes por não saber como enfrentar e atuar no momento de conflito.

É pertinente lembrar as palavras de Paulo Freire (1983): "ensinar não é apenas transmitir conhecimentos, conteúdos (...). Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro" (p.25). Continua o autor: "Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" (p. 25).

Moraes (1997) acredita em uma educação transformadora, na qual o diálogo é um instrumento importante no processo interativo entre professor e aluno e descreve assim o perfil do professor transformador:

> O educador deve encorajar as diferentes formas de diálogo, catalisar a intercomunicação existente entre elas, procurando explorar diversas alternativas e visões, bem como as múltiplas perspectivas que surgem nos diversos momentos do processo de construção do conhecimento (...). É alguém que compreende a complexidade envolvida na tomada de decisão, que assume responsabilidade pelas decisões tomadas. É um sujeito da sala de aula, preocupado com a utilização constante, com a negociação de propostas curriculares flexíveis e adaptadas às condições intelectuais e emocionais de seus alunos e ao contexto onde vivem, que respeita o ritmo individual e grupal do conhecimento (p. 151).

A sala de aula não coexiste sozinha, outros espaços escolares são determinantes para a aprendizagem comportamental entre os alunos o que permite contextualizá-los. Diante disso, diretores, coordenadores, pedagogos, professores, inspetores e demais funcionários que contribuem para a organização operacional e funcional da escola precisam exercer seus papéis com qualidade, boa vontade e solidariedade.

Segundo Almeida (in Parolin, 2009):

> as crianças precisam aprender que as relações humanas são baseadas no compartilhar, no modo como lhes cabem retribuições (...). Não cabe mais ao aluno ser apenas ouvinte, ele precisa e deve participar ativamente da construção do conhecimento em todos os sentidos (p. 82).

Nesse contexto, a interação da escola com a família é fundamental quando bem canalizada, conduz para uma educação voltada à valorização das crianças e a encontrar soluções para a problemática da agressividade escolar, pois é comum as crianças refletirem no espaço escolar o que aprendem em casa e vice-versa.

2.2.3.1 Bullying – Algumas Considerações

Nas últimas décadas, o comportamento agressivo destrutivo e a violência escolar tornaram-se objeto de estudo de pesquisadores que observaram suas manifestações acontecendo repetidamente sobre a mesma pessoa.

Estudiosos como Fante (2005), Beane (2010) e Silva (2010) explicam que o comportamento antissocial nas escolas é denominado também como *bullying*, palavra de origem inglesa que significa um conjunto de atos violentos (físicos, morais e psicológicos) com intenção de maltratar, humilhar, ofender, entre outros, a mesma pessoa repetidamente. O agressor (bully) apresenta um perfil de comportamento que é próprio do significado da palavra: é tirano valentão, mandão e este comportamento pode ocorrer tanto em meninos quanto em meninas.

Lopes Neto (2005, in Pereira, 2009) explica a utilização do termo *bullying* no Brasil:

> (...) foi decorrente da dificuldade de traduzi-lo para diversas línguas. Durante a realização da Conferência Internacional *Online School Bullyin and Violence*, de maio a junho de 2005, ficou caracterizado que o amplo conceito dado à palavra bullying dificulta a identificação de um termo nativo correspondente em países como Alemanha, França, Espanha, Portugal e Brasil, entre outros (p.36).

Descreve Beane (2010), que as ações agressivas praticadas "podem ter impacto sobre a propriedade, o corpo, os sentimentos, os relacionamentos, a reputação e o status social de uma pessoa" (p. 18). O autor cita alguns comportamentos hostis que ocorrem mais freqüentemente:

> Bullying Físico: bater, dar tapas, cotoveladas e empurrões com os ombros, empurrar, forçar com o corpo, colocar o pé na frente, chutar, tomar, roubar, danificar ou desfigurar pertences, restringir, beliscar, enfiar a cabeça da outra criança no vaso sanitário, enfiar a criança no armário, atacar com comida, cuspe, ameaças e linguagem corporal intimidadora. Bullying Verbal: apelidos ofensivos, comentários insultuosos e humilhantes, provocação repetida, comentários racistas e assédio, ameaças e intimidação, cochichar sobre a criança pelas costas (p. 19).

O autor complementa que o comportamento bullying também pode ser "social e relacional", o que significa que não é um comportamento específico apenas na escola. Cita alguns exemplos:

> Destruir e manipular relacionamentos (por exemplo, jogando melhores amigos um contra o outro), destruir reputações (fofocar, espalhar rumores maliciosos e cruéis e mentir sobre outras crianças), excluir o indivíduo de um grupo (rejeição social, isolamento), constrangimento e humilhação; linguagem corporal negativa, gestos ameaçadores; pichação ou bilhetes com mensagens ofensivas; cyberbullying (feitos em páginas na web, e-mail, mensagens de texto e assim por diante).

Silva (2010) cita que os problemas decorrentes de maus-tratos podem ser: psicossomáticos (dor de cabeça, cansaço, náuseas, diarréia, boca seca, palpitações, alergias, crise de asma, sudorese, tremores, sensação de "nó" na garganta, tonturas, entre outros; transtorno do pânico (medo); fobia escolar (medo em ir à escola); fobia social (timidez); transtorno de ansiedade generalizada (medo e insegurança); depressão; anorexia e bulimia (transtornos alimentares); transtorno obsessivo compulsivo (manias, obsessões); transtorno do estresse pós-traumático. A autora cita outros sintomas que ocorrem, porém em incidência menor: esquizofrenia, homicídio e suicídio. Esclarece ainda:

> que os problemas relatados, em sua maioria apresentam uma marcação genética considerável (...). No entanto, a vulnerabilidade de cada indivíduo, aliada ao ambiente externo, à pressões psicológicas e às situações de estresse prolongado, pode deflagrar transtornos graves que se encontravam, até então, adormecidos (p. 32).

Fante (2005) configura quem são os protagonistas do comportamento bullying:

> Vítima Típica: é um indivíduo (ou grupo) pouco sociável, que sofre repetidamente as conseqüências (...); Vítima Provocadora: que provoca e atrai reações agressivas (...), quase sempre responsável em causar tensões no ambiente em que se encontram; Vítima agressora: reproduz os maus tratos sofridos (...); Agressor: aquele que vitima os mais fracos (...). Mais forte que seus companheiros, sente necessidade imperiosa de julgar, dominar e subjugar os outros (...); Espectadores: presenciam, não sofrem nem o praticam. Lei do silêncio (p. 71).

Para Beane (2010), "agressores e vítimas são produtos de nossa sociedade e reflexos da qualidade de nossas famílias, escolas e comunidades" (p. 39). Dentro deste cenário, não há como pensar na educação da criança sem um trabalho conjunto com a família e a escola, como também, não se pode pensar nessas relações sem o diálogo.

Referindo-se à criança dos primeiros anos do Ensino Fundamental o diálogo é tão importante para que as relações se estabeleçam e atitudes hostis possam ser minimizadas.

3. PROBLEMÁTICA

Agressividade é um comportamento emocional que faz parte de todas as pessoas, sendo próprio de cada um quando e como ela se manifesta.

Entende-se que a palavra agressividade sugere muitas definições. Estudos apontam-na como sendo favorável à existência do homem, pois sem ela uma pessoa não poderia lutar pelo seu espaço, crescer e desenvolver sua identidade, o seu EU na sociedade. Deste modo é vista por muitos pesquisadores como sendo o impulso necessário que propicia o desenvolvimento intelectual do ser humano.

Esse comportamento garante a existência do indivíduo, também se inclina à destrutividade, causando inquietações quando as manifestações são deliberadas transformando-as em violência, que por sua vez, traz danos profundos à vida de uma pessoa. Nesse sentido a violência é o desejo intencional de destruir, humilhar, causar mal a outra pessoa prejudicando todo e qualquer laço social.

Storr (1970, p. 118) afirma: "Temos que enfrentar o fato de que a tendência do homem para a crueldade está enraizada em suas peculiaridades biológicas em comum com sua capacidade para o pensamento conceptual, a palavra e a realizações criadoras".

É notável a dificuldade que as pessoas encontram em relacionar-se. Atos violentos e brutais são resultados de um profundo sentimento de egoísmo que se apossou das pessoas. O ditado popular "cada um por si" está enraizado junto à sensação de medo. A necessidade de possuir bens materiais, posições sociais, incentiva toda uma geração que se preocupa em ter, esquecendo-se do ser, do respeitar, do cooperar, que são valores enfraquecidos tanto no discurso das famílias como na prática escolar.

Os comportamentos antissociais começam muito cedo a aparecer. Nas crianças observa-se como um sinal de alerta, forma possível de enfrentar o ambiente que não é bom para ela, e segundo Winnicott (1999), uma defesa organizada relacionada a uma falha ambiental logo que sai da dependência absoluta. Muitas crianças apresentam dificuldades não apenas transitórias, mas por vezes permanentes e parecem sempre estar envolvidas provocando conflitos.

No universo da criança, há muitos aspectos a serem analisados, tais como: família, escola, estímulos positivos e negativos, ambiente em que a criança está inserida e outros. Todavia, dependendo da estrutura e organização da capacidade e habilidade para lidar com

esse ambiente é que a mesma pode manifestar raiva, medo, angústia ou insegurança. Sente-se frustrada e necessita descarregar esse sentimento de alguma forma.

A família deve ser o ambiente social da criança mais propício para corrigir seu egoísmo; ela a defenderá e deste modo é capaz de dar-lhe suporte e referência para que ela desde bebê aprenda a controlar sua agressividade.

Luz (2008) atribui ao contexto familiar grande importância, para que possa transmitir segurança, aconchego e aceitação. "Somente quando se sente aceite e segura é que a criança consegue experimentar suas outras habilidades de imaginação e criação e assim ampliar seu conhecimento do mundo e de si mesma" (p. 30).

Quando o lar falha em seu papel orientador, disciplinador para dominar os impulsos agressivos, os atos antissociais tornam-se comuns e por sua vez mais violentos.

Na escola a violência dramaticamente faz parte do cotidiano dos alunos. Há falta de um planejamento educacional "capaz de orientar o comportamento da criança para a convivência social pacífica e para o seu crescimento moral e espiritual (...), ao bom processo sócio-educacional, que se torna promotor de auto-superação na vida" (Fante 2005 p. 62).

A escola deve ser local voltado também para o ensino da arte, do esporte, da música, onde a convivência seja regida por valores humanos como está especificado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, no Art. 2º:

> A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, L.D.B. 1996).

É assegurada no Artigo 3º da mesma lei: "II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber".

Logo, a escola e a família são os alicerces de base para a educação integral da criança. Nesta perspectiva questiona-se mediante levantamento de dados referentes à conduta hostil da criança na faixa etária desse estudo, responder à sua questão norteadora: o que leva as crianças a apresentarem condutas agressivas? E ainda: qual a práxis de pais e professores diante de tais condutas agressivas?

Deste modo, os objetivos da pesquisa apresentam-se da seguinte maneira:

3.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral da pesquisa consiste em investigar comportamentos agressivos em crianças (06 a 10 anos de idade) que freqüentam os anos iniciais de uma Escola do Ensino fundamental do Município de Curitiba.

3.1.1 Objetivos específicos

a) Apresentar as características do Ensino Fundamental no Brasil.

b) Conceituar atitudes agressivas em crianças.

c) Caracterizar a escola de Ensino fundamental Municipal Professor Dario Persiano de Castro Vellozo, a fim de analisar a comunidade escolar e familiar das crianças com comportamento agressivo.

d) Analisar a dinâmica familiar de crianças com comportamento agressivo.

e) Pesquisar sobre a criança de 06 a 10 anos de idade, sua relação com a família e a escola, assim como a influência do meio social para o desenvolvimento do comportamento agressivo.

f) Selecionar as causas, incidências e manifestações do comportamento agressivo entre os escolares.

g) Estudar o envolvimento da escola em relação ao comportamento das crianças consideradas agressivas, assim como a postura do educador frente a essa situação na sala de aula.

3.2 HIPÓTESES

Busca-se analisar quais motivos levam a criança a agir agressivamente e qual a interferência que a família e a escola têm nesses comportamentos. Nesses termos sugerem-se

algumas alternativas de respostas prováveis e ou hipóteses, pois, como define Pádua (2003, p. 42) "conforme a etimologia da palavra, hipótese "é o que está suposto" o que será (ou não) confirmado pela pesquisa". Segundo o autor, "a hipótese propõe uma solução para o problema levantado" (p. 42). Desse modo, as hipóteses são as seguintes:

1) Criança considerada "geniosa" ou "temperamental" é agressiva por não conseguir controlar seus impulsos.

2) Pais que não participam ou que não impõem limites contribuem para que a criança tenha atitude agressiva. Ou reverso, pais que impõem autoridade excessiva também contribuem para condutas antissociais.

3) Relações familiares instáveis e conflituosas levam a criança a desenvolver uma personalidade desarmônica reforçando o comportamento agressivo.

4) Os diferentes espaços escolares, como hora do recreio, ginásio de esporte, sala-de-aula, favorecem a conduta agressiva na criança.

5) O modo como a direção da escola, os professores e funcionários se relacionam com a criança pode reforçar o seu comportamento agressivo.

6) A atitude autoritária do professor em sua prática pedagógica favorece atitudes antissociais entre os alunos.

A configuração ou não dessas hipóteses foi realizada através de dois questionários: um direcionado aos professores e outro para as famílias, conforme consta na metodologia.

4. METODOLOGIA

O conhecimento é uma árvore que cresce a vida.

Rubens Alves

4.1 TIPO DE PESQUISA

O objetivo dessa pesquisa centra-se na compreensão do comportamento agressivo em crianças de seis a dez anos de idade que estudam em escola pública do Ensino Fundamental e por se tratar de uma abordagem social optou-se por uma investigação empírica onde buscou-se dados com pessoas que vivenciaram ou tiveram alguma experiência sobre o assunto, ou seja, os pais e professores que convivem com as crianças matriculadas na referida escola.

De acordo com Demo (1985, p. 25): "a pesquisa empírica é aquela voltada sobretudo para a face experimental e observável dos fenômenos. É aquela que manipula dados, fatos concretos. Para traduzir os resultados em dimensões mensuráveis (...)". Continua: "o grande valor da pesquisa empírica é o de trazer a teoria para a realidade concreta" (p. 26).

Por essa razão, a verificação dessa pesquisa ocorreu de forma quantitativa e qualitativa, utilizando como recurso para a coleta de informações o questionário onde o pesquisador tem contato indireto com a fonte de dados. Quantitativa, pois, a utilização deste recurso favorece a comparação com outros dados relacionados ao tema pesquisado e de acordo com Pádua (2003): "por se tratar de perguntas padronizadas é mais fácil de codificar e tabular" (p. 69). E qualitativa, por conter perguntas "abertas", onde os informantes podem opinar sobre o assunto. O mesmo autor sublinha que "as perguntas abertas por exigirem uma resposta pessoal, espontânea, trazem dados importantes para uma análise qualitativa, pois as alternativas de respostas não são todas previstas, como no caso das perguntas fechadas" (p. 70).

Nesse processo, com o intuito de elucidar as questões levantadas e aprofundar dados, questões descritivas foram utilizadas para registrar os dados relatados pelas famílias e pelo corpo docente e assim analisados em sua totalidade pela pesquisadora. Preservou-se a identidade dos entrevistados, para que fornecessem as respostas o mais próximo possível de suas realidades.

Por outro lado, Laville e Dionne (1999) sublinham que "frente à totalidade do real humano e social, um tal conjunto de conceitos fornece um instrumento de base para a observação, e até o questionamento, na medida em que cada um dos conceitos sugere pistas para um conjunto de questões" (p. 92).

Desse modo, foram elaborados dois questionários: A e B. O questionário A foi destinado aos professores da escola pesquisada (conforme apêndice 1) e questionário B, aos pais dos alunos (conforme apêndice 2).

Para o questionário A foram selecionadas 13 questões, destas 02 padronizadas, com opção de respostas; 07 questões abertas e 04 com opção de resposta e aberta, como por exemplo, justifique sua resposta.

Em relação ao questionário B foram elaboradas 17 questões, destas, 14 perguntas são padronizadas e 05 questões são abertas. Todas as questões foram elaboradas sobre o tema estudado e em função das hipóteses.

HIPÓTESES:	QUESTIONÁRIO A: Questões	QUESTIONÁRIO B: Questões
1- Criança considerada "geniosa" ou "temperamental" é agressiva por não conseguir controlar seus impulsos.	6	13
2- Pais que não participam ou que não impõem limites contribuem para que a criança tenha atitude agressiva. Ou reverso, pais que impõem autoridade excessiva também contribuem para condutas antissociais.	11	10; 11; 14; 17
3- Relações familiares instáveis e conflituosas levam a criança a desenvolver uma personalidade desarmônica reforçando o comportamento agressivo.	11	7; 8; 9;
4- Os diferentes espaços escolares, como hora do recreio, ginásio de esporte, sala-de-aula, favorecem a conduta agressiva na criança.	7	-
5- O modo como a direção da escola, os professores e funcionários se relacionam	5; 8; 9; 10	-

com a criança pode reforçar o seu comportamento agressivo.		
6- A atitude autoritária do professor em sua prática pedagógica favorece atitudes anti-sociais entre os alunos.	8	-
Levantamento Teórico	1; 2; 3; 4; 5; 12; 13	1; 2; 3; 4; 5; 6; 13; 15; 16

Como, a hipótese é uma afirmação provisória, sua verificação ficará pendente até que haja embasamento satisfatório levantado por dados consistentes e para que se possa analisá-la, deve-se levar em conta a conexão com um quadro teórico claro.

Para Santaella (2001, p. 184), "o quadro de referência teórico consiste no corpo teórico no qual a pesquisa encontrará seus fundamentos. Ora, todo pensamento existe em uma corrente de pensamento". Deste modo, os autores estão referenciados na bibliografia e contribuíram na trajetória desta investigação, pois, segundo Laville e Dione (1999), "o valor de uma teoria é, primeiramente, explicativo: é uma generalização de explicações concordantes tiradas dos fatos que foram estudados para a sua construção. (...) ela lhe servirá para o estudo e análise de outros fatos da mesma ordem" (p. 93).

Assim, o investigador deve associar os dados recolhidos a um modelo teórico com o objetivo de compará-los. Em seguida, deve-se verificar se há conformidade entre a construção teórica e o objetos de análise, a fim de responder à questão norteadora da investigação: o que leva as crianças a apresentarem condutas agressivas? E ainda: qual a práxis de pais e professores diante tais condutas agressivas?

Por se tratar de crianças matriculadas na Escola Pública e no sentido de refletir sobre o Ensino Fundamental Brasileiro foi realizada uma breve abordagem e entre os documentos selecionados estão a Constituição Brasileira, a Lei de Diretrizes e Base da Educação, Diretrizes Curriculares Nacionais, Parâmetros Curriculares Nacionais, os quais apontam prioridades e deveres do Governo Federal, Estadual e Municipal para com a educação. Paulo Freire (1996) destaca a importância do papel social da escola e a convivência do professor em relação ao aluno, para ele não há ensino e aprendizagem sem afetividade.

Neste estudo, em que se pretende compreender o comportamento agressivo na infância apoiou-se nas pesquisas de Montagu, Bandura, Storr, Lorenz. Estes autores divergem

opiniões sobre a agressão. Para Train (1977), Storr (1970), Lorenz (1979) a agressão é considerada como inata, essência do homem como instinto pela sobrevivência. Para Montagu (1978) e Bandura (1969) o homem aprende a ser agressivo de acordo com o modelo social em que está inserido.

Os autores Àries (1981) e Priore (1991) resgatam importantes antecedentes históricos da infância para que se possa compreender a atual relação da criança em seus primeiros ambientes sociais, a família e a escola.

Winnicott (1999) sublinha a importância da família em transmitir segurança e confiança para o desenvolvimento da criança nas fases descritas por Vygotsky (1988) e Piaget (1996).

No ambiente escolar as manifestações de agressividade e violência são denominadas como bullying e Fante (2005) e Beane (2010) a caracterizam como um fenômeno que traduz um conjunto de ações com objetivo destrutivo em maltratar, humilhar, ofender repetidamente o outro. Para as autoras, essa violência atinge uma pessoa fisicamente, moralmente e psicologicamente.

Parafraseando Laville e Dionne (1999) cabe ressaltar que as teorias são sínteses elaboradas pelo homem e por essa razão ganham seu sentido quando englobadas aos próprios valores e estes influenciam na construção científica, como também a objetividade depende da consciência e do controle do pesquisador a fim de estabelecer um maior entendimento do objeto a ser estudado. Esta investigação exigiu da pesquisadora tempo, paciência, perseverança, disciplina e organização para poder encontrar equilíbrio entre os dados fornecidos pelos entrevistados e a seriedade do estudo.

4.2 SUJEITOS

4.2.1 Perfil da Escola

Para que se possa entender e refletir sobre a situação que envolve a agressividade escolar, a investigação ocorreu numa instituição pública do ensino fundamental: Escola Municipal Professor Dario Persiano de Castro Vellozo – Educação Infantil e Ensino

Fundamental, localizada à Rua Desembargador Cid Campello, nº 4630, no bairro da Cidade Industrial de Curitiba (CIC - Sul II) a sudeste do Estado do Paraná.

Criada e denominada pelo Decreto nº 1227/93 de 29 de outubro de 1993, tem como entidade mantenedora a Prefeitura Municipal de Curitiba e é administrada pela Secretaria Municipal de Educação (SME). O corpo docente neste ano de 2010, conta com a participação de uma Diretora, uma Vice-Diretora, uma Coordenadora, quatro Pedagogas, quarenta professores, dois secretários, dois auxiliares administrativos, oito auxiliares de serviços gerais, quatro inspetores, um guarda municipal, três cantineiras e uma copeira.

A Escola conta com 19 salas de aula para alunos da Educação Infantil, do 1º Ano ao 5º Ano, nos períodos manhã e tarde, e Educação de Jovens e Adultos (EJA), no período noturno; um laboratório de informática com 17 computadores e equipamentos, sala dos professores, cantina, secretaria, sala da coordenação administrativa, sala da direção, biblioteca, setor pedagógico, salas para apoio pedagógico, dois almoxarifados, banheiros para os alunos, e banheiros para funcionários. Ampla área verde com árvores, cancha poli esportiva com cobertura, estacionamento para veículos e jardim.

A distribuição dos profissionais que trabalham na Escola, na prática funciona da seguinte maneira, conforme especificado em seu Regimento:

A Diretora está presente na Escola durante o período da manhã e da tarde. Todas as decisões tomadas individualmente ou em grupo são registradas. A vice-diretora, presente no período da tarde e à noite é responsável pela tesouraria e pela Educação de Jovens e Adultos. Compartilha com a diretora a responsabilidade do programa "Comunidade Escola" da SME que funciona nos fins de semanas. Em conjunto com o Colegiado e o Conselho de Escola, ambas são responsáveis por acompanhar e avaliar a execução da Proposta Pedagógica, bem como, promover ações conjuntas com a comunidade, articulando-as com a Proposta Pedagógica, entre outras atribuições.

A Coordenadora Administrativa atua em regime integral de trabalho; sua função é participar, acompanhar e avaliar em conjunto com o Colegiado a Proposta Pedagógica; atuar como agente articulador em assuntos administrativo-pedagógicos, responder juntamente com o Secretariado Escolar pela documentação escolar; participar em ações conjuntas articuladas pela escola com a comunidade e outros órgãos para a melhoria do trabalho. Porém, em sua rotina diária organiza os horários dos professores e passeios (sempre com o parecer das pedagogas), conversa com os alunos que são trazidos pelos inspetores quando causam algum

conflito na hora do recreio, cuida de algumas organizações internas como agendamento de passeio, substituição de professo ausente e livro ponto.

Os Pedagogos trabalham em horário integral na Escola. Algumas de suas tarefas são: acompanhar a aprendizagem, freqüência, avaliação e conduta comportamental dos alunos encaminhando-os quando necessário a cuidados de especialistas, bem como, atender as famílias dos alunos que freqüentam a escola, mantendo-as informadas sobre o rendimento escolar dos mesmos. Participam dos planejamentos elaborados pelos professores e na organização pedagógica da escola.

Os Inspetores trabalham no período da manhã e tarde. Por serem em número menor, sentem muita dificuldade em zelar pela disciplina e segurança individual e coletiva dos alunos, função esta especificada no Regimento Escolar. A eles são atribuídos: prestar assistência a alunos que apresentem qualquer situação que necessite atendimento como alteração de saúde ou algum conflito entre eles durante os intervalos, por exemplo, encaminhando-os ao setor competente para atendimento. Também, cabe aos inspetores auxiliar pelo abastecimento do material escolar nas salas de aulas, na distribuição da merenda e almoço.

Os secretários e auxiliares têm como regime de trabalho o período integral, sendo responsáveis pela documentação, matrícula e transferências dos alunos.

O lanche é terceirizado, a cargo da empresa RISOTOLÂNDIA, especializada em fornecer refeições prontas, que são servidas por seus próprios funcionários.

O mesmo se aplica às funcionárias de serviços gerais que são terceirizadas pela empresa TECNOLIMP.

O guarda municipal colabora no atendimento de entradas e saídas das crianças fora do estabelecimento, cuidando do trânsito, para que as crianças possam atravessar a rua em segurança. Cabe ao guarda zelar pela segurança e cuidar do patrimônio público.

Os professores distribuem-se nos períodos da manhã, tarde e noite e ocupam a função de regentes (um professor para cada turma), apoio pedagógico (quatro professores por turno: manhã e tarde), quatro professores de artes, dois professores de inglês, quatro professores de educação física, dois agentes de leitura (professor destinado a atender a biblioteca e a organizar atividades envolvendo leitura), cinco turmas de contra-turno (destinadas às crianças matriculadas em período integral). Destaca-se que alguns dos profissionais que compõem o quadro de professores da escola lecionam em dois períodos de trabalho, o que reduz o número de professores na aplicação da pesquisa.

A relação de número de alunos e turmas é a seguinte:

MODALIDADE DE ENSINO	MANHÃ		TARDE		NOITE	
	turmas	alunos	turmas	alunos	turmas	alunos
EDUCAÇÃO INFANTIL	01	23				
1º ANO	02	57	02	60		
2º ANO	02	50	02	54		
3º ANO	02	51	03	90		
4º ANO	02	52	02	59		
5º ANO	02	61	02	65		
CONTRA-TURNO	03	66	02	59		
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS					02	60
TOTAL DE ALUNOS MATRICULADOS NA ESCOLA: 682 ALUNOS						

4.2.2 Perfil da Comunidade Familiar

A Escola Municipal Professor Dario Persiano de Castro Vellozo está localizada no bairro Cidade Industrial de Curitiba, com população de 157.461 habitantes e índice de Desenvolvimento Humano[1] (IDHM-Bairro) de 0,580, o bairro ocupa a 69º posição na classificação geral dos 75 bairros do município. Salienta-se, contudo, que a escola atende a um público que ultrapassa os limites do bairro.

Ao seu redor, vivem 7.734 pessoas (4,91% do total da população do bairro) sendo 33,92% adultos com idade entre 25 e 59 anos; e 4,01% pessoas com 60 anos ou mais de idade.

A região onde se localiza a escola é caracterizada como violenta contribuindo para a imagem e sensação de medo entre os moradores e crianças dessa região, já que não possui policiamento constante.

[1] As informações populacionais do bairro e do entorno da escola referem-se aos dados censitários levantados pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE) no último Censo demográfico, realizado em 2000.

Na escola, a violência também se faz presente entre os alunos e observa-se brigas, xingamentos, socos, pontapés; depredação do patrimônio público.

Em 2008 surgiu a necessidade da equipe pedagógico-administrativa amparar-se também em dados numéricos, realizando-se uma pesquisa quantitativa envolvendo a comunidade com a intenção de conhecer a realidade das famílias.

Do total das 38 turmas da escola, foram sorteados dez alunos de cada uma e enviados os questionários às famílias.

Do total de 380 questionários enviados aos pais retornaram, preenchidos, um total de 274 questionários. Destes algumas questões serão ilustradas como figuras facilitando a interpretação dos mesmos. Esta análise quantitativa servirá somente como reconhecimento da realidade da comunidade escolar. E tem como propósito retratar um perfil mais recente das famílias que fazem parte da comunidade escolar deste estabelecimento, os níveis de escolaridade e profissão, entre outros.

Na questão "Como é sua casa?", indicada na Figura 01 (tipo de moradia) observa-se:

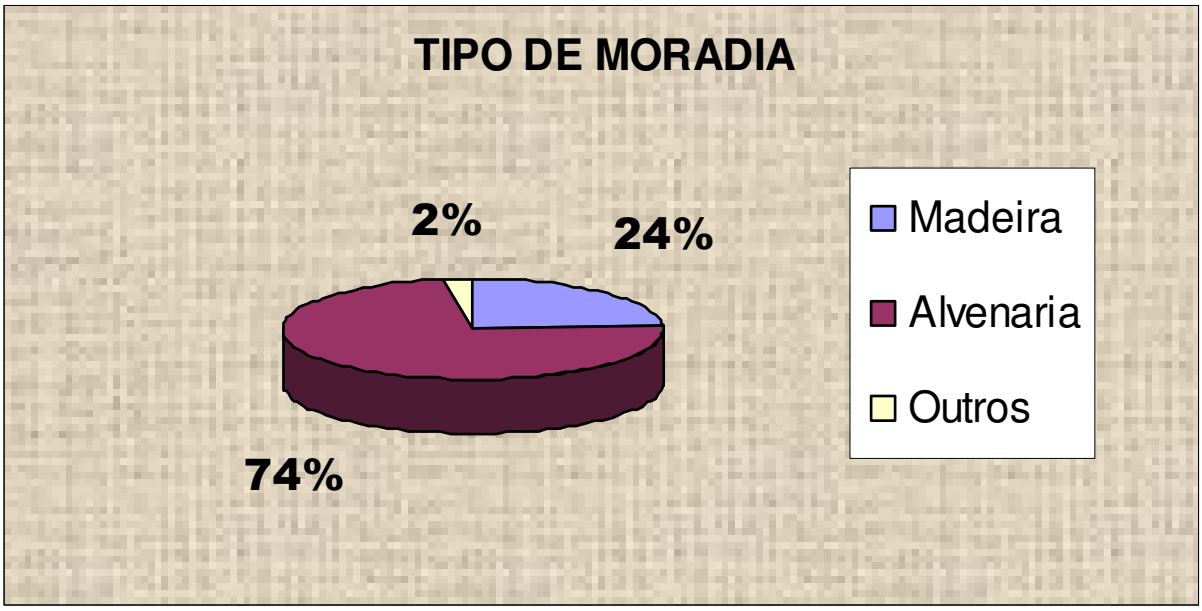


Figura 1: Tipo de Moradia.

O modo como é a moradia das famílias dessa região. Há alguns anos as moradias que se estabeleceram neste local foram inicialmente ocupadas por pessoas que invadiram essa região (famílias que não tendo onde morar construíram suas casas com poucos materiais). Os 2% por cento indicados como "outros" são domicílios construídos com materiais frágeis: pedaços de lâminas de madeira, metais, plásticos, entre outros. Embora esse índice seja

pequeno, a situação precária dessas famílias influencia o modo de viver e o comportamento de seus membros. Ainda sobre moradia observa-se:

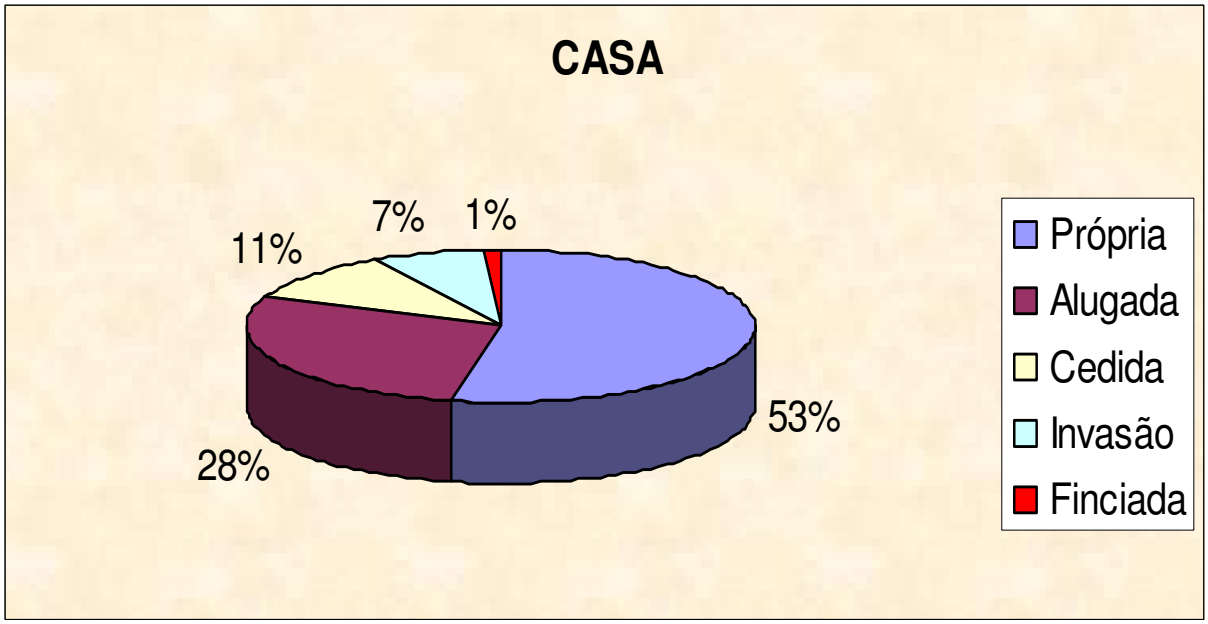


Figura 2: Casa.

Muitas famílias não usufruem dos serviços básicos públicos, mínimos e necessários para viver. Nessa região 18% das moradias estão em situações precárias, principalmente as que ficam próximas ao Rio Barigui, que se situa próximo à escola. Para melhor mapear a infra-estrutura da comunidade vê-se na figura a seguir as condições das ruas:

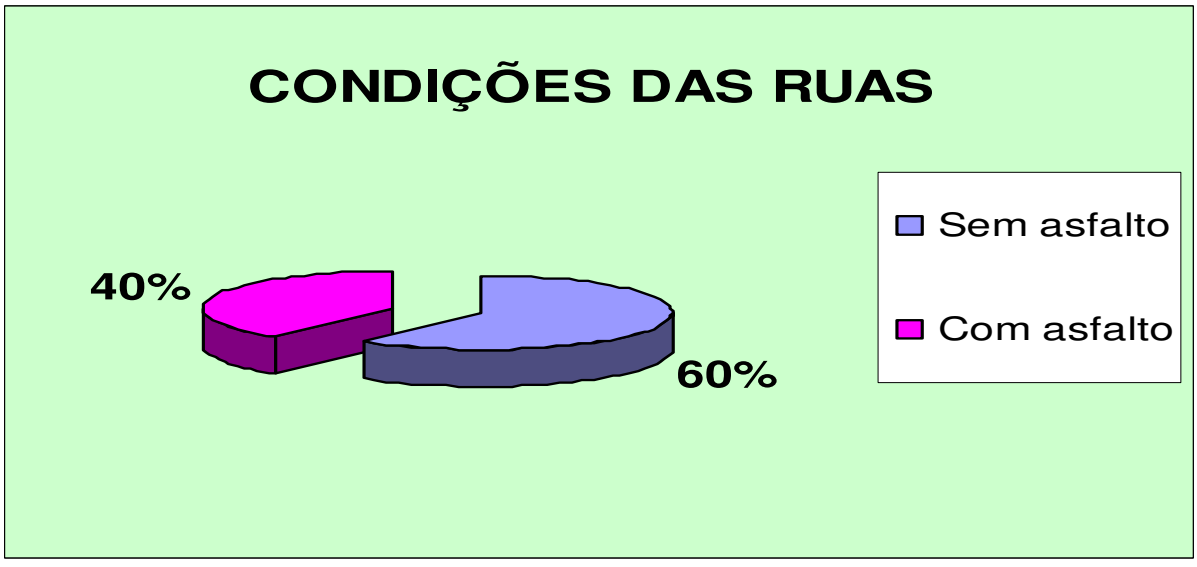


Figura 3: Condições das ruas.

Os 60% de ruas sem asfaltos tornam-se obstáculos para as crianças freqüentar a Escola, principalmente nos dias de chuva, devido ao barro que se forma. Outras informações referentes à infra-estrutura e ao acesso aos serviços públicos são visualizadas nas figuras a seguir:

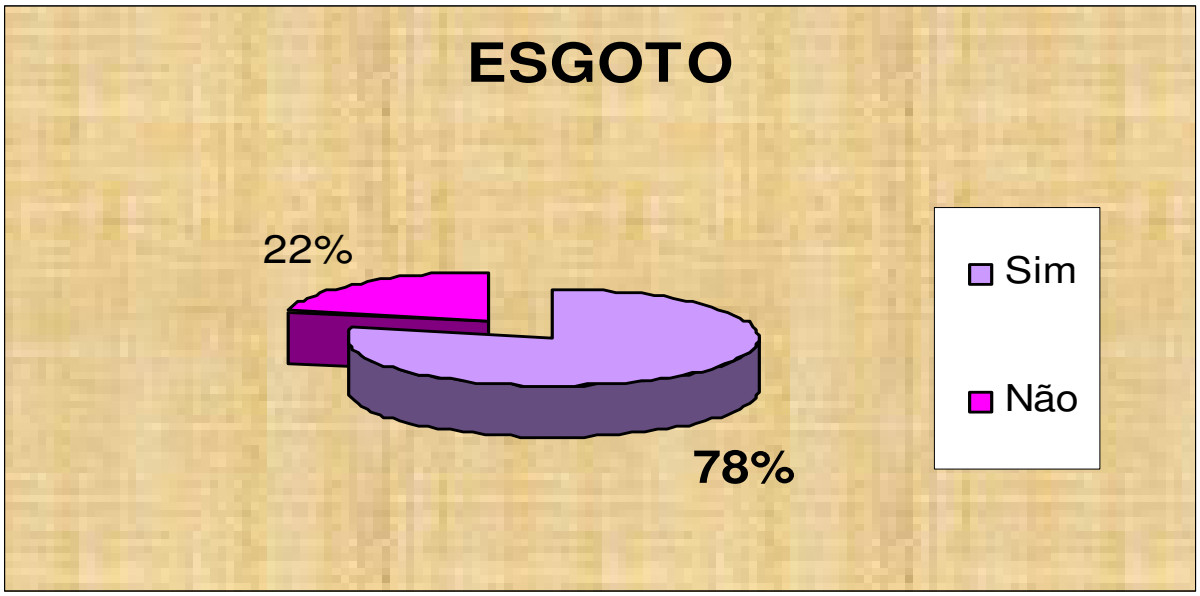


Figura 4: Esgoto.

Em relação ao sistema de esgoto 78% o possuem e em 22% a rede de esgoto não chegou às casas.

Sobre a saúde:

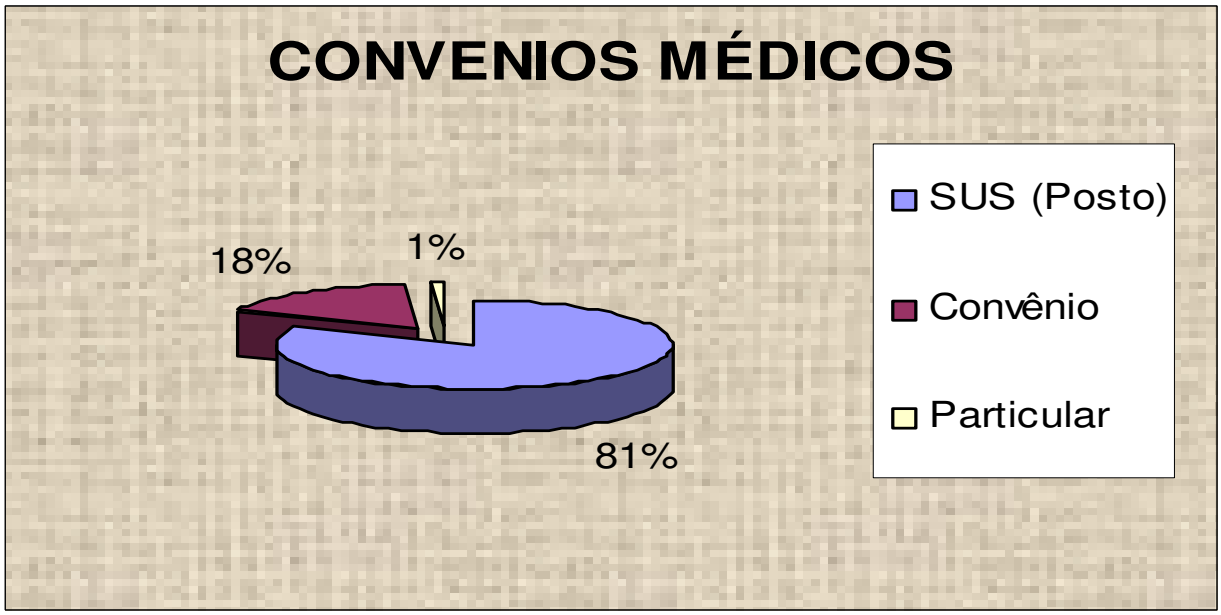


Figura 5: Convênio médicos.

Constata-se que o Sistema Único de Saúde (SUS) é o mais utilizado pelas famílias, totalizando 81%. Dessa forma, a maior parte da comunidade deste bairro depende dos atendimentos médicos da rede pública, que nem sempre conseguem contemplar a todos, devido ao número insuficiente de profissionais da área gerando uma fila de espera e carência para atendimentos médicos.

Sobre a situação conjugal e econômica, constatou-se que a formação familiar apresenta diferentes contextos:

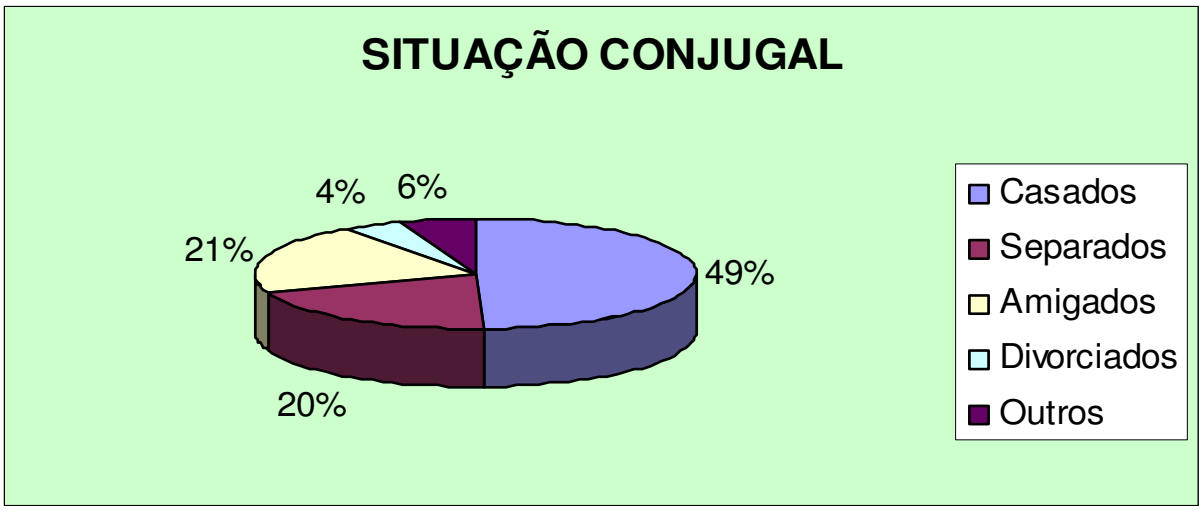


Figura 6: Situação conjugal

As famílias constituídas pelo casamento somam-se 49%, 24% dos casais são separados ou divorciados. Os 21% dos casais que se definem como amigados, significa união não oficializada. Dessas famílias o desemprego faculta a dificuldade em prover o sustento como mostra os índices de desempregados:

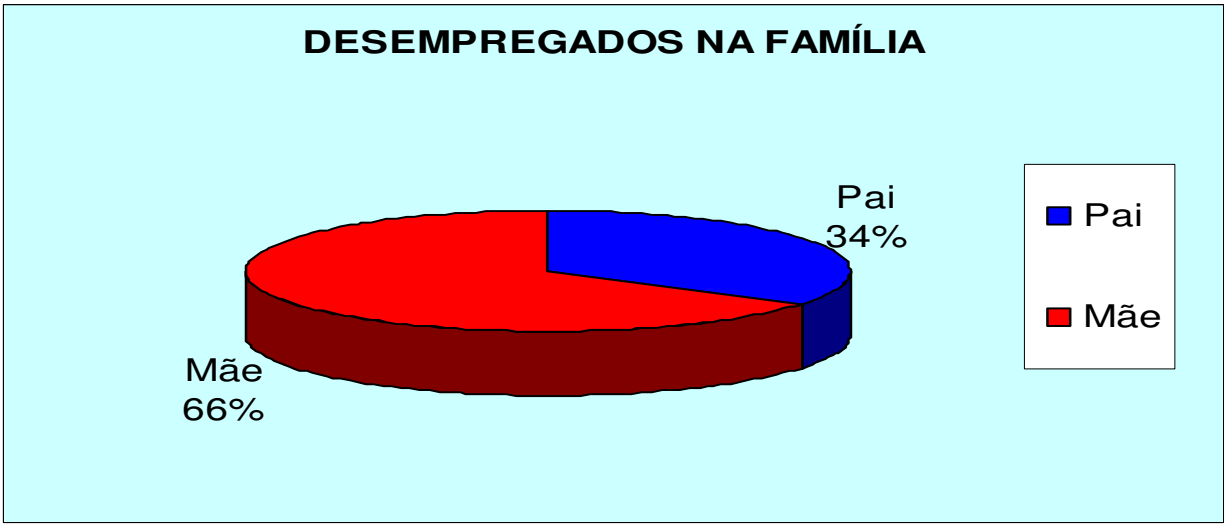


Figura 7: Desempregados na família.

O desemprego faz parte de muitas das famílias pesquisadas, sendo 66% das mães sem empregos e 34% dos pais. Chama a atenção o comentário de uma das mães sobre o desemprego do seu companheiro:

"Ele não pára em trabalho nenhum gosta de beber e perde a hora".

Esse comentário chamou a atenção nessa pesquisa que observou a forte presença da dependência química no meio familiar, quando questionados se há uso de alguma substância dessa natureza:

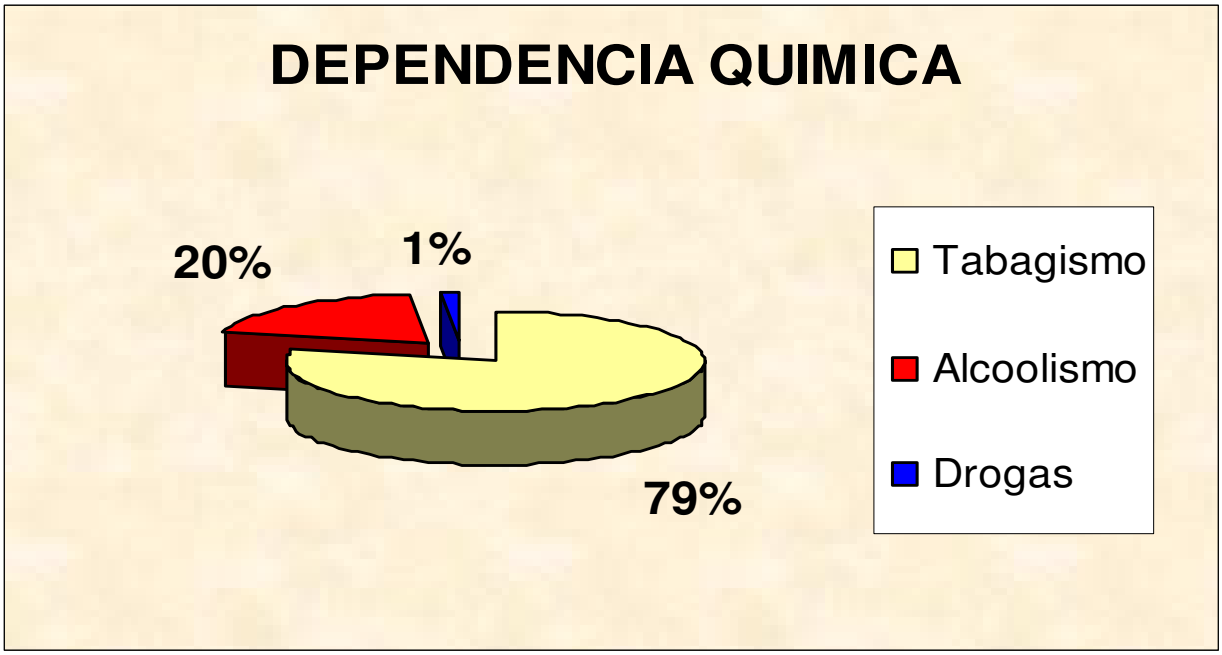


Figura 8: Dependência química.

Todas as formas de dependência química trazem prejuízos físicos à pessoa que usa e aos membros da família. Seja qual for a substância ingerida pelo seu dependente, 21% das respostas revelam que a dependência é fato e favorece a manifestação agressiva e a violência entre as pessoas que convivem juntas.

Sobre a participação da família na escola, observa-se que raramente o responsável pelo aluno comparece à Escola por seu próprio interesse. Após várias tentativas e solicitações dos professores e pedagogos a presença é realizada muitas vezes por outras pessoas da família, como avós e tios. Não se tem constatação em números, porém, nota-se a forte presença das avós respondendo como responsáveis na ausência do pai ou da mãe.

A pouca escolaridade e baixa renda refletem-se na baixa qualidade de vida familiar, como também, no baixo rendimento escolar da criança, pois, o trabalho infantil também faz parte da realidade de algumas crianças matriculadas na Escola. Elas trabalham para ajudar no sustento da família. Outras crianças vão à escola sem se alimentar, com higiene precária e poucas condições de saúde.

Algumas famílias mais carentes recebem ajuda de custo do Governo Federal pelo programa Bolsa Escola como mostra a figura a seguir:

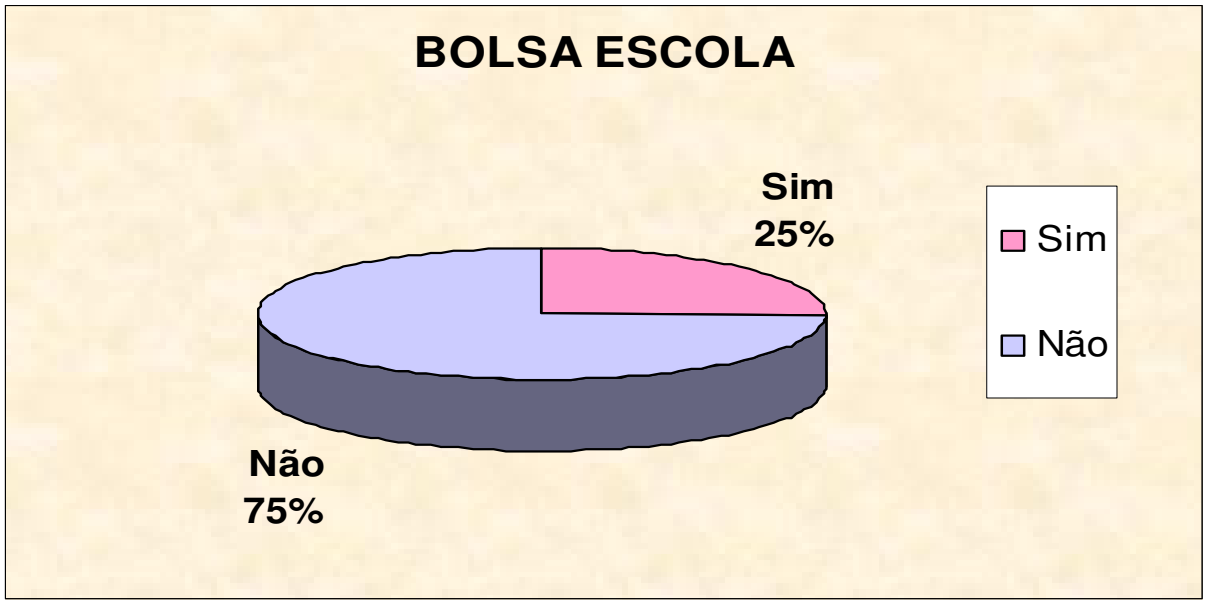


Figura 9: Bolsa Escola.

Cada família cadastrada no programa recebe um benefício em dinheiro mensalmente para auxiliar nos gastos com materiais e roupas, se comprovar freqüência escolar da criança pelo documento expedido pelas escolas.

Diante de tais descrições sobre as situações econômicas e sociais que envolvem as famílias que residem próximas a Escola parece que pais e alunos têm o mínimo de contato com outras fontes de conhecimento cultural, lazer e fontes de informações. Para os pais a Escola é quem deve proporcionar e facilitar esse contato e acesso.

Parece não haver dúvidas que as dificuldades econômicas e afetivas das famílias refletem nos filhos que por sua vez manifestam o modelo educativo transmitidos por seus pais no ambiente Escolar, estabelecendo relações conflituosas entre seus colegas e professores. Por outro lado a família não é o único ambiente em que a criança vive, outros fatores favorecem o comportamento agressivo.

Deste modo, considera-se importante investigar as causas e as manifestações do comportamento agressivo entre os escolares que busquem respostas mais consistentes.

4.3 INSTRUMENTOS

O desenvolvimento da pesquisa foi realizado por três instrumentos para reunir dados necessários e pertinentes à problemática pesquisada, ou seja: elaboração do questionário, seleção/coletas de dados e análise dos dados. Para coletar os dados foram envolvidos os professores, os alunos e os pais.

4.4 PROCEDIMENTOS

Compreende-se que a seleção e delimitação dos sujeitos têm extrema importância para a análise das questões formuladas.

Organizou-se a pesquisa envolvendo todos os professores que lecionam na Escola nos períodos: matutino e vespertino. Foram entregues pessoalmente pela investigadora 38 questionários individuais. As turmas de Educação de Jovens e Adultos do período noturno e Educação Infantil não foram incluídas neste estudo. Outra informação: a Escola comporta 48 vagas para professores, entendendo uma vaga como regime de 20 horas de trabalho por semana. Como muitos docentes trabalham semanalmente 40 horas o universo é de 38 professores. Esses 38 foram contactados pela pesquisadora e apenas 17 efetivamente devolveram os questionários respondidos.

Na segunda etapa foram selecionados para a pesquisa os pais de 72 alunos do universo de 599 que correspondem às matrículas do 1º ao 5º ano dos dois turnos, sem computar o contra-turno (já incluídos no outro turno).

Dos 72 questionários enviados, 36 foram respondidos pelos pais, na seguinte distribuição: 04 pais de alunos matriculados nas turmas de 1º anos; 7 alunos dos 2º anos; 16 alunos dos 3º anos; 5 alunos dos 4º anos e 4 alunos dos 5º anos. A seleção dos alunos ocorreu

a partir de dados apontados pelos registros nas fichas individuais e pelas anotações obtidas durante a reunião com cada professor regente. Os alunos selecionados foram os que apresentaram o maior número de ocorrências e reclamações referentes a atitudes agressivas durante esse ano de 2010. Todos os alunos da Escola possuem ficha individual com dados informativos preenchidos pelas pedagogas (conforme anexo 1).

Definição funcional dos diferentes atos agressivos que ocorrem no ambiente escolar citados pelos professores:

a) Durante as aulas: acontecem agressões físicas e morais. Consideram-se agressões físicas: chutes, socos, destruir pertences do outro, jogar objetos em outro colega. Agressões morais apresentam-se por palavras ofensivas como xingar, insultar professores, colegas e membros de sua família e ainda as intrigas (falar mal do colega).

b) Nos intervalos durante o recreio e na entrada e saída da escola as agressões físicas manifestam-se entre os colegas por "brincadeiras de luta", jogar pedras, empurrar, dar pontapés. As agressões morais consistem em excluir o colega de alguma brincadeira, discriminando-o por sua aparência por exemplo.

O procedimento da Escola quando dos atos agressivos e indisciplinares detectados pelo Inspetor em horários de intervalos consiste em encaminhar para a coordenadora que dialoga com a criança sobre o ocorrido. Quando a criança manifesta atos graves e violentos como machucar fisicamente e verbalmente o outro, depredar pertences, por exemplo, são levados aos cuidados da pedagoga. Esta conversa com a criança e convoca seus pais ou responsáveis para que possam intervir sobre a reincidência. A família comparece normalmente a Escola após diversas solicitações.

Quando as situações de conflitos são ocasionadas durante as aulas o professor preenche a ficha de encaminhamento (conforme anexo 2) ao setor pedagógico informando por escrito o que ocorreu e as providências tomadas pelo professor. Quando não há retorno da família convocada, nos casos mais severos é acionado o Conselho Tutelar (C.T.).

Disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente (E.C.A), Lei 8069/1990 - Art. 131, o "O Conselho Tutelar é órgão permanente e autônomo, não jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente, definidos nesta Lei". Composto por cinco membros escolhidos pela comunidade local para mandato de três anos.

Conforme o Art.136 cabe aos Conselheiros atender as crianças e adolescentes; atender e aconselhar os pais ou responsável; requisitar serviços públicos nas áreas de saúde, educação, serviço social, previdência, trabalho e segurança; representar junto à autoridade judiciária nos casos de descumprimento injustificado de suas deliberações; encaminhar ao Ministério Público notícia de fato que constitua infração administrativa ou penal contra os direitos da criança ou adolescente; representar, em nome da pessoa e da família, contra a violação dos direitos; representar ao Ministério Público para efeito das ações de perda ou suspensão do poder familiar, após esgotadas as possibilidades de manutenção da criança ou do adolescente junto à família natural.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando e, na prática, procurar a coerência com este saber, me leva inapelavelmente à criação de algumas virtudes ou qualidades sem as quais aquele saber vira inautêntico, palavreado vazio e inoperante.

Paulo Freire

Torna-se necessário sintetizar as informações ofertadas pelos professores e pais dos alunos levando-se em consideração três pontos: "pertinência, relevância e autenticidade" como sugere Pádua (2003, p. 78). Todos os questionários entregues foram recebidos cordialmente pelos professores, estudantes e pais, visto que a maioria dos investigados já se conheciam por fazem parte da Escola onde trabalhou a investigadora como Pedagoga.

Mediante a análise dos questionários foi possível entender como pais e professores dos alunos com comportamento agressivo interpretam essa problemática. As questões deram oportunidades aos professores para informar como lidam com situações de agressividade na escola (questionário A) e para os pais como agem frente a atitudes de indisciplina e agressividade em casa (questionário B).

A análise dos dados apresenta mensagens explicitadas nos dados coletados dos questionários. Laville e Dionne (1999) referem que a análise "torna-se não só o instrumento de classificação, mas também o de toda a análise-interpretação dos conteúdos" (p. 227).

5.1 QUESTIONÁRIO A - PROFESSORES

Em relação ao questionário destinado ao corpo docente, os dados referentes à formação acadêmica dos professores que atuam no Ensino Fundamental da escola pesquisada revelam que todos têm formação acadêmica de curso superior conforme preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

> Art. 62º. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (Brasil, L.D.B., 1996).

Entre os entrevistados encontram-se professores graduados em Pedagogia, Educação Física, Letras – Português/Inglês. É pertinente revelar que entre os cursos de especialização lato sensu, sete entrevistados são especialistas em Psicomotrocidade, Educação Especial, Pedagogia Empresarial e três em Psicopedagogia.

O tempo de atuação como professor do Ensino Fundamental conforme mostra na figura 10:

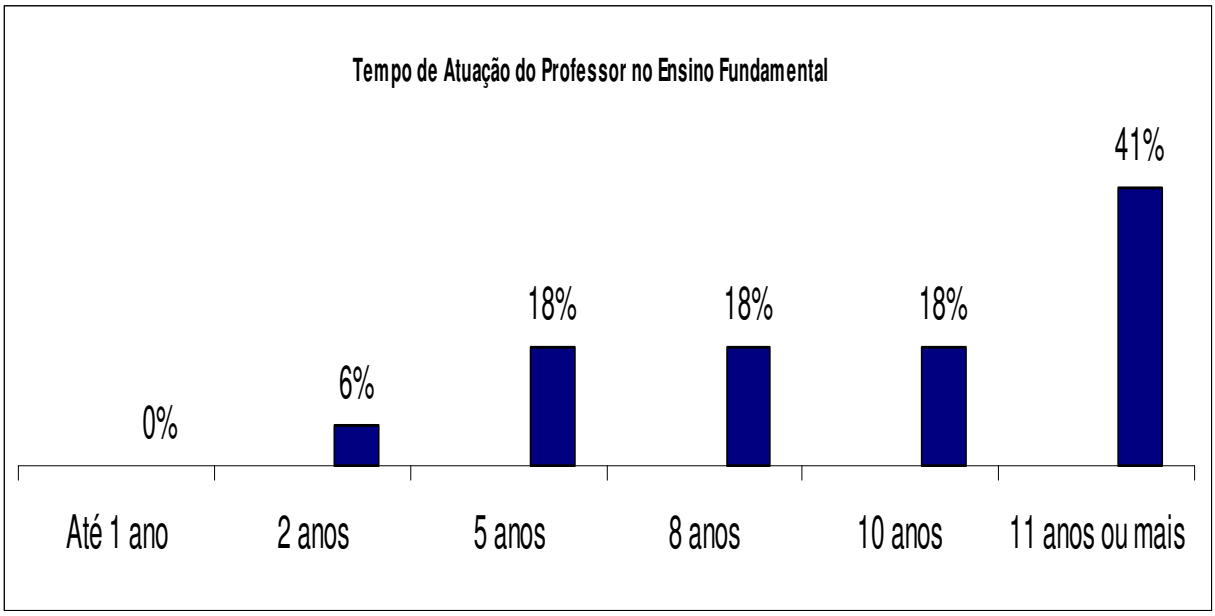


Figura 10: Tempo de atuação do professor no Ensino Fundamental.

Percebe-se que 77% dos professores possuem mais de oito anos de experiência na função. Essa análise supõe que a experiência docente permite ao professor desenvolver um olhar atento para todas as ações dos seus alunos, inclusive as revelem um comportamento agressivo. Para Perrenoud (2002):

> O reconhecimento de uma competência não passa apenas pela identificação de situações a serem controladas, de problemas a serem resolvidos, de decisões a serem tomadas, mas também pela explicitação dos saberes, das capacidades, dos esquemas de pensamento e das orientações éticas necessárias. Atualmente, define-se uma competência como a aptidão para enfrentar uma família de situações análogas, mobilizando de uma forma correta, rápida, pertinente e criativa, múltiplos recursos cognitivos: saberes, capacidades, microcompetências, informações, valores, atitudes, esquemas de percepção, de avaliação e de raciocínio. Todos esses recursos não provêm da formação inicial e nem mesmo da contínua. Alguns deles são construídos ao longo da prática – os saberes de experiência (p.19).

O tempo de atuação como docente na Escola pesquisada variou entre um e sete anos. Dos docentes, dois lecionam pelo primeiro ano na Escola, quatro têm dois anos, três têm três anos, um têm quatro anos, cinco têm cinco anos, um têm seis anos e um têm sete anos. Cabe

salientar que os professores possuem pouco tempo de experiência no Estabelecimento de Ensino, o que indica a rotatividade de docentes.

Dos professores pesquisados, quatro atuam no primeiro ano, três atuam no segundo ano, dois atuam no terceiro ano, dois no quarto ano, um no quinto ano, um na área de Educação Física, um Agente de Leitura, um de Inglês, um na Coordenação Administrativa e um no setor Pedagógico do Ensino Fundamental.

No que se refere à reflexão sobre o foco de ensino na prática pedagógica, conforme a segunda pergunta do questionário percebeu-se a preocupação do professor em transmitir os conteúdos proposto no currículo auxiliando os alunos nas dificuldades individuais.

Cabe parafrasear Saviani (1992) sobre a prática pedagógica, que propõe a interação entre conteúdo e realidade concreta visando à transformação da sociedade mediante a compreensão dos alunos. O autor distinguiu a pedagogia em dois momentos: "geral que envolve essa noção de cultura, como tudo que o homem produz... e a escolar, ligada à questão do saber sistematizado, do saber elaborado, do saber metódico" (p. 80). Para ele, a escola tem a função de organizar e de garantir o acesso dos alunos a esses saberes.

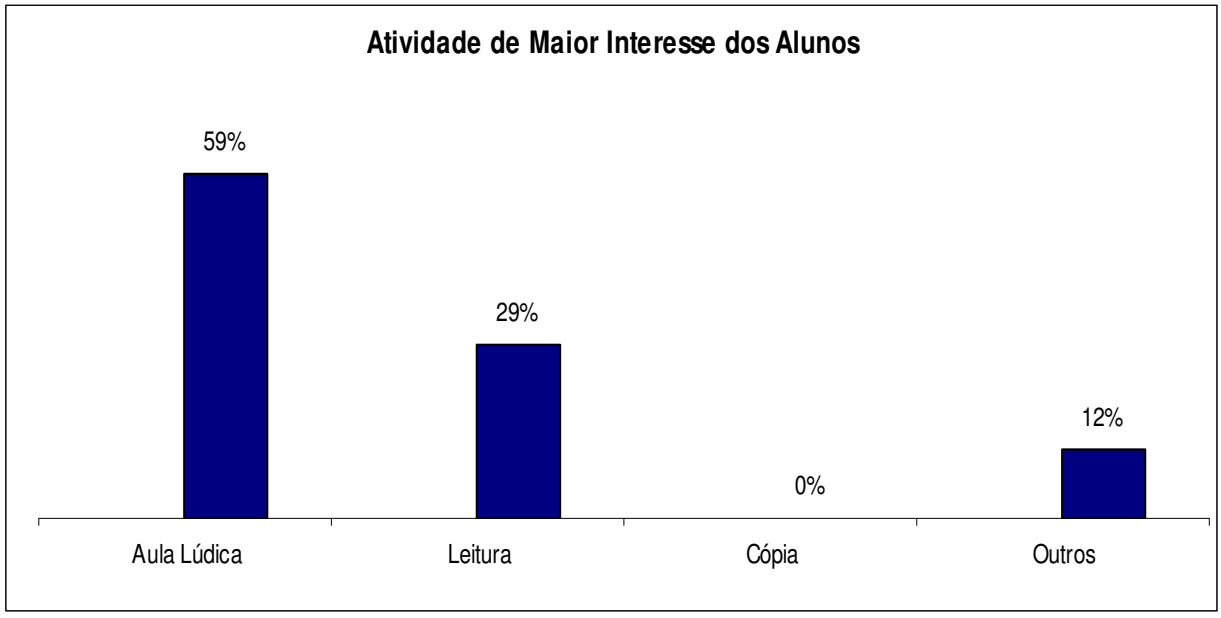


Figura 11: Atividades desenvolvidas pelo professor e de maior interesse dos alunos.

Discorrendo sobre a prática em sala de aula observa-se que atividades lúdicas estimulam o interesse dos alunos pelos conteúdos propostos. Como mostra a Figura 2, 59% dos entrevistados apontam as aulas lúdicas como uma alternativa importante para reter

atenção e desenvolver o raciocínio. O recurso lúdico mais citado é a utilização de jogos pedagógicos.

Dentre os docentes que citaram outras atividades, há sugestões como bingos, cruzadinhas, atividades artísticas, produção e reescrita de textos, utilização de materiais concretos, interpretação, músicas, utilização de sinais (libras) como forma alternativa de se comunicar na sala. Não houve nenhuma referência dos docentes em relação ao brincar e ao jogo como instrumentos que favorecem as relações entre os colegas, apenas foram mencionados como apoio a aprendizagem dos conteúdos.

Para Benjamin (2002), a criança não é alheia ao mundo. Ela faz parte de uma determinada cultura e, portanto é um sujeito social e na brincadeira ela atua, participa, questiona, interpreta a realidade que está inserida.

Train (1977) enfatiza que "é durante a brincadeira que a criança começa a conseguir enfrentar o seu mundo... Ao brincar, explora sentimentos e dissipa ansiedade; ensaia eventos no intuito de controlar resultados e pratica habilidades sociais" (p. 49).

É possível compreender que o professor atuante no Ensino Fundamental preocupa-se com problemas encontrados pelos alunos como dificuldade de aprendizagem, pouca concentração nas aulas e indisciplina. A indisciplina e o comportamento agressivo são considerados pelos docentes como reflexos da falta de estrutura familiar.

Esse dado ficou claro quando perguntado aos entrevistados qual é a definição do aluno com comportamento agressivo. Destacaram-se respostas como: o aluno que gosta de chamar a atenção, sem limites, cruel, que comete agressões físicas e verbais sem motivo, agitado, imaturo, que estraga pertences, que não conclui atividades, disperso, ansioso, que tem traumas, que provoca outras crianças. Train (1977) descreve as crianças agressivas como sendo: "dominadoras, agem com força física e se gabam de suas proezas... briguentas, barulhentas, mandonas... e podem também demonstrar um comportamento exigente, chateando, choramingando e buscando atenção" (p. 41).

Dentre os atos agressivos físicos mais citados pelos professores pesquisados estão os chutes, empurrões, tapas, socos, rasteiras, estragar pertences. E as mais citadas como agressividade moral destacam-se os palavrões, apelidos, o xingar, as brigas com o objetivo de humilhar, descriminar e ofender sem motivo aparente. Também indicaram como ato agressivo uma brincadeira denominada "lutinha", onde os objetivos são: se defender e atacar fisicamente, o que acarreta brigas e violência.

Quando questionados se as manifestações agressivas têm relação com o comportamento genioso ou temperamental da criança os professores responderam:

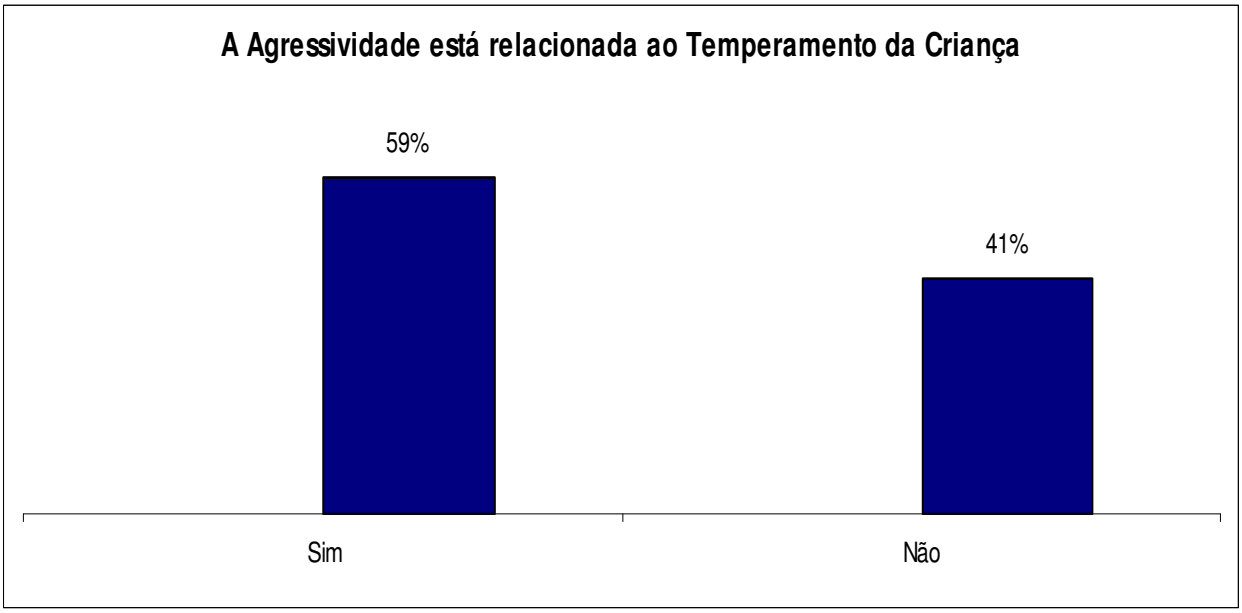


Figura 12: A agressividade está relacionada ao temperamento da criança.

Porém, como mostra o gráfico, 59% dos professores entrevistados acreditam que o comportamento agressivo está ligado ao temperamento da criança.

Alguns professores responderam que a criança agitada, ansiosa, teimosa, birrenta, geniosa mostra um traço de sua personalidade entendido como temperamento. Neste ponto é pertinente citar Winnicott (1987, p. 97):

> (...) existem certas características na natureza humana que se pode encontrar em todas as crianças e em todas as pessoas de qualquer idade; há constatações abrangentes a respeito do desenvolvimento da personalidade humana... que são aplicáveis a todos os seres humanos, independentemente de sexo, raça, cor da pele, credo ou posição social. As aparências podem variar, mas existem denominadores comuns nos problemas humanos. Pode ser que uma criança tenda para a agressividade e outra dificilmente revele qualquer sintoma de agressividade, embora ambas tenham o mesmo problema.

Outros entrevistados acreditam que o comportamento agressivo se aprende primeiramente no ambiente familiar. Luz (2008) enfatiza a importância da família como primeiro contato social da criança e como um ambiente que proporcione sentimento de segurança. Winnicott (1987, p. 121) por sua parte, afirma que: "(...) a criança cujo lar não ofereceu um sentimento de segurança busca fora de casa... recorre às avós, tios e tias, amigos

da família e escola. Procura uma estabilidade externa...". O mesmo autor atribui ao adulto a responsabilidade de ensinar a criança a controlar seus impulsos agressivos.

Discorrendo sobre o comportamento agressivo, os professores indicam em quais momentos os atos são mais freqüentes entre os escolares:

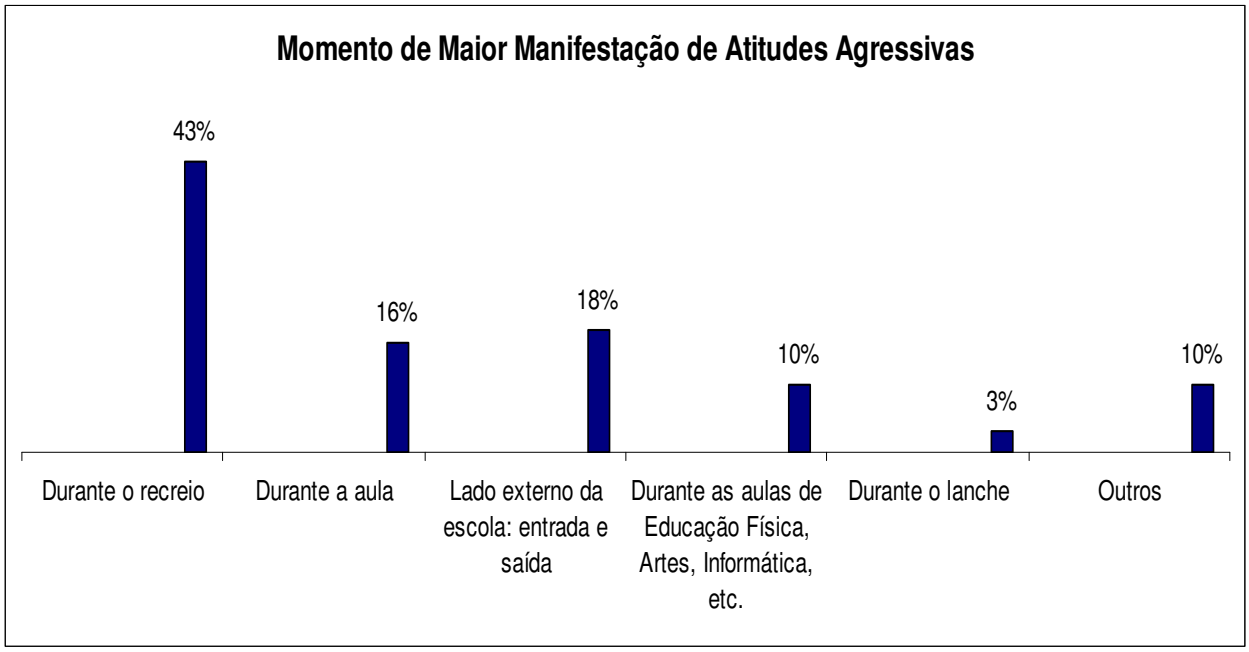


Figura 13: Momento de maior manifestação de atitudes agressivas na escola.

O recreio é apontado como sendo o momento de maior manifestação de atos agressivos com 43% das respostas. Essa alta porcentagem se deve ao número insuficiente de profissionais que cuidam do recreio. Em segundo lugar com 18% são considerados tanto o lado externo da Escola (entrada e saída dos alunos) quanto durante a aula. Alguns professores citam a volta para a sala, pós o recreio, como momento de ocorrências conflituosas entre os estudantes e também quando os alunos ficam ociosos, sem atividades a realizar.

Tratando-se das relações interpessoais na sala de aula, os professores foram questionados sobre como se sentem em uma situação de conflito.

Como mostra a Figura 14 as respostas foram assim pautadas:

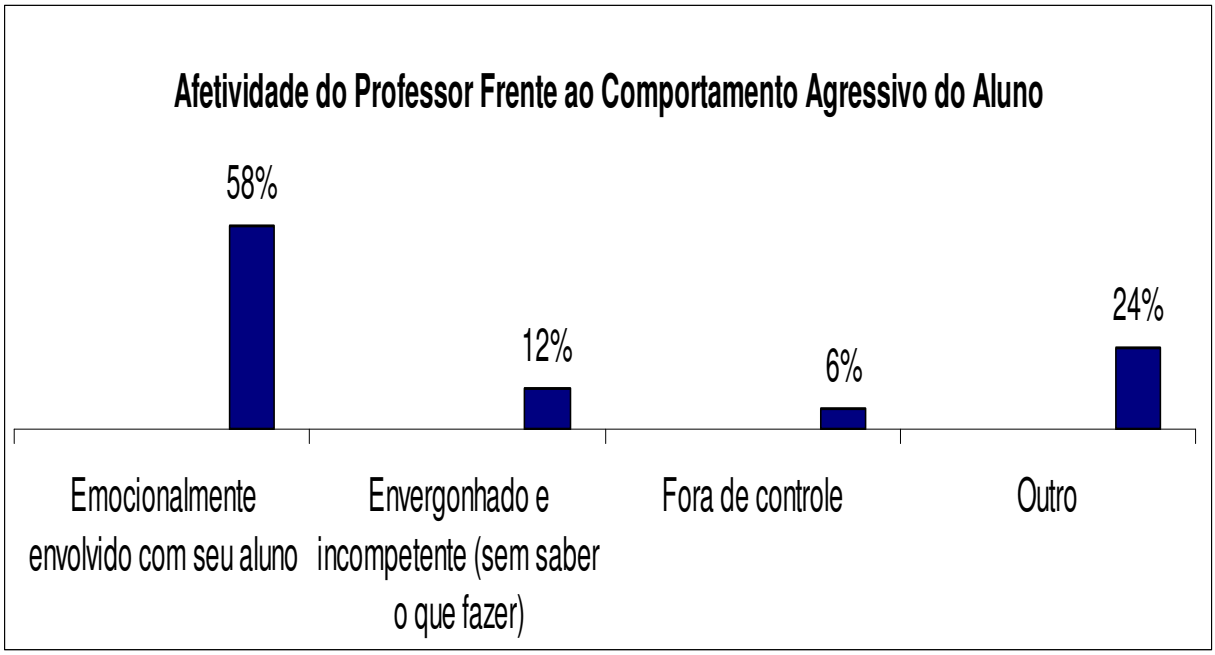


Figura 14: Afetividade do professor frente ao comportamento agressivo do aluno (a).

Assim, 58% dos entrevistados escreveram que se sentem emocionalmente envolvidos. Uma professora revela:

> "Envolvo-me profundamente quando uma criança manifesta o comportamento agressivo, pois sei que esta criança sofre emocionalmente e precisa de ajuda. Então eu a abraço e a tranqüilizo, para depois conversarmos e se necessário solicitar suporte das pedagogas".

No entanto, 12% sentem-se envergonhados e incompetentes frente às atitudes agressivas dos alunos, sem saber o que fazer e 6% se descontrolam com tal situação: gritam na tentativa de controlar uma situação de conflito. Train (1977) afirma que: "Você pode gritar eternamente e a única coisa que conseguirá é ensiná-la como berrar. As ações falam muito mais que as palavras" (p.173). O mesmo autor orienta: "Não reaja devolvendo ofensas quando ele o xinga. Permaneça calmo e observe a cena... é preciso quebrar o hábito de se comunicar com você dessa maneira" (p.194).

Um dos recursos dos professores quando envolvidos em situações de conflitos consiste em recorrer a Equipe Pedagógica da Escola, a qual convoca os responsáveis pelo fato ocorrido. Em outras descrições percebe-se um distanciamento entre professores, pedagogos e família, como se lê na seguinte resposta:

"Chamo a pedagoga para convocar a família para conversar, porém nunca resolve".

Esse "distanciamento" fica mais evidente quando questionado sobre a sua relação com o aluno agressivo. Uma professora revela:

"Apreensão. Sinto-me sozinha".

Outros docentes acrescentam que a relação com alunos com dificuldade de comportamento se deve pautar pela conquista da confiança e pelo diálogo. Também citam a relação baseada no afeto, respeito e apoio. Alguns ainda crêem que se deva estabelecer normas rígidas para impor limites. Outra reflexão propõe ao aluno agressor que ele reflita como se fosse agredido e tire suas conclusões.

Observa-se que os professores só recorrem à equipe pedagógica após esgotarem todas as possibilidades de diálogo com o aluno. Apontam a prática pedagógica como sendo burocrática**.** Alguns professores citaram que para controlar comportamentos indisciplinares e hostis premiam o aluno que segue os combinados (regras) da sala de aula. Essa premiação consiste em receber algum presente escolhido pelo professor, por exemplo.

É importante salientar que todos os entrevistados acreditam que a dinâmica familiar favorece a conduta hostil. Conforme um relato:

"Família ensina agressividade através de exemplos e a criança desconta na escola".

Outros indicadores da dinâmica familiar que estimulam a agressividade, na ótica dos professores, estão na falta de tempo e paciência dos pais para com os filhos resultando em discussões, agressões físicas como bater, gritar, castigar.

Os entrevistados sugerem algumas condutas para que o índice de agressividade na escola diminua, como: o professor, como todo o colegiado deve ser mais acolhedor enfatizando o diálogo e o carinho na relação com o aluno, deve aproximar a família do aluno à escola promovendo palestras e outras atividades enfatizando o ensino voltado à afetividade e valores garantindo um recreio direcionado.

Quando questionados sobre o aumento da agressividade desde o início da sua atuação na escola, onze entrevistados responderam que esse aumento é verdadeiro, justificando que cada vez mais cedo as crianças manifestam comportamento agressivo. Cinco

entrevistados revelam que a direção atual colabora no combate à agressividade entre os escolares.

É importante destacar que dois professores esclareceram que não ocorre nenhum caso de agressividade em sala de aula, por ser constante a prática do diálogo e também, a realização de dinâmicas envolvendo coletivamente o grupo de alunos.

Sobre a importância do diálogo na relação professor - aluno assim se expressa Morais (1995): "Diálogo é, em princípio, boa vontade para a compreensão mútua. E pode chegar ao ápice da comunhão do encontro humano (...)" (p. 72). Para o autor o "recurso diálogo faz-se na única possibilidade de educação em plenitude" (p. 74).

5.2 QUESTIONÁRIO B – PAIS

Os dados fornecidos pelas famílias das crianças que apresentaram comportamento agressivo na escola revelam a participação significativa da mãe como respondente principal da pesquisa, como se vê na Figura 15:

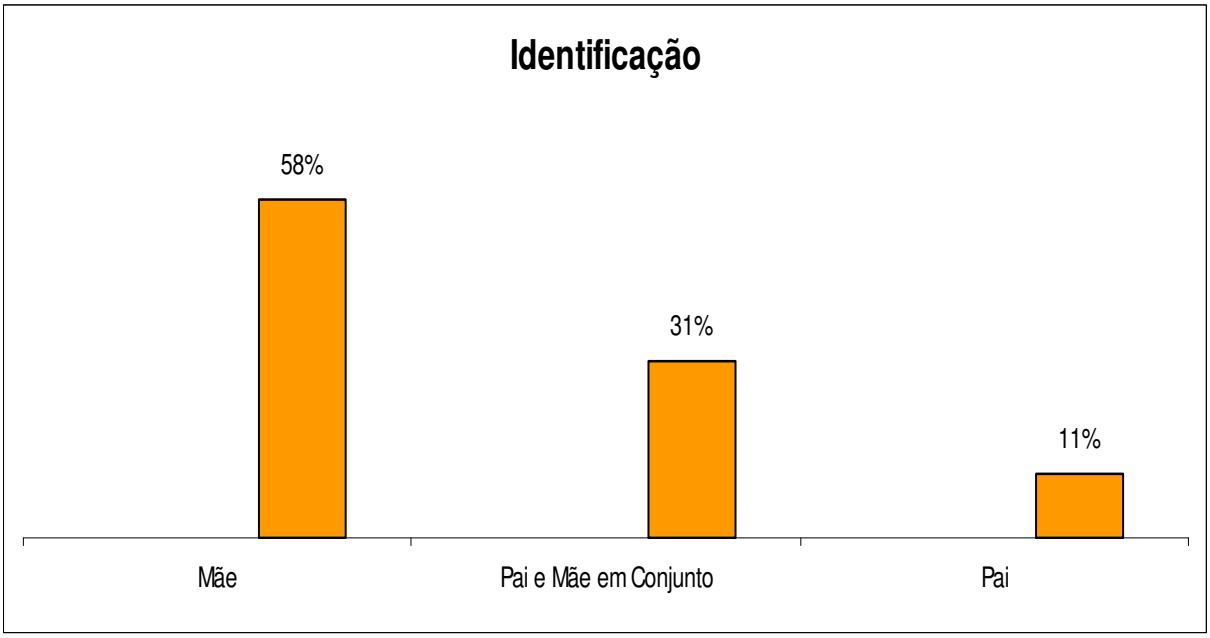


Figura 15: Identificação dos entrevistados.

Embora seja inferior a participação do pai nesta pesquisa em relação a participação da mãe. Contatou-se que ambos se preocupam com seu filho, apesar ser quase sempre a mãe a ir às reuniões da escola, passar mais tempo com seu filho.

A faixa etária dos pais respondentes pode ser vistas de acordo com a Figura:

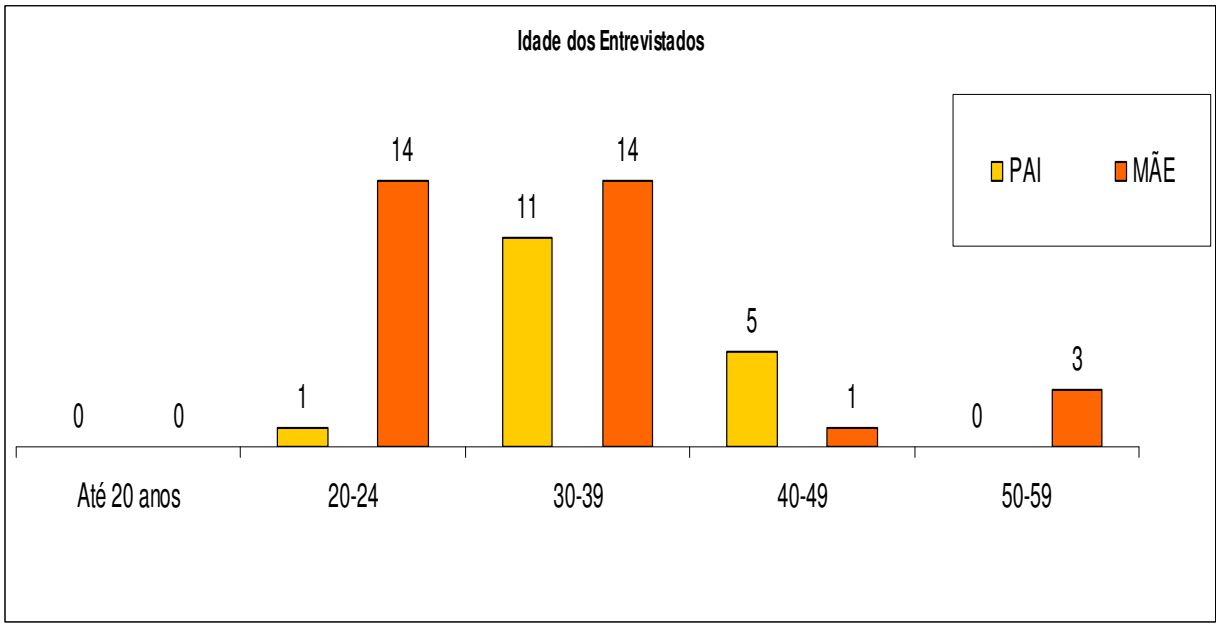


Figura 16: Faixa etária dos entrevistados.

Em relação à idade dos entrevistados a maioria dos pais tem em média de 20 a 39 anos. Esse dado tem como finalidade complementar a identificação dos participantes dessa pesquisa. Embora, seja possível pensar que quanto mais amadurecidos os pais, mais difícil o rompimento dos laços de afeto, após ultrapassar as dificuldades que permeiam as relações entre conjugais e filiais.

Quando questionados sobre quem cuida do filho (a) quando os pais estão em horário de trabalho:

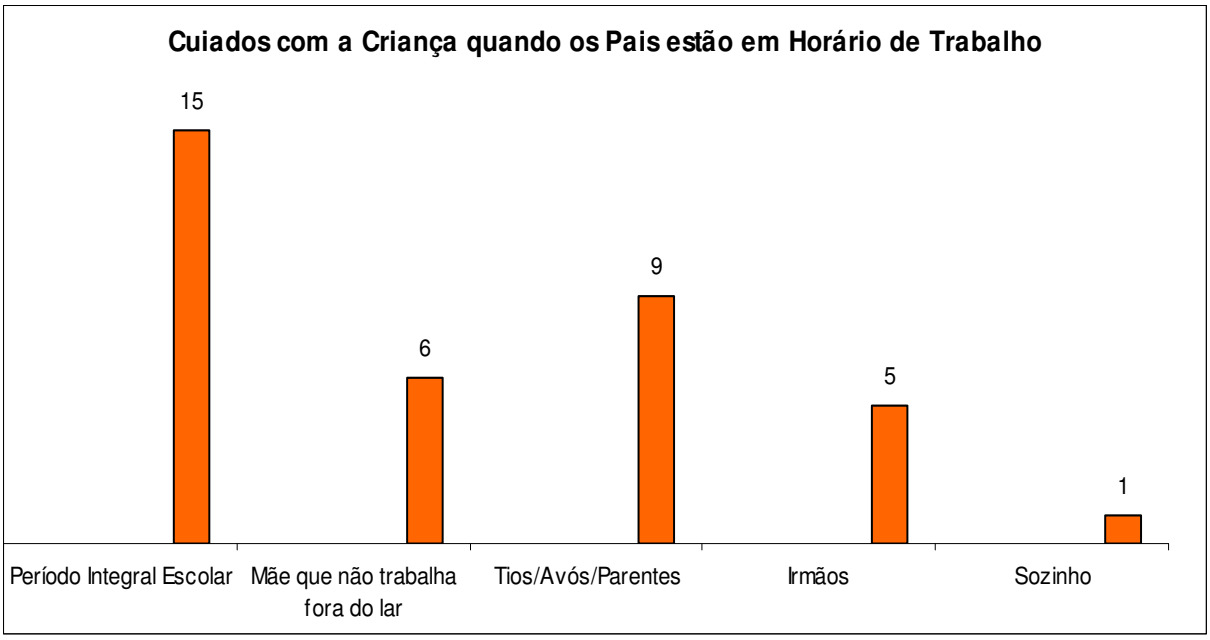


Figura 17: Cuidados com a Criança quando os pais estão em horário de trabalho.

As respostas mostram que 15 crianças ficam na turma do contra-turno da Escola. Porém cabe perceber que 14 crianças ficam sob os cuidados de avós, tios, irmãos, parentes o que significa na prática que a criança fica com quem pode cuidá-la, na maioria dos casos são os avôs.

Sobre os resultados obtidos em relação ao tempo que os pais passam com os filhos durante a semana observa-se que:

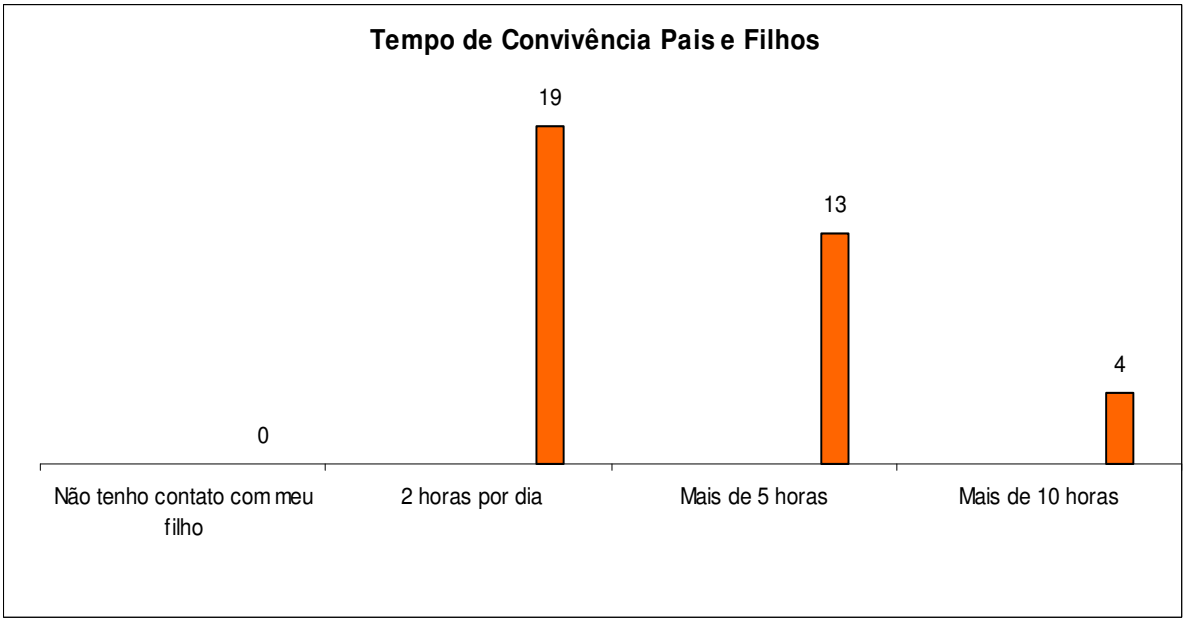


Figura 18: Tempo de convivência dos pais e filhos.

O tempo diário que os pais passam com seus filhos são entre duas a cinco horas por dia. Esse dado leva a reflexão sobre como esse tempo é distribuído na rotina familiar no que se refere às atenções para com a criança. Como revela uma mãe:

> "Passamos mais ou menos cinco horas juntos por dia mas tenho muitas coisas pra fazer. Eu cuido do meu filho, não falta nada pra ele".

No que se refere a reflexão a respeito de como esse tempo é utilizado pelos pais na convivência com seus filhos foram obtidas as seguintes respostas:

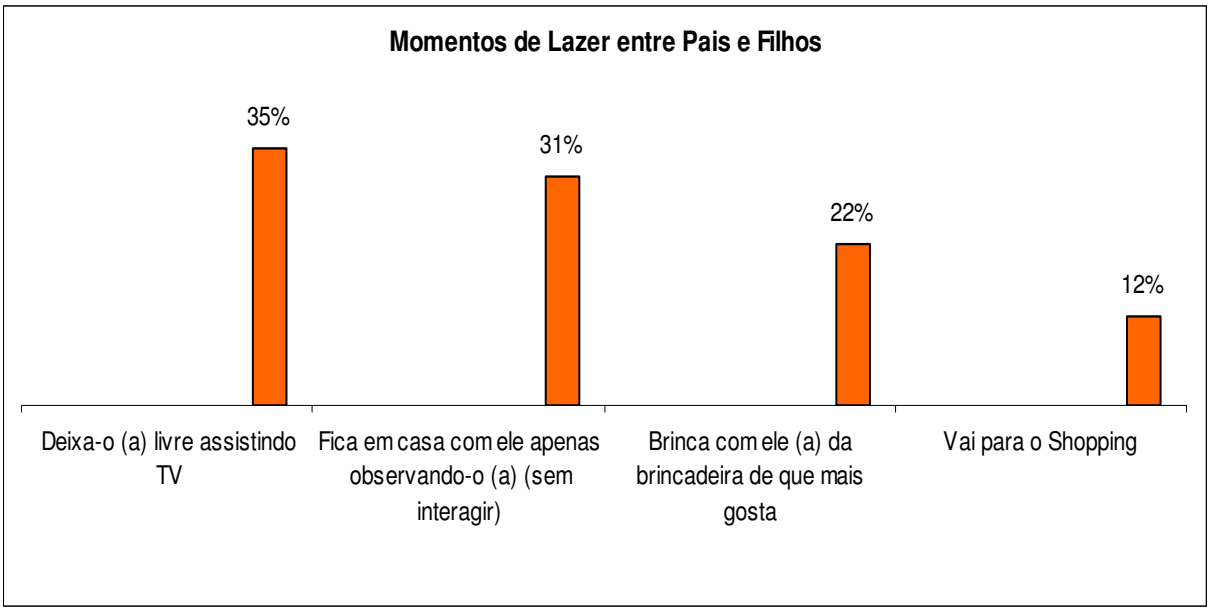


Figura 19: Momentos de lazer entre pais e filho (a).

Observa-se que 76% dos pais cuidam de seus filhos sem interagir com eles. Na maioria das famílias entrevistadas sobre os momentos de lazer a televisão é o recurso mais utilizado. Nos poucos momentos juntos, a dinâmica familiar revela a distância e a ausência entre pais e seus filhos em um momento tão significativo e único.

Entre outras respostas 34% mostram pais preocupados em acompanhar seus filhos em atividades envolvendo passeios e brincadeiras, as mais citadas foram, além das que aparecem na Figura acima foram: passeios em parques, soltar pipa, jogar bola.

Observa-se a necessidade de refletir sobre a relação pais e filhos que de acordo com Luz (2008) deve acontecer "desde o primeiro momento em que a criança precisa ser cuidada

por um adulto... as relações que se estabelecem no ambiente familiar devem possibilitar a construção de um momento de segurança e amparo" (p. 28).

Sobre a família Winnicott (1990) pondera que "no interior da família, a criança pode avançar passo a passo, do relacionamento entre três pessoas para outras mais e mais complexos. É o triângulo simples que apresenta dificuldade e também toda a riqueza da experiência humana" (p. 57).

Ao questionar os pais sobre as manifestações de comportamento agressivo dos filhos durante o momento de lazer verifica-se que:

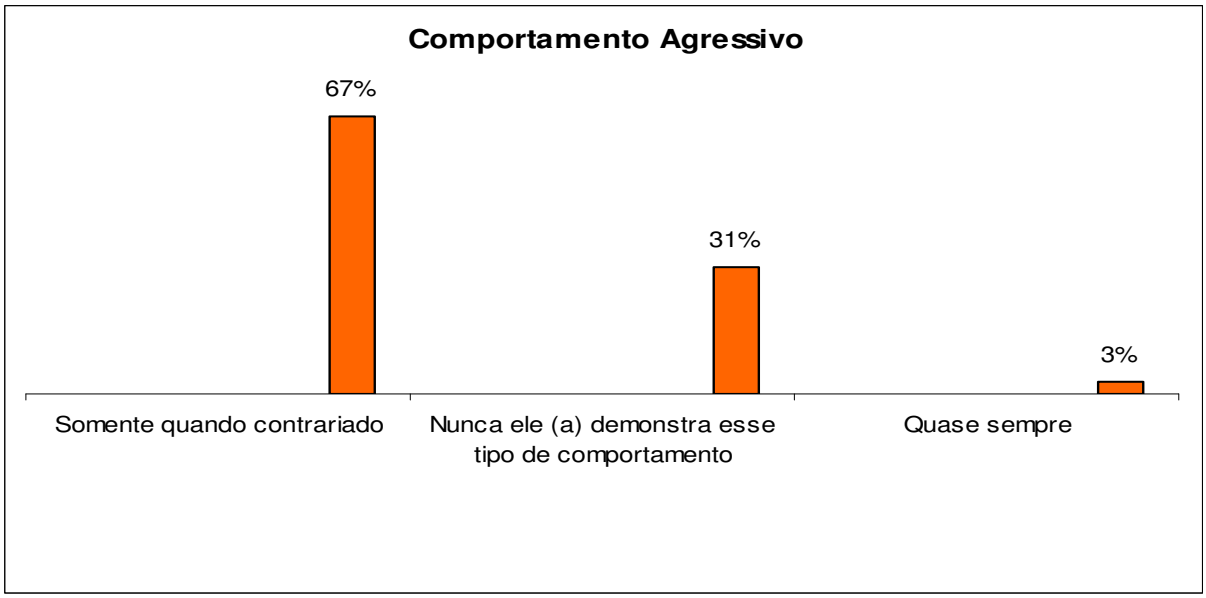


Figura 20: Comportamento agressivo.

Cabe observar que atitudes agressivas acontecem em primeiro lugar com 67% das respostas, quando há contrariedade dos pais em fazer as vontades dos filhos e 3% observam o filho tendo atitudes agressivas quase sempre. Percebe-se que para a maioria dos entrevistados a agressividade está ligada à situação de limites. Parafraseando Winnicott (1987), os pais devem exercer autoridade em suas ações com seus filhos, mas também, compreensão e afeto.

Todos os entrevistados questionados sobre a sua relação com seu filho descreveram como sendo boa. Apenas um entrevistado cita que sua relação com o filho é de afeto, amizade e compromisso. E muitos revelam que a relação é boa quando a criança está calma.

Ainda discorrendo sobre a convivência familiar entre os pais da criança, observou-se que sete entrevistados revelam que de modo geral a relação é boa, oito colocam que são separados e não têm contato com a outra parte, ou quando têm é conflituosa e 4 descrevem

como não sendo boa. Observa-se que entre outras revelações apenas um entrevistado cita o afeto e o respeito na relação conjugal. Sobre a convivência entre os pais, Winnicott (1999) explica:

> quando ocorre uma privação em termos de um rompimento do lar, especialmente se houver uma desavença entre os pais, ocorre uma coisa muito séria na organização mental da criança... suas idéias e seus impulsos progressivos tornam-se inseguros...a criança perde sua própria impulsividade e espontaneidade (p. 118).

O mesmo autor adverte que "o lar é de responsabilidade dos pais e não da criança" (p. 118). Ao questionar se o filho assiste a discussões entre os pais, as respostas foram as seguintes:

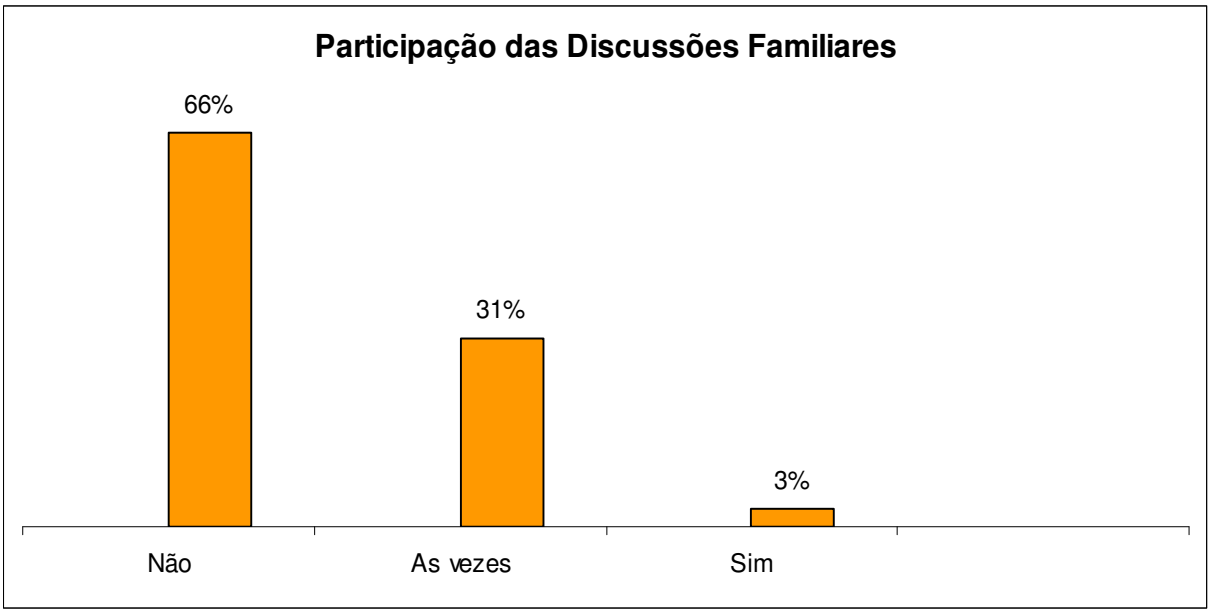


Figura 21: Participação da criança em discussões familiares.

Dos entrevistados, 34% revelam que o filho assiste as discussões familiares. Sobre essa informação é importante refletir sobre as palavras de Fante (2005) que diz: "no âmbito familiar a violência manifesta-se por expressões, fisionômica, gestos e postura corporal, tom vocal e diversos tipos de maus tratos verbais, físicos e psicológicos, prejudicando e influenciando negativamente o indivíduo" (p. 207).

Quando perguntados sobre como os pais agem em situações de desobediência pelo filho, as respostas são:

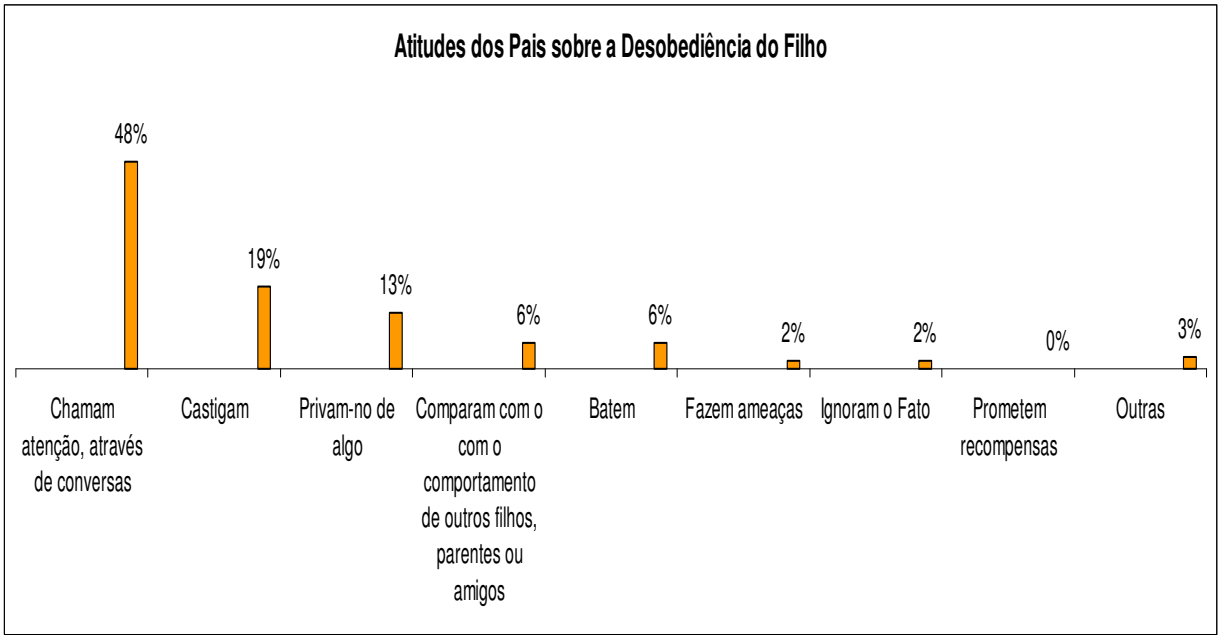


Figura 22: Atitudes dos pais em relação a desobediência do (a) filho (a).

Vê-se que 48% dos pais reagem a situações de desobediência chamando a atenção do filho através de conversas e 40% confessam castigar, bater, privar o filho de algo como forma de coagir e impor limites. Entre outras respostas foram citadas as palmadas. Para estes, as palmadas não são sinônimos de bater, mas, uma forma de controlar a situação e se impor. Quando essas atitudes são praticadas pelos pais para controlarem situações de desobediência foram revelados que as reações dos filhos são de aceitação, de não responder, fingir que não escuta, chorar, tristeza, assustado, medo, revolta, agressivo.

Train (1977) constata:

> Nenhuma criança pode ser comportada a não ser que tenha um claro conjunto de regras aplicadas coerentemente... não se pode arrepender quando comete um erro se não houver nenhuma forma de restituição. Os controles permitem que ela mesma possa se corrigir se souber o que fez de errado. Os problemas podem ser resolvidos em vez de aumentar seu nível de ansiedade (p. 106).

Percebe-se que os pais preocupam-se com seus filhos e que procuram orientá-los, porém o significado de comportamento agressivo é considerado pelos pais como bater, falar palavrões, espancar, maus tratos, não obedecer, não ter responsabilidades, gritar, xingar, arremessar objetos em outros, excesso de nervosismo, humilhar, agredir fisicamente.

Quando questionados sobre a relação da agressividade com o temperamento da criança considerada "geniosa" ou "personalidade forte", as respostas vêem-se na Figura a seguir:

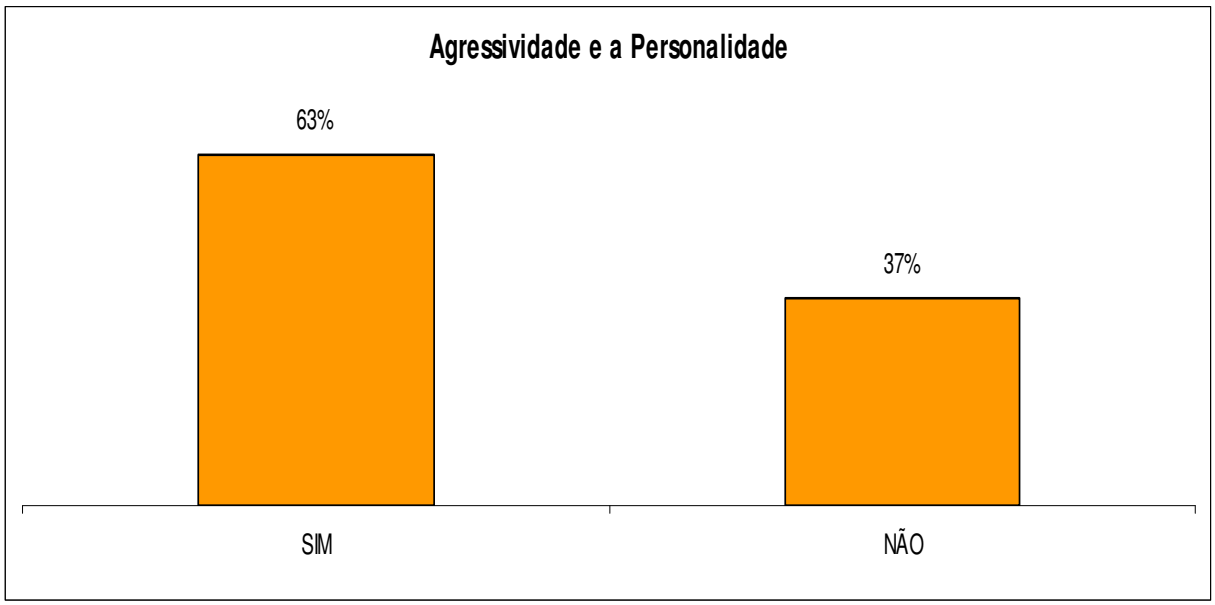


Figura 23: Agressividade e a personalidade da criança.

As explicações apontadas pelos entrevistados revelaram que 63% dos pais a agressividade está relacionada ao temperamento da criança. Alguns pais entendem que a agressividade está ligada ao temperamento como sendo natural da pessoa, como se lê em uma das justificativas:

> "Desde bebê ele costuma ser insistente quando quer alguma coisa, chega a caçar brigar. Eu acho que está no gênio".

Outras respostas positivas apontam aos traços do temperamento como sendo herdados, como se lê:

> "Ele tem o gênio difícil igual ao do pai".
>
> "Eu acho que ela tem um pouco do pai".

Também para os pais a relação do temperamento com o comportamento agressivo pode ser observado pelos atos de teimosia e birra. Para eles, contrariar o filho torna-o agressivo.

Os 34% dos pais entrevistados atribuem ao modelo familiar e a convivência com outras crianças como sendo é o que influencia a manifestação do comportamento agressivo. Uma mãe justifica:

> "Eles são o que ensinamos. Somos nós que devemos educá-los".

Ainda sobre a agressividade dos filhos:

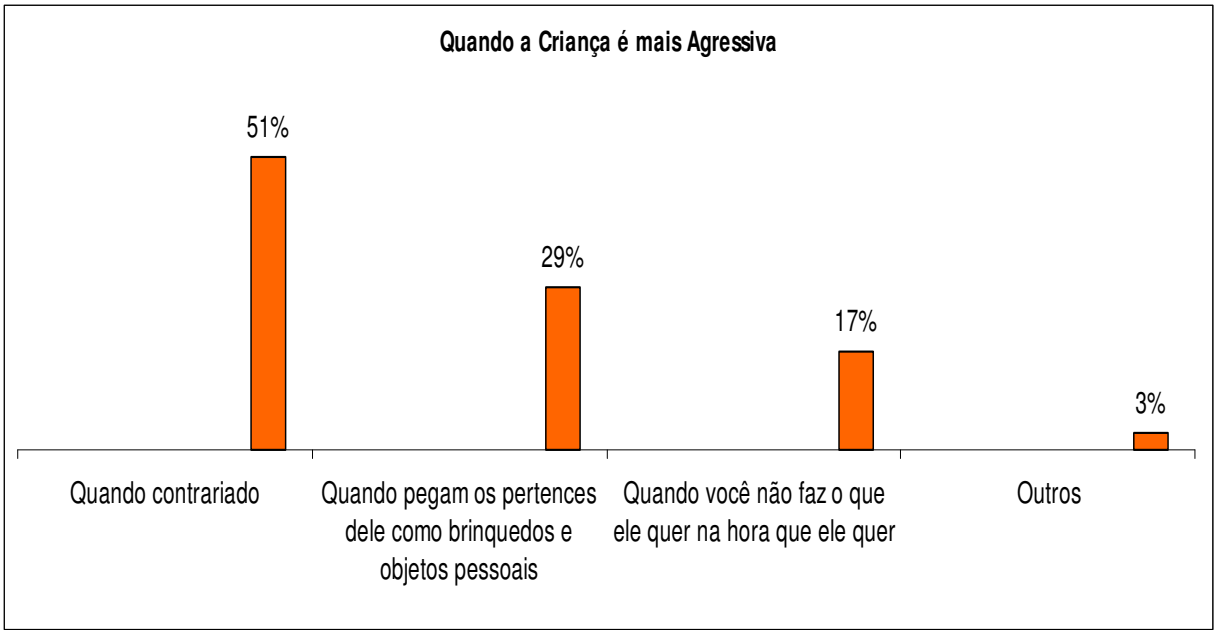


Figura 24: Quando a criança é mais agressiva.

Lê-se nas respostas que para os pais a agressividade está relacionada a aceitação de regras colocadas pelas famílias. Os pais justificam que preferem não brigar com os filhos para evitar desavenças familiares. Também citam que acham importante construir regras no lar, que são deixadas de lado para atender aos pedidos dos filhos. Alguns dos entrevistados se culpam pelo pouco tempo que passam juntos devido a jornada de trabalho. Sobre a importância do limite Silva (2010) afirma que:

> Quando os pais não conseguem delimitar de forma clara as fronteiras entre o que se pode e o que não se pode fazer, eles se tornam incapazes de

> exercer uma educação eficaz. Os pais podem até, de forma momentânea, obter um clima doméstico mais calmo e livre de conflitos diários. No entanto, isso impede o amadurecimento de seus filhos dentro dos processos evolutivos inerentes ao ser humano, o que desfavorece laços relacionais estruturados no verdadeiro diálogo, na responsabilização e na independência afetiva (...) (p. 62).

Questionados sobre o que influencia as atitudes agressivas do filho os pais revelam:

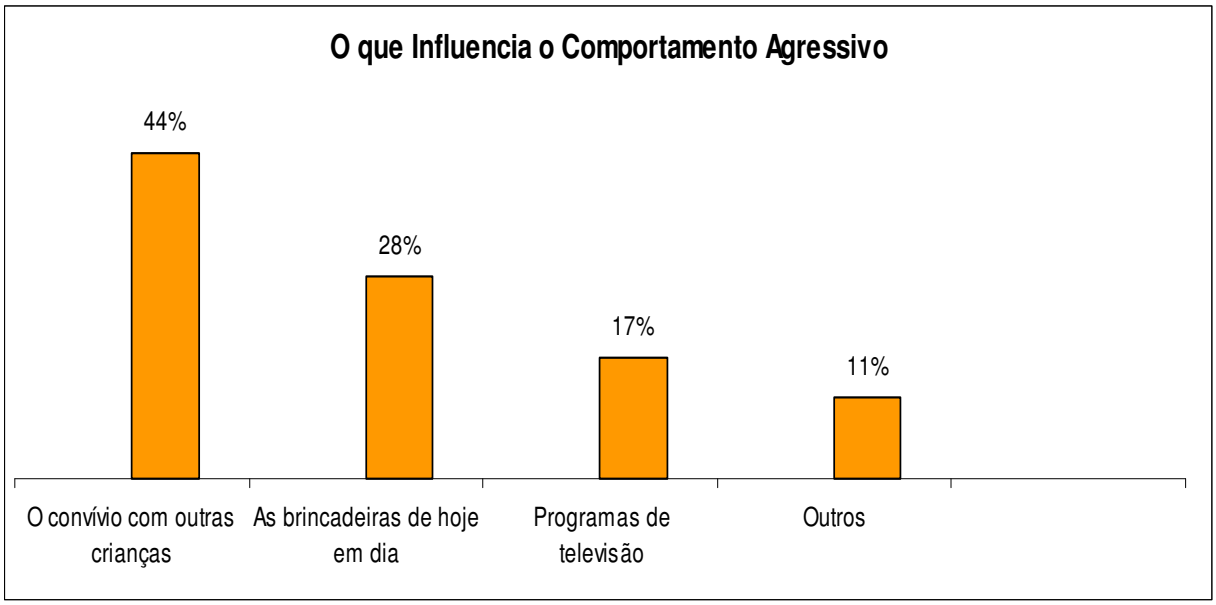


Figura 25: O que Influencia o comportamento agressivo.

É importante observar que 72% das respostas dadas pelos entrevistados revelam que o comportamento agressivo se aprende com o convívio com outras crianças e o modo como elas brincam. Um pai relata:

> "Ele aprende tudo o que as outras crianças fazem".

Nesse sentido, Silva (2010) orienta que pais e educadores devem estar sempre atentos sobre o grupo de amigos os quais a criança convive. Para a autora, a amizade exerce forte influência sobre cada um e cabe aos responsáveis interferir nas relações interpessoais.

Entre outras contribuições foram citadas, o convívio em casa e os problemas de relacionamento com os pais separados são situações que favorecem a conduta agressiva.

Os pais também foram questionados sobre o envolvimento da Escola e se está já os convocou por fatores relacionados ao comportamento hostil, como se vê:

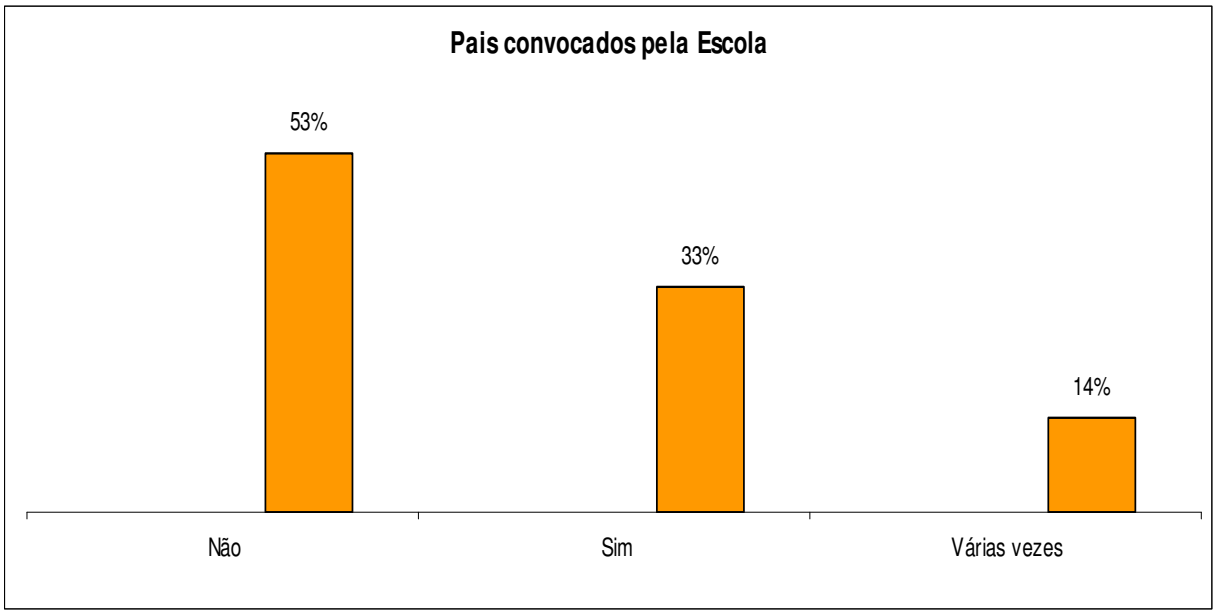


Figura 26: Pais convocados pela escola.

As respostas apontam para 47% dos pais que já foram convocados pela Equipe Pedagógica para tratar de assuntos relacionados a comportamentos agressivos.

Deste modo, a comunicação entre família e a Escola necessita progredir como é percebido nos 53% dos pais que registram nunca terem sidos convocados pela Escola e explicam que desconhecem como é o comportamento do seu filho neste ambiente.

Acreditando na importância das interações sociais como princípio para o desenvolvimento da criança, se faz necessário repensar sobre o papel das famílias e da escola como agentes atuantes na educação social. Escola e família precisam estreitar os laços e se tornarem mais parceiras.

Quando questionados sobre qual atitude dos pais quando seu filho manifesta comportamento agressivo na escola, os entrevistados citaram diferentes respostas:

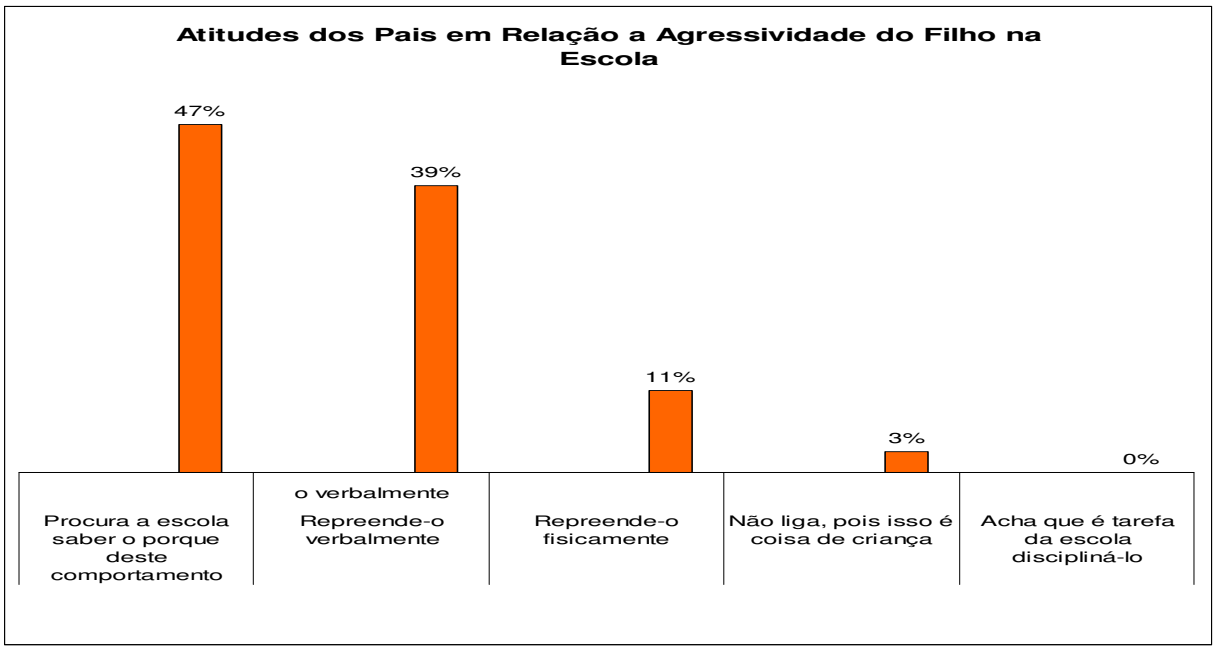


Figura 27: Atitudes dos pais em relação a agressividade do filho na escola.

Os modelos que os pais utilizam para repreender o filho quando este comete algum ato hostil é mostrada na Figura a cima como sendo 50%. Entre as repreensões verbais foram citadas os gritos e xingamentos. E repreensões físicas foram apontadas a palmadas, chinelada, puxão de orelha, castigos. O que sugere que atos de agressão são comuns em muitas dinâmicas familiares fundamentando as relações entre pais e filhos embasadas pelo autoritarismo, pelo desrespeito e a pela desvalorização da criança. Reforçando o ciclo vicioso de educação herdada pelos pais como pode se ler no depoimento de um pai:

> "No meu tempo não tinha conversa! Surra! Era assim que respeitávamos nossos pais e eramos mais obedientes. E em casa é assim".

Percebe-se que s respostas fornecidas pelos professores e pelos pais contribuíram para elucidar a questão norteadora dessa investigação, como também esclarecer as hipóteses levantadas.

O fato é que a escola e a família são ambientes importantes que favorecem a aprendizagem social da criança. Neles estão embutidos valores que conduzirão as ações e as relações interpessoais por toda a vida, muitas vezes transmitidos pelo exemplo e pelo o afeto, como pôde ser observado na análise dos dados levantados.

Pode-se perceber que as famílias entrevistadas vivem as margens de suas relações, onde a frustração, os conflitos, a falta de paciência e a ausência de afeto predominam no lar. Por outro lado, parece que todas buscam o equilíbrio para viverem com tranqüilidade e alegria entre os seus.

Contudo, a escola é o ambiente que opera os mais diversos saberes, onde possibilita a aprendizagem social e a formação do caráter, encontra-se desestruturada no que se refere a sua organização enquanto equipe e em relação ao preparo do corpo docente em lidar com situações de conflito.

Desse modo, a escola e a família são responsáveis pela educação das crianças e precisam falar a mesma linguagem que Morais (1995) descreve como a mais importante, a linguagem do amor:

> O Amor como reconhecimento e aceitação do outro como ser humano integral, é a pedra angular e a dinâmica do edifício educacional; e o amor tem como sua exigência mais nuclear a indispensabilidade do diálogo. O mais autêntico trabalho educacional exige paciência, benignidade...sem omissão (p. 75).

6. DISCUSSÃO

Buscamos uma escola de cidadãos , indispensável ao entendimento e a prática da democracia. Procuramos, no mais ínfimo pormenor da relação educativa, formar o cidadão democrático e participativo, o cidadão sensível, o cidadão fraterno e tolerante.

José Pacheco

Para o enquadramento da discussão dos resultados obtidos, a autora achou interessante introduzir pensamentos de autores que iluminam esta discussão.

Desde o nascimento de uma criança ensina-se o que é certo e errado e a partir disso reproduzem-se os valores de uma determinada sociedade. Para Heller (2000), "o homem nasce já inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o individuo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade em questão" (p. 18). Para a autora esse "amadurecimento" para a cotidianidade inicia-se pela comunicação social e por grupos como a família, escola e pequenas comunidades. Continua:

> E esses grupos *face to face* estabelecem uma *mediação* entre o indivíduo e os costumes, as normas e a ética de outras integrações maiores. O homem aprende no grupo os elementos da cotidianidade (por exemplo, que deve levantar e agir por sua conta; ou modo de cumprimentar, ou ainda como comportar-se em determinadas situações, etc.) (p. 19).

Considerando que o homem interfere e influencia toda uma comunidade, entre suas ações existem conseqüências que dificilmente poderão ser calculadas. Muitos estudos têm-se realizado e contribuído sobre a gênese da personalidade e do comportamento onde se busca encontrar as causas da agressividade. Pervin e John (2004) citam três determinantes ambientais que influenciam a formação da personalidade: a cultura, a classe social e a família. Para os autores "crianças de temperamento agressivo podem selecionar ambientes diferentes, provocar diferentes respostas nos outros e responder diferente aos mesmos eventos ambientais do que crianças de temperamento passivo" (p. 30). Ou seja, "a hereditariedade fixa um número de resultados possíveis, mas o ambiente é que finalmente determina o resultado específico" (p. 31).

Deste modo, compreende-se que todas as pessoas envolvidas dentro de um contexto familiar necessitam organizar-se como uma unidade sólida e consciente do seu papel formador e transformador, principalmente por ser o primeiro contato que a criança tem ao nascer. Percebe-se que há necessidade do ambiente familiar estabelecer um conjunto de valores que favoreçam o desenvolvimento intelectual, moral e social, possibilitando o acolhimento entre seus membros através do amor, fraternidade, orientação e respeito.

Costa (2004) em estudo sobre agressividade na adolescência conclui que a forma como os pais interagem com seus filhos, seja do ponto de vista emocional, seja com seu

"status" conjugal, transmitindo aos filhos ensinamentos pelos exemplos que oferecem, principalmente quando lidam individualmente com seus próprios sentimentos e com os sentimentos que se passam na vida conjugal. Pode-se dizer que muitos pais podem favorecer uma boa educação como contribuir para o fracasso dos filhos, mesmo não sendo intencional.

Deste modo, o contexto familiar parece ter-se transformado em um espaço de ausência e exclusão, ou seja, a falta de diálogo e a dificuldade em lidar com comportamentos conflituosos distanciam-se significativamente os filhos dos pais. Costa (2004) considera que são de momentos vividos no meio familiar que os indivíduos extraem profundos ensinamentos, também, constata-se que experiências vivenciadas na infância e na adolescência, transmitem mensagens emocionais de fundamental importância que, poderão determinar o curso de toda uma existência.

Quantas vezes já se ouviu falar que a família não impõe limites ou que tal comportamento é coisa de criança, próprio da idade e tantos outros comentários. É certo que a maior parte das dificuldades infantis passam pela família, porém é nessa mesma fase que ocorrem as principais aprendizagens sociais.

Feitas essas considerações, passa-se à discussão dos resultados.

Por esse estudo, foi possível perceber três tipos de conduta que as famílias das crianças que apresentam comportamento agressivo, violento e explosivo descrevem como sendo a melhor maneira em orientá-las. Mediante as respostas dadas, alguns pais realizam a vontade dos filhos para evitar atritos ou confusão e também agem desse modo porque acreditam que é uma fase da idade. Outros entendem que a punição como castigos, surras, gritos são atos que resolvem uma situação de conduta hostil ou explosiva do filho. E há pais que dizem que o diálogo é o melhor instrumento e que tudo é uma fase passageira. Muitos pais confessaram sentir dificuldades em lidar com situações difíceis e com a própria educação dos filhos.

Compreende-se que nenhuma criança se descontrola por nada ou por tudo, os pais necessitam buscar as causas que estão por trás dos acessos de raiva, faniquitos, falta de controle da criança para poder ajudá-la a progredir na sua conduta. A omissão, a superproteção, ou o descontrole emocional da família reforça para a criança a afirmação que o mundo deve mudar, não elas. O autoritarismo excessivo de pais mais severos, que usam da força verbal e física para resolverem uma determinada situação reforça positivamente tal comportamento.

Cabe aos adultos estabelecer diretrizes sobre qual é o comportamento aceitável ou não. É no lar que a criança deve aprender que não é igual ao adulto e deve obedecer à família e aos padrões sociais.

Há estudos demonstrando que a forma com que os pais se relacionam com seus filhos seja com simpatia, com omissão, com indiferença ou rigidez, interfere profundamente na formação emocional e da personalidade da criança. Compreende-se que a relação familiar é formada por um conjunto de valores que se somam durante o cotidiano e que vai delinear a base de outras mais relações.

No decorrer das análises, percebeu-se que a escola é inquestionavelmente fundamental no processo educativo de uma criança. Educar, segundo o dicionário significa "1. Promover o desenvolvimento da capacidade intelectual, moral e física de (alguém), ou de si mesmo. 2. Instruir (se)" (Ferreira, 2001, p.251). Entende-se que educar é conduzir uma pessoa a realizar e desenvolver seu potencial. Portanto, a escola necessita conhecer seu aluno o mais profundamente possível no contexto em que vive, as suas limitações e as suas habilidades para poder conduzi-lo.

Nessa perspectiva, quando a pauta refere-se ao comportamento agressivo na escola, visualizam-se ações como xingamentos, palavrões, provocações verbais, desrespeito com o material e patrimônio público, violência física. Atos cruéis que interferem na vida não apenas de uma pessoa, mas de todo o grupo escolar, que por sua vez, precisa refletir e reformular a sua prática educacional com o objetivo de buscar as causas do comportamento agressivo entre os alunos.

De acordo com os dados fornecidos pelos professores identificaram-se indicativos que contribuem para a manifestação do comportamento agressivo dentro do contexto escolar. Compreendeu-se que a educação é de responsabilidades de todos e só pode ser possível obter resultados positivos quando houver maior proximidade entre a escola e a família.

A pouca comunicação e interação entre equipe pedagógica e professores dentro de uma perspectiva de ensino que estimule e busque elementos que prendam a atenção do aluno, que o despertem para a transformação e a inclusão de uma educação moral, onde possibilite novas estratégias didáticas, para que o educador possa abordar com competência as diretrizes curriculares reflete-se no comportamento dos alunos como atos indisciplinares, desinteresse, conflitos.

Observou-se que a ausência de planejamento e organização dos diferentes espaços como a hora do recreio, ginásio de esporte, sala-de-aula favorecem a conduta hostil e situações de conflitos.

Constatou-se que o professor encontra dificuldade em lidar com o aluno que apresenta comportamento agressivo e violento, pois, nem sempre a experiência e o conhecimento científico são suficientes para solucionar os problemas que aparecem "repentinamente", e com isso, não conseguem ou não sabem estabelecer uma aprendizagem significativa onde as relações humanas acrescentem na aprendizagem.

É pertinente lembrar que no ambiente escolar se encontram muitas pessoas com histórias de vida diferentes e percebeu-se por esse estudo que o professor que pesquisa, dialoga, que oportuniza experiências, que utiliza recursos didáticos para enriquecer sua prática pedagógica em sala de aula, incluindo uma vigilância diária sobre o que é ou não permitindo fazer consegue orientar condutas e promover um espaço onde as diferenças sejam sinônimos de diversidades e não de desigualdades.

Lembra-se também, que os valores que regem as relações humanas como o respeito, a cooperação, a solidariedade, a generosidade e o amor se aprendem primeiramente na família e em seguida na escola e são assimilados por seus membros, sobretudo por meio de exemplos, ou seja, o que se aprende no ambiente familiar e escolar se amplia para a sociedade. Essa reflexão sugere profunda conscientização sobre os próprios atos praticados, pois, pais e professores têm o desafio de ensinar a criança a ser responsável, equilibrada e agir de maneira consciente.

7. CONCLUSÕES

(...) E no despertar eu percebo,
O amor grandioso e perfeito
Que faz sentir que o presente
É a vida plena, na harmonia do ser...

Maria Edna H. de Oliveira

O propósito deste estudo foi discutir as condutas agressivas e sua origem nas crianças de idade compreendidas entre 6 a 10 anos que estudam na Escola Municipal Dario Vellozo, assim como aprofundar o conhecimento sobre causas e manifestações no ambiente escolar e familiar.

No decorrer desta pesquisa percebeu-se que a agressividade é um componente presente em todas as pessoas desde a mais tenra idade como necessidade de auto-preservação e está intimamente ligada à personalidade. Esse tema permitiu a reflexão sobre as causas e manifestações das atitudes agressivas em crianças, visto que as relações sociais que se estabelecem nessa fase são fios condutores que controlam as condutas e os sentimentos mais profundos contribuindo também para a aprendizagem moral e convivência entre as pessoas.

Investigaram-se quantitativa e qualitativamente professores e pais dos alunos matriculados na referida Escola o que possibilitou conhecer o que pensam sobre o comportamento agressivo e as dinâmicas utilizadas por eles para lidar com situações de conflito.

Durante os trabalhos escolares identificou-se que atitudes agressivas e violentas se manifestam diariamente. Entre os comportamentos hostis mais praticados foram detectadas as agressões físicas: chutes, socos, destruir pertences do outro, jogar objetos em outro colega, "brincadeiras de luta", jogar pedras, empurrar, pontapés e agressões morais como: xingar, insultar professores, colegas e membros de sua família e ainda as intrigas (falar mal do colega); excluir o colega de alguma brincadeira, discriminando-o por algum motivo. A pesquisa mostrou que essas atitudes entre os escolares ocorrem com maior incidência durante os intervalos das aulas justo no momento de troca de professores, ou seja dentro da sala de aula. Mas também ocorrem nos recreios, entrada e saída das aulas.

Para melhor compreensão sobre o tema buscaram-se na revisão bibliográfica alguns estudiosos que conceituaram a agressividade de diferentes modos a seguir comentados.

Para Train (1977) a agressão é uma tendência inata para o indivíduo defender-se e dominar o mundo a seu redor. Pode ser percebida como uma característica de todas as formas de vida. Cada pessoa nasce com sua personalidade própria e reage diferentemente às situações do seu ambiente social.

Storr (1970) percebe a agressividade como uma função biológica importante e essencial para a sobrevivência, para a conservação do homem e da sua espécie, que encontraria dificuldades para sua adaptação. A agressividade como impulso pode ser

controlada através de meios externos, porém esse sistema agressivo é perigoso quando posto em ação pela frustração ou quando ameaçado.

A agressão investigada por Montagu (1978) é considerada como comportamento biológico que todos os seres humanos são capazes de manifestar. Atribui à cultura a capacidade de controlar os instintos e influenciar a evolução física e cultural do ser humano capaz de se adaptar ao meio onde vive.

Para Lorenz (1979) a agressividade é um comportamento genético potencial em qualquer organismo que pode ser ativado por um estímulo desencadeador, importante para a preservação da vida. A evolução do homem se dá mediante suas relações sociais.

Montagu (1978) e Lorenz (1966) comungam com a idéia de que quanto mais significativas as experiências do homem maior é a sua aprendizagem e sua evolução.

Bandura (1969) explica que uma pessoa se torna agressiva se for exposta a modelos agressivos. A agressividade é resultado de um modelo social agressivo.

Para Weil (1961) a maneira de ser de uma pessoa é determinada por um conjunto de características que fazem parte da personalidade. Refere-se a três funções distintas que formam a personalidade: função intelectual, temperamento e caráter.

Winnicott (1987) identifica a agressividade como sendo presente em todas as pessoas, porém se manifesta conforme a experiência de cada um. Para ele, cada pessoa age de modo diferente em relação à agressividade.

Dados as múltiplas interpretações e conceitos sobre a agressividade humana uma análise mais profunda a nível psicológico seria necessária, embora se tenha ciência que outros conhecimentos históricos e filosóficos são de imensa importância para um estudo dessa natureza devido à sua complexidade.

Constatou-se mediante as informações relatadas pelos pais que a agressividade está profundamente ligada à falta de afeto e aos valores morais. Considerando a criança em seu primeiro contato social – a família, observou-se a preocupação dos pais em educar filhos e a dificuldade que estes encontram em orientá-los. Ou os pais repreendem severamente seu filho com o objetivo de controlá-lo ou demonstram tolerância excessiva “coisa de criança, já passa” ou “é melhor não contrariá-la”. O diálogo ainda é pouco praticado no âmbito familiar. Verificou-se também que o tempo de que os pais dispõem para seus filhos é relativo em relação à qualidade, pois, pais que citaram passar poucas horas por dia com seu filho são os que mais buscam alternativas de lazer e atividades para eles.

Outro fator relevante observado são os conflitos familiares que interferem na conduta da criança significativamente, pais que discutem perante seus filhos tendem a ensinar-lhes tais comportamentos que se refletem nas relações dos pequenos na Escola. Deste modo comprova-se que a criança aprende a ser agressiva pelo exemplo das pessoas com quem convive. A criança que não se sente segura, amada em seu lar tende a ser um adulto inseguro e instável emocionalmente. Nesse sentido o afeto e amor não significam que regras e normas percam a importância, pois a criança necessita entender limites e respeito pelo próximo e por si mesma**.**

De acordo com as informações obtidas referentes ao questionário aplicado aos professores, verificou-se que estes se preocupam com a formação intelectual e emocional dos seus alunos, embora muitas situações mostrem a dificuldade em lidar com conflitos que emergem no cotidiano escolar. Dentre as dificuldades observadas na escola, revelou-se que os professores sentem-se sozinhos nesse processo e desacreditados em relação à importância do trabalho em equipe e suporte pedagógico. Outro fato que chama a atenção é a necessidade de refletir sobre a organização escolar no que se refere à prevenção da agressão e violência entre os escolares.

É pertinente salientar que a escola é um ambiente social e como tal necessita agir enquanto equipe e redefinir um paradigma que além dos conteúdos programáticos sejam compreendidas as relações interpessoais entre os escolares.

Professores que conhecem melhor seus alunos e buscam alternativas didáticas como jogos, brincadeiras, entre outros, e entendem que o diálogo é uma ferramenta importante nas relações entre os escolares, têm menos conflitos e ações agressivas em sala de aula.

As situações detectadas na pesquisa revelam falhas nas relações afetivas por parte dos pais e professores que em muitos casos não encontram o equilíbrio e bom senso para lidar com situações de conflito.

Embora não foi o alvo dessa investigação analisar o *bullying* entre as crianças, sua manifestação foi detectada durante a coleta de dados desta pesquisa sob a forma de maus tratos contra a mesma criança repetidamente. É inquestionável a seriedade desse assunto, pois, percebeu-se que pais e professores investigados confundem algumas atitudes agressivas entre seus alunos ou filhos como “brincadeira de criança”. A “normalidade” considerada pelo adulto desinformado e/ou omisso pode trazer conseqüências graves para todos os envolvidos desde danos físicos, até psicológicos.

Também não foi objetivo maior investigar a influência da mídia no comportamento das crianças, em especial os desenhos animados dos programas de TV, embora percebeu-se que esta existe e exerce um poder cultural forte, refletindo-se nas brincadeiras das crianças.

Durante a investigação detectaram-se fatores que podem auxiliar pais e professores a atuarem como orientadores na educação e na vida da criança e principalmente daquela considerada difícil: conhecer a criança no sentido de saber de suas necessidades, o diálogo com a intenção de aproximar e não coagir e o amor como forma inesgotável de possibilidades.

Cabe salientar que esta investigação não tem a pretensão de esgotar ou analisar exaustivamente um tema tão complexo do comportamento agressivo em crianças, por compreender que as pessoas estão em constantes transformações. Outras pesquisas podem ser de grande importância como análise do histórico de vida e outras questões que possam elucidar e trazer informações complementares para compreensão deste tema.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M. (2004). *Escolas Inovadoras – Experiências Bem Sucedidas em Escolas Públicas*. Brasília: UNESCO.

AQUINO, J. G. (1999). *Autoridade e Autonomia na Escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus.

ARIÈS, P. (1981). *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara.

BANDURA, A. (1969). *Modificação do comportamento*. 8 ed. Rio de Janeiro: Interamericana.

BEANE, A. L. (2010). *Proteja seu Filho Bullying*. Rio de Janeiro: Best Seller.

BENJAMIN, W. (2002). *Reflexões sobre a Criança, o Brinquedo e a Educação*. São Paulo: Editora 34.

BRASIL, Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Saraiva.

_____. (1990). *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Brasília: Imprensa Oficial.

_____. (1996). *Lei n 9.394, de 20 de dezembro de 1996: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília.

_____. Secretaria do Ensino Fundamental (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais, ética*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF.

_____. Secretaria do Ensino Fundamental (1998). *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF.

_____. (1998*). Conselho Nacional de Educação: Diretrizes Curriculares Nacionais: Resolução CEB n 02*. Brasília.

_____. (2001). *Lei n 10.172, de 09 de janeiro de 2001: Plano Nacional de Educação*. Brasília.

_____. (2006). Lei n. 11.274, de janeiro de 2006. Brasília.

CHALITA, G. (2008). *Pedagogia da Amizade – bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores*. São Paulo: Ed. Gente.

COSTA, E. P. D. (2004). *Comportamento Agressivo: Suas Causas e Suas Manifestações no Ambiente Escolar*. Dissertação (Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Departamento de Ciências Sociais e Humanas Área de Ciências da Educação. Lisboa.

CURITIBA. (2006). Secretaria Municipal da Educação. *Diretrizes Curriculares Municipais*: *Princípios e Fundamentos*, volume 01. Curitiba.

_____. (2006). *Diretrizes Curriculares Municipais*: *Ensino Fundamental*, volume 03. Curitiba.

_____. (2007). *Cadernos Pedagógicos, volume 09*. Curitiba.

_____. (2008). Secretaria Municipal de Educação. *Proposta Pedagógica Escola Municipal Professor Dario Persiano De Castro Velloso.* Curitiba.

DEMO, P. (1985). *Introdução à Metodologia da Ciência*. 2ª Ed.,São Paulo: Atlas.

DUARTE, J. B. (2002). *Igualdade e Diferença Numa Escola Para Todos: contextos, controvérsias, perspectivas.* Edições Universitárias Lusófonas: Lisboa.

FANTE, C. (2005). *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2ª edição. São Paulo Vírus: Editora.

FERREIRA, A. B. H. (2001). *Miniaurélio Século XXI Escolar: O mini dicionário da língua portuguesa*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

FREIRE, P. (1983). *Educação e mudança*. 12ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____. (1996). *Pedagogia da Autonomia*. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra.

GOLEMAN, D. (1995). *Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva.

GUARESCHI, P. (2009). *Psicologia Social Crítica: como prática e libertação*. 4ª Ed.,Porto Alegre: ediPUCRSp

HELLER, A. (2000). *O Cotidiano e a História.* 6ª Ed., São Paulo: Editora Paz e Terra.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. (1999). *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte: ed. UFMG.

LORENZ, K. (1979). *A agressão: uma história natural do mal*. 2 ed. Lisboa: Moraes.

LUZ, I. R. (2008). *Agressividade na Primeira Infância – um estudo a partir das relações estabelecidas pelas crianças no ambiente família e na creche.* São Paulo: Ed. Cortez.

MONTAGU, A. (1978). *A Natureza da Agressividade Humana*. Rio de Janeiro: Zahar.

MORAES, M. C. (1997). *O Paradigma Educacional Emergente*. 7ª Ed.Papirus Editora: São Paulo.

MORAIS, R. (1995). *Violência e Educação*. Campinas, Papirus Editora: São Paulo.

OLIVEIRA, M. de (2004). *Práticas Sociais De Adoção: Espaço Para Ação Do Serviço Geral.* Monografia (Curso de Graduação). Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Paraná.

PADUA, E. M. M. de. (2003). *Metodologia da Pesquisa: abordagem teórico-prática*. 9ª Ed. Campinas, São Paulo: Papirus.

PAROLIN, I. (2009). *Professor! A Formação do Professor Formador*. Curitiba: Editora Positivo.

PEREIRA, S. M. de S. (2009). *Bullying e suas implicações no ambiente escolar*. São Paulo: Paulos.

PERRENOUD, P.; THURLER, M.; MACEDO, L.; MACHADO, N. J.; ALESSANDRINI, C. D. (2002). *As Competências para Ensinar no Século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação.* Porto Alegre: Artmed.

PERVIN, A. L.; JOHN, O.P. (2004). *Personalidade: Teoria e Pesquisa*. 8ª Ed., Porto Alegre: Editora Artmed.

PIAGET, J. (1996). *Cinco Estudos para a Educação Moral*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

PRIORE, M. D. (ORG) (1991). *História Da Criança No Brasil*. SÃO PAULO: Editora Contexto.

ROMANELLI, E. J; ROMANELLI B. M. B.; ROMANELLI G. G. B. (2010). *A Escola Criativa: um diálogo entre Neurociências, Artes visuais e Música*. Curitiba: Editora Melo.

SANTAELLA, L. (2001). *Comunicação e Pesquisa. Projetos para mestrado e doutorado.* São Paulo: Hacker editores.

SAVIANI, D. (1992). *Pedagogia Histórico Crítica: primeiras aproximações*. 3ª Ed. São Paulo: Cortez Editora.

SAVIANI, N. (1998). *Saber Escolar, Currículo e Didática. São Paulo:* Autores Associados.

SILVA, A. B. B. (2010). *Mentes Perigosas nas Escolas: Bullying*. Rio de Janeiro: Objetiva.

STORR, A. (1970). *A Agressão Humana.* Rio de Janeiro: Zahar Editores.

SZYMANSKI, H. (2002). *Viver em Família como Experiência de Cuidado Mútuo: desafios de um mundo em mudança*. Serviço Social e Sociedade. N. 71, setembro, p. 09-23.

TAILLE, Y. de L. (1998). *Limites: três dimensões educacionais*. São Paulo: Ática.

TRAIN, A. (1977). *Ajudando a Criança Agressiva: como lidar com crianças difíceis*. Papirus, Campinas, São Paulo.

VIGOTSKY, L. S. (1988). *A formação social da mente.* Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo Martins Fontes.

VIGOTSKY, L. S. (1968). *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. São Paulo

WEIL, P. (1961). *A criança, o lar e a escola.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

WINNICOTT, D.W. (1990). *Natureza Humana*. Rio de Janeiro: Imago Ed..

_____. (1987). *Privação e Delinqüência*. São Paulo: Martins Fontes,

_____. (1999). *Tudo Começa em Casa*. São Paulo: Martins Fontes

9. APÊNDICES

APÊNDICE - 1

Questionário enviado aos Professores da Escola pesquisada.

APÊNDICE - 2

Questionário enviado aos Pais dos alunos da Escola pesquisada.

APÊNDICE - 1

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE CIÊNCIAS HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Prezado (a) Professor (a)

Sou aluna do curso de Mestrado em Ciências da Educação e estou realizando pesquisa com o objetivo de realizar o Trabalho de Conclusão de Curso. Para tanto, conto com sua colaboração no preenchimento do questionário a seguir, cujas respostas irão subsidiar a pesquisa em questão.

Esclareço que seu depoimento será mantido em absoluto sigilo e as respostas serão utilizadas apenas para os fins aqui mencionados. Desde já agradeço sua prestimosa colaboração.

Danielle Franco de Oliveira

1 – Identificação:

Formação: _____

Turma em que atua: _____

Há quanto tempo você trabalha com Ensino Fundamental?

( ) 1º ano ( ) 5 anos ( ) 10 anos

( ) 2 anos ( ) 8 anos ( ) Mais de 11 anos.

Há quanto tempo você leciona nesta Escola?_____

2 – Qual o foco do seu ensino?(ensinar o conteúdo, dificuldades de aprendizagem...)

_____

_____

_____

3- Qual atividade desenvolvida na sala de aula que há mais participação e interesse dos alunos?

( )Jogos ( )Leitura ( )Cópia ( )Outros. Quais?_____

4 – Como você definiria um aluno que apresenta comportamento agressivo?

_____

_____

_____

5- Quais são os atos agressivos mais freqüentes entre os alunos:

_____

_____

6 - Você observa que atitudes agressivas têm relação com comportamento genioso ou temperamental da criança? ( )Sim ( )Não

Justifique:_____

_____

7 – Em qual momento do período escolar percebe-se maior manifestação de atitudes agressivas?

( )Durante a aula ( )Durante as aulas de Educação Física,Informática, Artes, etc.

( )Durante o recreio ( ) Lado externo da escola: entrada e saída

( )Durante o lanche ( ) Outros. Quais?_____

8 – Qual sua reação e como se sente quando se depara com um comportamento agressivo em sala de aula?

( )Emocionalmente envolvido ( )Fora de controle ( )Envergonhado e Incompetente

Explique quais são os seus procedimentos diante desse ato?

_____

_____

_____

_____

9 – Como é o seu relacionamento com o aluno que apresenta comportamento agressivo? E qual deve ser a relação do professor com alunos agressivos?

_____

_____

_____

_____

10 – Descreva quais são os seus procedimentos e da equipe pedagógica em relação a esses alunos.

_____

_____

_____

_____

11- A dinâmica familiar favorece atitudes agressivas da criança?

( ) Sim ( ) Não

Justifique:_____

_____

_____

12- Qual sua sugestão para diminuir a agressividade escolar?

_____

_____

_____

_____

13 - A freqüência de atos agressivos tem aumentado desde o início de sua atuação nesta escola?

Justifique:_____

_____

_____

APÊNDICE - 2

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE CIÊNCIAS HUMANIDADES E TECNOLOGIAS

Senhores pais,

Sou aluna do curso de mestrado em ciências da educação e estou realizando pesquisa com o objetivo de realizar o trabalho de conclusão de curso. Para tanto, conto com sua colaboração no preenchimento do questionário a seguir, cujas respostas irão subsidiar a pesquisa em questão.

Esclareço que seu depoimento será mantido em absoluto sigilo e as respostas serão utilizadas apenas para os fins aqui mencionados. Sua participação é de extrema importância.

Desde já agradeço sua prestimosa colaboração.

Danielle Franco de Oliveira

1 – IDENTIFICAÇÃO:

RESPONDENTE

( ) PAI ( ) MÃE ( ) PAI E MÃE EM CONJUNTO

2 – IDADE:

DO PAI	DA MÃE
( ) Até 20 ANOS	( ) ATÉ 20 ANOS
( ) 20-29	( ) 20-29
( ) 30-39	( ) 30-39
( ) 40-49	( ) 40-49
( ) 50-59	( ) 50-59

3- QUANDO VOCÊ ESTÁ TRABALHANDO SEU (A) FILHO (A) FICA COM QUEM?

( ) MÃE QUE NÃO TRABALHA FORA DO LAR ( ) AVOS/TIAS/PARENTES

( ) IRMÃO (S) ( ) SOZINHO

( ) ESCOLA INTEGRAL

4- QUANTO TEMPO VOCÊ FICA COM SEU (A) FILHO (A) DURANTE O DIA?

( ) 2 HORAS

( ) MAIS DE 5 HORAS

( ) MAIS DE 10 HORAS

( ) NÃO TENHO CONTATO COM O MEU FILHO (A), POIS QUANDO CHEGO DO TRABALHO ELE (A) ESTÁ DORMINDO.

5- O QUE VOCÊ FAZ NOS MOMENTOS DE LAZER COM O SEU (A) FILHO (A)?

( ) FICA EM CASA COM ELE (A), APENAS OBSERVANDO-O SEM INTERAGIR

( ) VAI PARA O SHOPPING

( ) BRINCA COM ELE (A), DA BRINCADEIRA QUE ELE (A) MAIS GOSTA.

( )DEIXA LIVRE ASSISTINDO TELEVISÃO

( ) OUTROS_____

6- DURANTE ESSES MOMENTOS DE LAZER, VOCÊ PERCEBE ALGUM COMPORTAMENTO AGRESSIVO?

( ) QUASE SEMPRE

( ) NUNCA ELE (A) DEMONSTRA ESSE TPO DE COMPORTAMENTO

( ) SOMENTE QUANDO CONTRARIADO

7- COMO É A SUA RELAÇÃO COM SEU (A) FILHO (A)?

_____

_____

_____

8 - COMO É A RELAÇÃO ENTRE OS PAIS?

_____

_____

_____

9- SEU (A) FILHO (A) ASSISTE AS DISCUSSÕES FAMILIARES?

( )SIM ( )NÃO ( ) AS VEZES

10 – QUANDO SEU (A) FILHO (A) APRESENTA UM COMPORTAMENTO DE DESOBEDIÊNCIA, QUAL A ATITUDE MAIS FREQÜENTE DOS PAIS?

( )CASTIGAM

( )FAZEM AMEAÇAS

( )IGNORAM O FATO

( )CHAMAM A ATENÇÃO, ATRAVÉS DE CONVERSA

( )COMPARAM COM O COMPORTAMENTO DE OUTRO FILHOS, PARENTES OU AMIGOS

( )BATEM

( )PROMETEM RECOMPENSAS

( )PRIVAM-NO DE ALGO

( )OUTRAS. QUAIS?_____

11 – QUAL É A REAÇÃO DO SEU (A) FILHO (A) DIANTE DAS ATITUDES ASSINALADAS?

_____

_____

_____

12 – PARA VOCÊ O QUE É AGRESSIVIDADE?

_____

_____

_____

13 – VOCÊ ACREDITA QUE O COMPORTAMENTO AGRESSIVO DO SEU (A) FILHO (A) ESTÁ RELACIONADO AO TEMPERAMENTO, "GÊNIO DIFÍCIL" OU "PERSONALIDADE FORTE"? ( ) SIM ( )NÃO

EXPLIQUE:_____

_____

_____

14- PARA VOCÊ QUAL É O MOMENTO EM QUE SEU (A) FILHO (A) MAIS EXPRESSA COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS?

( ) QUANDO PEGAM OS PERTENCES DELE COMO: BRINQUEDOS E OBJETOS PESSOAIS

( ) QUANDO É CONTRARIADO

( ) QUANDO VOCÊ NÃO FAZ O QUE ELE QUER NA HORA QUE ELE QUER

( ) OUTROS:_____

15- EM SUA OPINIÃO: O QUE INFLUENCIA NO COMPORTAMENTO AGRESSIVO DE UMA CRIANÇA?

( ) PROGRAMAS DE TELEVISÃO

( ) AS BRINCADEIRAS DE HOJE EM DIA

( ) O CONVÍVIO COM OUTRAS CRIANÇAS

( ) OUTROS:_____

16 - VOCÊ JÁ FOI CHAMADO À ESCOLA PARA TRATAR DO COMPORTAMENTO DO SEU (A) FILHO (A)?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) VARIAS VEZES

17 – O QUE VOCÊ FAZ QUANDO SEU (A) FLHO (A) DEMONSTRA COMPORTAMENTO AGRESSIVO NA ESCOLA?

( ) NÃO LIGA, POIS ISSO É COISA DE CRIANÇA.

( ) REPREENDE-O VERBALMENTE

( ) REPREENDE-O FISICAMENTE (SURRA, CASTIGO,ETC.)

( ) PROCURA SE INFORMAR NA ESCOLA O PORQUÊ DESTE COMPORTAMENTO.

( ) ACHA QUE É TAREFA DA ESCOLA DISCIPLINÁ-LO (A).

10. ANEXOS

ANEXO - 1

Ficha acompanhamento pedagógico escola.

ANEXO – 2

Ficha de Encaminhamento do aluno ao Setor Pedagógico da Escola

ANEXO – 1

UNIDADE DE EDUCAÇÃO INTEGRAL DA ESCOLA MUNICIPAL PROF. DARIO P. DE C. VELLOZO

ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO

ALUNO:____

DATA DE NASCIMENTO:________________________________

PAI/RESPONSÁVEL:_______________________ FONE:__________

MÃE/RESPONSÁVEL:_______________________ FONE:__________

ENDEREÇO RESIDENCIAL:______________________________

ANO	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
CICLO ETAPA ANO								

DATA	REGISTRO	ASS:

ANEXO – 2

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA
SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO
NÚCLEO REGIONAL DA EDUCAÇÃO - CIC
ESCOLA MUNICIPAL PROF. DARIO PERSIANO DE CASTRO VELLOZO - EIEF

FICHA DE ENCAMINHAMENTO AO SETOR PEDAGÓGICO

ALUNO(A): _____

ANO:_____CICLO / ETAPA: _____ TURMA: _____ TURNO: _____

MOTIVO DO ENCAMINHAMENTO

ATIVIDADE QUE ESTAVAM SENDO DESENVOLVIDAS NO MOMENTO DA OCORRÊNCIA:

PROVIDÊNCIAS JÁ TOMADAS PELO PROFESSOR (A):

Data:____/____/____
Assinatura do professor:_____